

# Romesh Gunesequera – um escritor entre culturas

---

A LUA DO PEIXE MONGE – *Monkfish Moon short stories*

**Maria Fernanda Souto Moura**

**FACULDADE DE LETRAS  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO PORTO  
SETEMBRO 2009**

# Romesh Gunesequera – um escritor entre culturas

---

A LUA DO PEIXE MONGE – *Monkfish Moon short stories*

**Maria Fernanda Souto Moura**

**FACULDADE DE LETRAS  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO PORTO  
SETEMBRO 2009**

*Dissertação de Mestrado em  
Estudos Anglo-Americanos  
(variante Tradução Literária)*

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado contempla essencialmente a tradução de seis dos nove contos do livro *Monkfish Moon*, de Romesh Gunesequera, escritor nascido no Sri Lanka mas radicado em Inglaterra há mais de trinta anos. Com este trabalho procurei dar visibilidade à primeira das obras deste autor já internacionalmente reconhecido, mas pouco divulgado em Portugal, e pretendi também alargar os horizontes linguístico-culturais da língua de chegada e dar a conhecer uma realidade pós-colonial, geograficamente distante, o Sri Lanka. Sendo um escritor diaspórico, Romesh Gunesequera elege o texto como local de reencontro com a cultura Cingalesa, cabendo-me a mim, tradutora, evidenciar as ambiguidades e dificuldades desse reencontro que visa a harmonização intercultural.

## ABSTRACT

This MA dissertation encompasses essentially the translation of six out of nine short stories from the book *Monkfish Moon* by Romesh Gunesequera, a writer born in Sri Lanka, but living in England for over thirty years. With this work I tried to render visible the first book of this internationally recognized writer but still not much known or read in Portugal. Furthermore this work aims to broaden the linguistic and cultural horizons of the target language and to offer a picture of a geographically distant post-colonial reality, Sri Lanka. As a diasporic writer, Gunesequera presents the text as a place for the re-encounter with the Sinhalese culture; as for me, the translator, I tried to point out the ambiguities and difficulties of such a re-encounter which aims, above all, at the intercultural harmonization.

## **SUMÁRIO**

### **1 Introdução**

#### **1.1 O tradutor, um intérprete de culturas**

#### **1.2 Romesh Gunsekera: Apresentação biográfica**

##### **Justificação do interesse pela tradução desta obra**

#### **1.3 Um escritor entre culturas**

### **2. Tradução**

### **3. Adenda – Entrevista com o autor**

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 O Tradutor, um intérprete de culturas

A tradução da literatura integra a tradição da literatura e da cultura de um país. Tradução e tradição, tendo a mesma origem latina, contemplam o sentido de transporte. A tradição é, de facto, o transporte das vivências, dos costumes e dos valores de uma geração para a outra; tradução é o transporte de um texto de uma língua para a outra.

O tradutor tem uma missão nobre, que deverá saber abraçar com escrúpulos: ao traduzir uma obra literária, o tradutor está a contribuir para o engrandecimento dessa obra (Weissbort & Eysteinnsson 2006: 404); poderá inclusivamente contribuir para a sobrevivência dessa obra (Derrida 1998: 443) se esta contiver já na sua essência a potencialidade de alcançar a fama.

A tradução desempenha, pois, um papel importante na globalização, na democratização cultural e na imortalização dos autores e das obras. No âmbito da globalização e democratização, ao atravessar fronteiras espaço-culturais, a tradução facilita o acesso ao conhecimento universal, promove a tolerância e o respeito pelas diferenças e especificidades culturais – características fundamentais, sem dúvida, para que se possa observar o processo de acolhimento do “Outro”.

Vivendo cada cultura dentro da sua própria língua, a transmissão cultural entre o texto de partida e o de chegada será possível apenas se houver um árduo trabalho por parte do tradutor: caber-lhe-á interpretar, interrogar, decodificar, codificar, decidir. Todos os passos deste trabalho são dificultados pela distância espaço-temporal e cultural. No entanto, é nesta predisposição tolerante de aceitar e compreender o “Outro” que o tradutor se inscreve, numa atitude de humildade e curiosidade, como explica Sophia Mello Breyner:

É evidente que a tradução vive entre o possível e o impossível e por isso nada é mais vulnerável e exposto. É um trabalho que só podemos empreender aceitando à partida uma certa margem de impossibilidade. Um trabalho que nunca estará pronto, pois sempre haverá algo que apetece refazer. (Andresen 1965:VI)

Assim, o acto de traduzir alarga não só as fronteiras culturais, mas também as fronteiras linguísticas, tornando-se uma força revitalizadora e inovadora da língua:

The Basic error of the translator is that he preserves the state in which his own language happens to be instead of allowing his language to be powerfully affected by the foreign tongue... He must expand and deepen his language by means of the foreign language. (Benjamin 1923:82)

Com efeito, a transferência de palavras estrangeiras para o léxico da língua de chegada favorece a criação de novas palavras e permite formular novos conceitos e emoções, provocando ajustamentos semânticos e gramaticais na língua de chegada.

Ainda de acordo com Hans Erich Nossak, a tradução de autores estrangeiros comporta sempre a vantagem de evitar que a literatura se torne demasiado nacionalista e provinciana; Hans Georg Gadamer vai mais longe, considerando que o processo da tradução compreende na sua essência todo o segredo da compreensão humana do mundo e da comunicação social (cit.Schulte & Biguenet 1992 I-8-9).

Concluindo, a tradução permite a sobrevivência do texto, revitaliza e recria a língua de chegada, alarga os horizontes culturais e promove a (re)conciliação intercultural; numa perspectiva idealista, poderíamos dizer que ela fomenta os valores da compreensão, da tolerância e da humildade, numa palavra a paz, quer por parte dos agentes tradutores, quer por parte dos leitores da língua de chegada relativamente aos valores culturais do texto de partida.

Esta emergência da dignidade do “Outro” leva por vezes à necessidade de se optar pela estrangeirização, no processo da tradução. O respeito pelo “Outro”, pela unicidade da sua língua e da sua cultura leva-nos a concluir que o “Outro” tem algo de intraduzível que faz parte do seu sistema linguístico-cultural. A intraduzibilidade é o reverso da traduzibilidade. E é sobre esse “double-bind”, sobre essa tensão, que se deve construir a ética dialógica da tradução que implica a compreensão do “Outro” (Silva:156-157).

O tradutor funciona, pois, como um mediador cultural e linguístico. As suas interpretações e mundivisões vão ajudar a estabelecer a comunicação entre dois grupos culturalmente diferentes. É no seio da tradução que se acolhe a diversidade, mas também é nela e por causa dela que as diferenças podem ser atenuadas. A sua responsabilidade é grande, já que pode ajudar a estabelecer pontes ou provocar rupturas, como explica Jeremy Munday:

Michael Cronin has a view of translation as actually fostering diversity. Translation negotiates meanings and thus creates an intermediary zone of mediation which is socially necessary in densely populated multicultural centres. Without it, communities remain portioned and shut up in their own mental worlds and prone to conflicts. Cronin projects a vision in which translation helps to increase the totality of humanity’s knowledge base without undermining cultural specificity. (Munday 2008:104-105)

## 1.2 ROMESH GUNESKERA: Apresentação biográfica. Justificação do interesse pela tradução desta obra



Romesh Gunesequera nasceu em 1954, na cidade de Colombo no Sri Lanka. A infância e a adolescência passou-as no Sri Lanka e Filipinas. Em 1971 foi viver para Inglaterra e aí permaneceu.

A sua primeira obra foi um livro de contos ***Monkfish Moon*** (1992), que em 1993 foi nomeado “Notable Book of the Year” pelo New York Times Book Review.

O seu primeiro romance, ***Reef*** (1994), foi incluído na lista de finalistas do Booker Prize e do Guardian Fiction Prize. Ganhou o prémio Yorkshire Post Book para o melhor primeiro trabalho e foi nomeado New Voice Award nos EUA. Em 1997 ganhou o Premio Mondello Five Continents Asia Prize.

***The Sandglass*** (1998), o seu segundo romance, ganhou o prémio BBC Asia Award.

É também autor dos romances ***Heaven’s Edge*** (2002) e ***The Match*** (2006).

***The Spice Collector /O Coleccionador de Especiarias*** (2008) é uma edição bilingue (inglês / português), cuja publicação se insere no âmbito das comemorações dos 500 anos do Funchal.



“Em Março de 2004, tive a sorte de visitar o Funchal para falar aos alunos da Escola Secundária Francisco Franco (ESFF) e da Escola da APEL sobre escrita e sobre a natureza mágica da ficção. O entusiasmo e a imaginação dos alunos destas escolas levaram-me a querer saber mais sobre a Madeira e lançaram-me numa viagem pelos seus 500 anos de história cheia de surpreendentes ligações.

Descobri que em meados do século XVII, um tal capitão João Ribeiro, retirado das suas viagens, veio para o Funchal e começou a escrever um livro sobre história, guerra e especiarias. Vivia obcecado com a sua experiência de vinte anos de vida, numa outra ilha para além do continente africano – o Sri Lanka, a famosa Taprobana, mencionada em *Os Lusíadas*. A ideia de alguém que vivia no Funchal sonhando com o Sri Lanka, tal como alguns dos jovens que eu conheci haviam feito, mas trezentos anos antes, foi uma tentação a que não consegui resistir. Assim, num esforço para fechar o ciclo, comecei a escrever um conjunto de histórias passadas no Funchal dos anos 1660. Um local tão perto ou tão distante para o comum dos seus habitantes, tal como o era a ilha de Heaven’s Edge ou a do conto Carapace para os jovens da ESFF e da APEL.”

(Gunsekera 2008:010)

Foi esta introdução ao livro *Coleccionador de Especiarias* que despertou o meu interesse pelo conhecimento de um autor que tentou fundir as Histórias e Culturas de dois povos cujas raízes de relacionamento remontam ao Período dos Descobrimentos, como referia Camões em OS LUSÍADAS:

As armas e os *barões* assinalados  
Que da Ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca dantes navegados  
Passaram ainda além da *Taprobana*

Contudo, a minha primeira abordagem ao livro *Coleccionador de Especiarias* deveu-se à minha curiosidade académica para ver o resultado de uma edição bilingue.

A ideia de traduzir um conto e a de essa tradução, juntamente com o original, poderem servir de objecto de estudo aos alunos da minha escola, no âmbito das disciplinas de Inglês e Português, começaram a entusiasmar-me e levaram-me até ao livro *Monkfish Moon*.

Mais tarde, a necessidade de traduzir um livro para esta dissertação de mestrado, o contacto com o autor, facilitado por Fitch O'Connell, do British Council, e a concordância daquele na tradução de um dos seus livros para fins académicos, fizeram com que a minha escolha recaísse neste livro, que nunca foi traduzido para o português, nem mesmo para o do Brasil e também pela razão da exequibilidade do trabalho escolar anteriormente referida.

*Monkfish Moon* é uma colectânea de contos que aborda questões de identidade num país envolto em tensões político-sociais, conflitos étnicos que geram uma vasta onda de violência. A esperança de recuperar um passado, associada à de reconstruir um futuro, convergem para o texto, lugar privilegiado de encontros e desencontros, esperanças e desilusões, tranquilidade e tensões que marcam as vidas das personagens.

Nestes contos, através da narrativa e da construção das suas diferentes personagens, Gunsekera aborda as marcas de um colonialismo ainda recente, bem como as transformações causadas pelos conflitos político-sociais e étnicos do período pós-colonial, onde se adivinham as dificuldades de afirmação das bases da emancipação nacional.

*Monkfish Moon* é o título do livro e também o do último dos seus contos. É sem dúvida um estranho título. Inicialmente, pensei que a sua compreensão dependeria da separação dos três elementos, *Monk*, *Fish* e *Moon*, isto é, o monge, o Monge, o Peixe e a Lua. Cheguei mesmo a congeminar uma explicação, assente nas seguintes ideias:

- *Monk* – remetendo para a espiritualidade, desprendimento e reclusão, características que cabem perfeitamente em Peter, personagem principal do último conto.
- *Fish* – o mar como local onde a imaginação se espraia e também como uma vertente laboral e gastronómica que é fonte de prazer. Estes aspectos, mais uma vez, caracterizam Peter.
- *Moon* – a beleza intocável e a serenidade misteriosa, às quais Peter é sensível.

Posteriormente, ouvindo a explicação do autor, optei por seguir a sua sugestão e construir o título no mesmo espírito em que ele fora traduzido para o italiano, *La Luna del Pesce Monaco- A Lua do Peixe Monge*.

Peter, a personagem principal deste conto, é um homem de negócios bem sucedido, apesar de a sua riqueza ter tido como base alguma falta de lisura. Fisicamente, era desagradável – era baixo, tinha excesso de peso, e quando o seguravam “*era como tentar agarrar um enorme balão de água*” (p.). Na verdade, a sua aparência era flácida, negligenciada e decadente, numa palavra, inestética.

Contudo, por trás desta aparência desagradável e da honestidade duvidosa, existe um homem fisicamente fragilizado, profundamente solitário, com necessidade e dificuldade em comunicar, procurando afecto desinteressado, despojado da materialidade, e com uma dimensão espiritual desconhecida por todos quantos o rodeiam. Com efeito, Peter manifesta um desejo de ascender a uma espiritualidade, corporizada na lua, que o liberte da materialidade que ele desvaloriza.

Algumas das suas características físicas são também atributos do Peixe-Monge, vulgo Tamboril, que, apesar da sua aparência, tem uma carne de excelente sabor, pela qual nos apaixonaremos se a quisermos provar; do mesmo modo, só nos poderemos aperceber da dimensão espiritual e do valor de Peter se tentarmos ultrapassar a barreira da repugnância que o seu físico nos suscita. É pois sobre esta analogia entre o peixe e Peter que repousa o título do conto: tal como o peixe, Peter possui uma interioridade digna de apreço que contrasta com a inestética aparência exterior.

### 1.3 Um escritor entre culturas

Sendo um escritor da diáspora, Gunesequera situa-se entre duas mundivisões, entre universos de valores diferentes, entre culturas diferentes, entre o imaginário diaspórico do Sri Lanka e a sua vivência Sul-Asiática Britânica, entre um imaginário paradisíaco e uma realidade apocalíptica de uma guerra civil; por fim, entre vocabulários diferentes. É na verdade na língua e através dela que o escritor espelha todas as contradições que marcaram a sua existência. Salman Rushdie confirma este aspecto relativamente aos escritores pós-coloniais em *Imaginary Homelands*:

...we can't simply use the language the British did; it needs remaking for our own purpose. Those of us who do use English do so in spite of our ambiguity towards it or perhaps because we can find in that linguistic struggle a reflection of other struggles taking place in the real world, struggles between the cultures within ourselves and the influences at work upon our society" (cit.Jayawickrama: 2002).<sup>1</sup>

A esta ideia, Gunesequera acrescenta: "what I'm doing with English Language fits in that postcolonial model of changing the way you use English..." (ibidem)

Com efeito, a língua reflecte toda a luta e contradições interiores e exteriores ao escritor vividas no contexto cingalês, um ambiente de guerra, de conflitos étnicos, de desigualdades sociais e de género. Mas a língua não se limita a reflectir, ela ajuda também a construir, e poderá mesmo afirmar-se como um elemento importante para a definição da identidade e para dignificação nacional. Mas a verdade é que se por vezes o efeito pretendido é mesmo alcançado, já que o texto se impõe pela força da autenticidade como uma representação importante na reconstrução da dignidade nacional, outras vezes as representações culturais nele inscritas tendem a sugerir meros pólos de atracção consumista – um produto diferente, exótico encontra boa recepção no

---

<sup>1</sup> [www.dur.ac.uk/postgraduate.english/reef.html](http://www.dur.ac.uk/postgraduate.english/reef.html)

mercado global mercantil – desmerecendo ou anulando o esforço emancipatório do discurso pós-colonial.

Gunesequera manipula estas representações e usa a *adaptação* como suporte para a (re)construção da ideia de identidade nacional. A adaptação ocorre a nível de experiências e situações e, como vimos já, da linguagem. As decisões da tradução que apresento como parte integrante desta dissertação de mestrado tentam interpretar e descodificar esses modelos adaptativos.

Desenvolvendo a sua identidade cultural num espaço diferente do seu imaginário diaspórico, Gunesequera reserva o reencontro com a cultura cingalesa no espaço dos seus textos, onde tenta entrelaçar as experiências e as vivências de colonizadores e colonizados de forma harmoniosa, embora frequentemente a realidade de um país agitado e em conflito belicista se sobreponha aos ideais de convivência inter-cultural.

Em “Ullswater”, por exemplo, Gunesequera avança com um jogo de palavras curioso: em resposta à sugestão “you must have some English beer” (p.63)<sup>2</sup>, Victor, o narrador, substitui “beer” por “bitter”, referindo-se à “Ranjit’s English bitter” (*idem*, p.76), mostrando deste modo que as duas culturas ainda não se harmonizaram e que o entrelaçamento cultural será por isso difícil.

Do mesmo modo, o narrador de “House in the Country” permite-se um comentário sarcástico acerca do processo eleitoral: “He’d heard people say that they should hold elections – the government might even win” (p. 13)<sup>3</sup>. Nesta frase, o recurso ao discurso indirecto, no meio do discurso directo, bem como o uso do pronome “they”, mostram o distanciamento e o não envolvimento (dando continuação a uma prática do tempo do colonialismo) da personagem no processo revolucionário em curso. Esta estratégia de distanciamento reflecte-se também nas formas de tratamento: Siri, o empregado, mantém a forma de tratamento do período colonial, enquanto Ray, a personagem principal, esperava um tratamento menos formal, mais adequado a um novo enquadramento laboral: “To him it should have been simply a relationship of employment. The old conventions of Colombo serfdom died years ago, but Siri kept saying ‘Sir’...” (*Idem*, p.14).

Na verdade, as experiências vividas, demasiado interiorizadas, não permitem ainda a alteração dos hábitos coloniais: “He encouraged Siri to talk and wished, in a

---

<sup>2</sup> MFM – *Monkfishmoon*. Doravante utilizarei esta sigla para me referir ao livro de Romesh Gunesequera e a sigla LPM ao título da tradução: *A Lua do Peixe Monge*.

<sup>3</sup> MFM

way, that Siri could turn into his confidant... Siri simply showed respect in his antiquated fashion” (idem p. 15).

Neste conto, as duas personagens principais – tendo uma vivido toda a sua vida no Sri Lanka e a outra vindo de Inglaterra – tentam encontrar um novo modelo identitário em que ambas se revejam, e que é aqui simbolicamente representado pela perspectiva da aquisição partilhada de “a piece of land”, projecto que é contudo abruptamente interrompido pela guerrilha. Existem ainda no conto objectos e motivos de duplo sentido para pós-colonizador e pós-colonizado, como por exemplo “the lamp post”, que representa o progresso e conforto pós-colonial e, ao mesmo tempo, simboliza a barbárie dos conflitos étnicos. “Piece of land” e “the lamp post” representam assim, por um lado, esperança, progresso e melhoria da qualidade de vida e, por outro, desilusão, destruição, barbárie, morte e retrocesso civilizacional.

Em “Ullswater” o processo de afirmação da identidade dos dois irmãos é afectado pelas circunstâncias de vida. Senaka identifica-se com o modelo sócio-cultural inglês, posição incómoda e divergente do momento político pós-colonial que se está a viver, e acaba naturalmente refém do isolamento que essa posição lhe inflige; Victor, por seu turno, adere ao movimento revolucionário e vive intensamente a reconstrução pós colonial. Estas duas posições radicalmente opostas levam a um afastamento dos irmãos e, mais tarde, dificultam a reaproximação familiar e geracional entre tio e sobrinho. Outra contradição é a posição relativamente ao divórcio e segundo casamento assumida por tio e sobrinho: a geração mais nova, que vive em Inglaterra, é mais conservadora e intolerante, ao passo que a geração mais velha, que permaneceu no país pós colonizado e menos desenvolvido, revela mais tolerância e maior respeito pelas opções individuais em detrimento das convenções sociais. É na língua, com efeito, emergem as contradições de uma nação pós-colonial em reconstrução.

Em “The Captives”, Gunesequera introduz no texto escrito em inglês palavras cingalesas cuja tradução é contudo desnecessária para a compreensão da mensagem, processo de que o seguinte passo é exemplificativo: “I mean it was a palace a real *maligawa*, but a ruin not a hotel. I told my boss I would need at least six months to get *maligawa* on the map” (p.31)<sup>4</sup>. Com este procedimento, o autor transmite um cunho de autenticidade à narrativa e contribui seguramente para a renovação e adaptação da língua do texto de partida. A palavra “*maligawa*” não é traduzida, mas entende-se que

---

<sup>4</sup> MFM

se trata de tipo de palácio que vai ser adaptado a uma nova realidade; também se exprimem aqui diferentes identidades e experiências: um tipo de construção própria daquele país que se vai adaptar à realidade do mercado global – o hotel. O presente, inserido numa realidade lucrativa, vai acolher e guardar as representações de um passado histórico que identificam um povo.

Da mesma forma, ainda em “The Captives”, somos confrontados com situações que revelam a adaptabilidade acima mencionada. Quando o narrador afirma que “Our *Koki*, our cook, likes to use wood fire anyway” (idem p. 34) está sem dúvida a dar conta de que a palavra “*Koki*” foi construída por derivação da palavra inglesa cook, ao mesmo tempo que define uma característica reminescente de uma prática culinária antiga local, “wood fire”, que se baseava no gosto pela “slow food”. Também “*bistake*” (ibidem), (em vez de beef-steak) é um bom exemplo da contaminação linguística: “The grey steaks – *val-ura* in coconut sauce – a plate of thickly sliced bread, fried bitter-gourd and sliced tomato and cucumber” (idem p. 35), – esta peculiaridade gastronómica do Sri Lanka (*val-ura* é wild pig) é experimentada, aceite e incentivada pelo hóspede inglês: “Mr Horniman was mopping up the last of his sauce with bread” (ibidem).

Em outros contos, a introdução de novo vocabulário veicula não apenas o exotismo cingalês, mas também uma cosmovisão diferente, um mundo assente em hierarquias próprias, determinadas por séculos de colonização, como revelam os seguintes passos:

- “Siri shrugged” “He was a *mudalali* – a businessman” (“A House in the Country”, p. 22)<sup>5</sup>;
- “Where is the *mahathaya*?” (“Ullswater”, p. 64)<sup>6</sup> – pelo contexto conclui-se que é uma forma de tratamento usada por um subordinado referente a um superior hierárquico).
- “Tell him Victor, *aiya*, has come.” (ibidem) – *Aiya* é o irmão mais velho<sup>7</sup>.
- “They sleep on the street or station and can eat for two rupees...They are looking for *dharma*.” (“Storm Petrel”, p. 80)<sup>8</sup> – do contexto infere-se que *dharma* se refere a algo de espiritual, a Verdade<sup>9</sup>.

---

<sup>5</sup> MFM

<sup>6</sup> MFM

<sup>7</sup> Esclarecimento dado pelo autor.

<sup>8</sup> MFM

<sup>9</sup> Esclarecimento dado pelo autor.

- “There is a Kadé – where you can get rice and curry” (*idem* p. 82) – trata-se de uma pequena loja de comércio, como as nossas mercearias.<sup>10</sup>

Todos estes vocábulos cingaleses são introduzidos no texto de uma forma muito natural, permitindo uma integração no léxico da língua inglesa e também no da língua portuguesa. Pela intraduzibilidade dos vocábulos, autor e tradutor podem contribuir para o alargamento dos respectivos léxicos. Este alargamento já é bem evidente em alguns contos nos exemplos que se seguem: *Ayah is there*”(Gunesequera 1998:132): esta palavra, originária da Índia, entrou já no léxico da língua inglesa (cf. MerriamWebster Online/ Ciberdúvidas da Língua Portuguesa); “*patties*” (Gunesequera 1998:108): o vocábulo entrou também para o léxico da língua inglesa, tendo sido importado do francês (cf. Merriam Webster Online).”*Putt-putt*” (Gunesequera 1998:109): esta palavra ainda não foi integrada no léxico da língua inglesa, mas poderá vir a sê-lo, quem sabe, no futuro.

Situações houve, contudo, em que, como tradutora, fui confrontada com alguma conflitualidade inerente aos modelos adaptativos.

Nesta parte que se segue vamos tentar mostrar, pela interpretação, as conflitualidades inerentes aos modelos adaptativos. Eis alguns exemplos dessas situações:

- “Sir, my brother back home. They’ve used a lamp post for him.” (“A House in the Country”, p. 24) – “Penduraram-no num poste de iluminação” (“Uma Casa no Campo”, p.30 )<sup>11</sup> Na tradução para o português, o verbo é sem dúvida mais forte do que o do original, mas creio que se eu tivesse recorrido ao verbo “usar” não teria sido capaz de transmitir o horror da cena relatada.
- “...It was the silence of his winter England transplanted” (*idem*, p.12) / “...Era o silêncio do Inverno da sua Inglaterra transplantado.” (*idem*, p.19) Senti aqui a necessidade de manter o determinante possessivo para evidenciar a sua ligação à Inglaterra. Aqui fica claro que o autor se move entre dois mundos, não se separando de nenhum deles. Em Inglaterra e no Sri Lanka, a casa protegida pelas portadas e janelas é o seu refúgio: refúgio de um clima hostil, em Inglaterra, e refúgio dos conflitos armados, no Sri Lanka. No final, o refúgio é violado.
- “Then he saw one of the new shutters was broken ... the wood was raw.” (*idem* p.24). / “Reparou então que uma das portadas novas estava danificada....a

<sup>10</sup> Esclarecimento dado pelo autor.

<sup>11</sup> LPM



madeira estava em bruto”.(*idem*,p.30 ) O estado da madeira “em bruto” e não “em cru ou tosca” remete-nos, creio, para a brutalidade da situação, para o retrocesso civilizacional.

- “It feels wholesome and safe, blessed as if the air had been licked clean. I looked at Ranjit across the table” (“Ullswater”, p. 63)<sup>12</sup>. / “Sente-se uma atmosfera saudável como se o ar tivesse sido lambido e lavado. Olhei para Ranjit do outro lado da mesa.”(*idem*, p.54 )<sup>13</sup> Se, por um lado há uma atmosfera propícia a uma reconciliação (*ar lavado*), por outro existe ainda uma separação, estando cada um em lados opostos da mesa (*do outro lado da mesa*).
- “I sipped the beer, Ranjit’s English bitter, and waited for my mouth to go numb” (*idem*, p. 76)<sup>14</sup>. / “Bebi a cerveja aos golinhos, a cerveja amarga inglesa de Ranjit...”(*idem*, p.65)<sup>15</sup> Neste caso, a situação de reconciliação não conseguida é descrita pela maneira como Victor, o narrador, bebe a cerveja: “aos golinhos” que implica um estado reflexivo, desiludido; pelo caso possessivo, e pelo uso deliberado de “bitter”, que, tendo um duplo sentido de cerveja amarga e amargo, transmite a ideia das expectativas frustradas de uma conversa de reconciliação.
- “Everything had felt so pointless” (*idem*, p 76)<sup>16</sup> / “Tudo tinha dado a impressão de nada ter valido a pena” (*ibidem*).<sup>17</sup> Esta frase, que surge na sequência das linhas acima referidas, parece concluir e sintetizar todo o percurso de Seneka, bem como toda a desilusão do narrador relativamente a um passado frustrante.
- “your mother told me how you had said you never wanted to see her again after she remarried” (*idem*,p.75)<sup>18</sup> / “a tua mãe contou-me como tu lhe tinhas dito que nunca mais a querias voltar a ver depois de ela ter casado de novo”( *idem*, p.64)<sup>19</sup>. Nesta tradução tentou-se transmitir o tom de reprovação e críspação usado pelo filho, o aspecto cultural da intolerância e a rigidez de costumes que, paradoxalmente, são assumidos por um jovem que vive em Inglaterra e não no Sri Lanka.

---

<sup>12</sup> MFM

<sup>13</sup> LPM

<sup>14</sup> MFM

<sup>15</sup> LPM

<sup>16</sup> MFM

<sup>17</sup> LPM

<sup>18</sup> MFM

<sup>19</sup> LPM

Com efeito, como afirma Salman Rushdie, o texto do escritor diaspórico é feito destas ambiguidades e contradições: “The English language is the place where writers can and must work out the problems that confront emerging/recently independent colonies ...”<sup>20</sup>. E nós, como tradutores, temos de estar atentos a essas situações, transmitindo-as sem as explicarmos, procurando ser o mais fiéis possível à intenção do texto original.

---

<sup>20</sup> [www.emory.edu/ENGLISH/Bahri/Language.html](http://www.emory.edu/ENGLISH/Bahri/Language.html) -

## 2. Tradução

### UMA CASA NO CAMPO

As noites tinham sido sempre barulhentas: rãs, tambores, garrafas, cães a ladrar à lua. Depois, uma noite houve silêncio. Ray saiu para o alpendre. Não havia vento. Puxou uma cadeira de verga e sentou-se. Os pirilampos tinham desaparecido. As árvores e os arbustos no pequeno jardim estavam quietos. Só as estrelas, em cima, se moviam pulsando no céu.

Estes eram tempos agitados no Sri Lanka, diziam as pessoas, mas nada tinha acontecido na vizinhança. Nada, até que veio<sup>21</sup> este silêncio surpreendente. Mesmo isso, pensou ele, poderá não ser novo. Estava a ficar lento a reparar nas coisas.

Então uma sombra mexeu-se. Um jovem apareceu, o sarongue branco a brilhar ao luar.

Era muito mais novo do que Ray. Não tão alto, mas mais forte e de pele mais macia. Os olhos eram brilhantes e duros como berlindes. Aproximou-se e ficou de pé junto a um pilar. Uma mariposa voou por cima dele em direcção à luz da parede.

“O que aconteceu?” perguntou Ray, olhando à volta.

Siri coçou a cabeça, abanando-a suavemente. “Não sei.”

“Não se ouve nada.” Falavam num cingalês lento.

Ray gostava deste silêncio extraordinário. Gostava da maneira como as poucas palavras deles saíam precipitadamente e depois pairavam no ar antes de se derreterem. Era o silêncio do Inverno da sua Inglaterra transplantado. O silêncio das portas e janelas fechadas contra o frio. Ultimamente Colombo andava demasiado barulhento. Nunca esperara que tal paz estivesse tão perto da guerra.

“O rádio?” perguntou Ray. Siri tinha sempre o rádio ligado algures na casa a emitir com monotonia o serviço público. “O rádio não está ligado?”

Siri abanou a cabeça. “Sem pilhas.” Mordeu a orla do lábio inferior. “Esqueci-me de comprar umas novas. Vou lá agora?”

---

<sup>21</sup> Expansão: acrescentei *até que veio* para clarificar.

Era tarde: quase onze da noite. A lojinha no cimo da rua devia estar fechada. Ray sentiu-se inquieto por Siri ir tão longe. “Não. Vai amanhã. É melhor do que agora.”

Siri acenou com a cabeça. “Demasiado calmo. Talvez outro recolher obrigatório?”

Mas não era apenas o silêncio do recolher obrigatório. Parecia não haver som absolutamente nenhum. Nesses dois anos, depois do regresso de Ray ao seu país, tinha havido muitos dias de recolher obrigatório. Tinham perdido o significado. Só o recolher obrigatório ocasional de vinte e quatro horas causava algum impacto. Mesmo esse raramente lhe causava incómodo; muitas vezes ficava satisfeito de ficar em casa.

Mas nos últimos meses tinha havido uma parede nova para construir, portadas para arranjar. Cada dia tinha sido abalado pelas pancadas do martelo destinadas a proteger a sua privacidade futura. Ray tinha ganho o hábito de se escapar para o bar na Galle Road; isso tornava-o ainda mais melancólico.

“Não saíste durante todo o dia?” perguntou Ray.

“Estas portadas,” Siri apontou para dentro. “Queria acabar a pintura...”

“Bem. Estão muito bem.” A madeira tinha o perfume de um quarto de vestir de mulher.

“Estava a trabalhar nisso, na última demão. Acabei por volta das sete e trinta. E depois, quando estava a ouvir, a seguir ao banho, o rádio deixou de dar.” Torceu os dedos para mostrar o colapso no caos. “Na altura não saí porque pensei que o senhor vinha cedo.” A cara expandiu-se num sorriso cheio de entusiasmo.

Ray desviou o olhar. A sua sombra esguia dançou pelos degraus abaixo. Um gecko contorceu-se. Ray tinha chegado tarde a casa.

Siri mudou de posição e afastou-se da parede. Sentou-se na beira do degrau. “O que acha que eles vão fazer, senhor?”

“Quem?”

“O governo”.

Ray recostou-se na cadeira com as mãos apertadas atrás da cabeça e olhou fixamente o céu da noite. Viu apenas um quarto minguante vermelho. “Não sei. O que é que achas?”

Siri esfregou as coxas. Tinha ouvido as pessoas dizer que eles deviam convocar eleições – o governo podia até ganhar; mas as pessoas também diziam que provavelmente não ia haver eleições nenhuma. Iam tentar outra “solução militar”

contra os FLP<sup>22</sup> – a Frente de Libertação Popular – como a que fizeram<sup>23</sup> contra os Tigres<sup>24</sup> e iam ficar atolados na guerra.

“O problema é que ninguém sabe.” A boca de Siri descaiu de ambos os lados, mas a cara dele não era uma cara que mostrasse muita aflição. “Ninguém se importa realmente, pois não? Excepto consigo próprio.”

Ray juntou as mãos, unindo as pontas dos dedos e fez sinal que sim com a cabeça. “Pouca gente se importa.”

Quando Ray regressou a Colombo vindo de Inglaterra, não tinha planeado ter qualquer ajuda ou companhia. Tinha tido um emprego estável numa empresa de construção, um andar em Londres, um carro, e um círculo de amizades divertido. Também tinha havido uma mulher com quem passava uma noite ou duas de tempos a tempos. Mas nunca tinham muito que conversar e frequentemente pensava em voltar para o Sri Lanka. Um Verão ela regressou ao Ulster; casou-se.

Nesse ano também ele resolveu voltar para casa. Despediu-se do emprego, vendeu o andar e partiu. A trabalhadeira<sup>25</sup> da mudança absorveu as suas energias e ele não teve tempo para pensar. Tinha herdado uma casa, em Colombo, e feito economias ao longo dos anos. Tinha esperança de encontrar o que queria quando estivesse livre dos constrangimentos da vida de Londres e quando tivesse reconstituído o passado.

A primeira vez que viu a casa que o tio lhe tinha deixado, o sangue transformou-se-lhe em areia. Parecia uma caixa de betão enfiada num buraco. Nada da elegância do seu andar remodelado em Londres, nem da sensualidade das amplas casas tropicais da sua infância no Sri Lanka. Mas depois encontrou Siri.

Foi o seu<sup>26</sup> momento de sorte. Ray estava com um amigo num bar. Estavam a beber cerveja. O amigo perguntou-lhe pela casa, e Ray disse que tinha muito a fazer. Precisava de construtores, restauradores. O amigo falou de Sirisena, Siri, que tinha feito a casa deles.

Uns dias depois, Siri apareceu. Ray gostou da sua competência discreta; da estranha inocência nos olhos. Não sabia bem como gerir a relação de trabalho. Para ele

---

<sup>22</sup> Em inglês JVP- Janatha Vimukthi Peramuna, um partido marxista cingalês no Sri Lanka.

<sup>23</sup> Expansão: acrescentei *como a que fizeram* para tornar a frase mais clara.

<sup>24</sup> Tigres do Tamil – grupo de guerrilha separatista no Sri Lanka.

<sup>25</sup> Neste contexto *business* traduzido por *trabalheira*, pareceu-me mais adequado.

<sup>26</sup> Expansão: acrescentei *seu* para melhor fluência.

teria sido unicamente uma relação de trabalho. As convenções antigas de servidão de Colombo desapareceram há anos, mas Siri continuava a chamar-lhe “Senhor” e a circunscrever os respectivos<sup>27</sup> papéis. O seu trabalho ia desde artesão, a supervisor, a cozinheiro, a guarda-nocturno e, de facto, a criado. Ray achou que as coisas tinham de mudar gradualmente: aceitou e desempenhou os papéis de que Siri estava à espera. O próprio Siri estava demasiado metido neste mundo das boas maneiras para sentir a sacudidela da revolução que estava a ser anunciada pelo país.

Siri fez a carpintaria, arranjou os canalizadores, os electricistas. Mudou-se para lá<sup>28</sup> e lentamente reconstruiu a velha casa em torno de Ray. As paredes foram rebocadas, as portas recolocadas, o chão coberto com tijoleira. E arrumava a casa.

Embora em Inglaterra Ray tivesse feito muitas destas coisas, aqui ele achava que precisava de Siri. Muita da renovação estava bem, mas de vez em quando via necessidade de mudar. Falava sobre isso com Siri, desenhando no ar com os dedos. No dia seguinte Siri começava o trabalho.

Desta forma se fez um alpendre novo: os compartimentos foram divididos. Os dias de recolher obrigatório permitiam-lhe verificar os progressos. Forneciam-lhe boas ideias quando a actividade estava suspensa. Os trabalhadores não vinham; eram somente Ray e Siri.

Era a primeira vez, desde a infância, que Ray tinha uma companhia permanente. Encorajava Siri a conversar e, de certa maneira, desejava que Siri se tornasse seu confidente. Queria perguntar-lhe, “Porque me tratas como um . . .” mas nunca conseguiu arranjar coragem sequer para lhe sugerir que se via como um patrão. Siri mostrava-lhe respeito no seu modo antiquado.

A única resposta de Ray era preocupar-se com ele. Por sua vez, Ray<sup>29</sup> não sabia como havia de o respeitar, mas sentia uma necessidade de proteger de uma maneira que nunca tinha sentido antes. Tentou ser generoso com o ordenado e razoável nas suas exigências, mas Siri parecia querer fazer tudo o que precisava de ser feito e de passar todo o tempo na casa. Quase nunca ia a sua casa na aldeia.

Quando Ray comprou mobília para o quarto de Siri, Siri ficou consternado.

“Qual é o problema?”

---

<sup>27</sup> Preferi usar *respectivos* para *their* para tornar o sentido mais claro.

<sup>28</sup> Expansão: acrescentei *para lá*, para clarificar o sentido.

<sup>29</sup> Tive de mudar o pronome *he* para o nome próprio Ray a fim de evitar dificuldade de interpretação.

“Eu não preciso disto tudo.” Siri apontou para o armário e para a cama nova, a almofada nova e os colchões.

“Um pouco de conforto não faz mal.”

“Não tenho nada para pôr no armário. A cama velha estava muito bem como estava.”

Ray disse-lhe que agora que Siri tinha um emprego estável podia fazer algumas economias.

Para quê? A minha família precisa de coisas, a minha mãe, o meu irmão. Eu só preciso de alguma coisa para fazer. Um lugar. . . senhor, esta casa que estou a fazer para si. Vai ser linda. Para mim chega-me.”

Ray não sabia o que fazer. Ficou embaraçado e confuso. Puxou o queixo para baixo e bramiu, como um elefante numa loja de porcelanas<sup>30</sup>. Os primeiros dias foram desconcertantes. Siri parecia animado por ter liberdade de usar os materiais que quisesse para concretizar as ideias, até as suas próprias ideias. Nunca lhe tinha sido dada tão completa responsabilidade. Ray não compreendia. Levou-lhe tempo a compreender Siri como pessoa<sup>31</sup>.

Nessa noite, nessa noite de silêncio, de volta ao quarto Ray continuou a pensar em Siri. Sentiu-se pouco à vontade. Gostaria de ter falado mais. De ter dito qualquer coisa a Siri que os tivesse ajudado a compreender o que se estava a passar. Em vez disso tinham-se sentado lá a engolir o silêncio.

Na manhã seguinte Ray acordou com os gritos dos papagaios que circundavam a árvore de manga no jardim. Vestiu-se calmamente e enfiou os sapatos de borracha macia. Em quinze minutos estava lá fora.

A estrada estava deserta. Caminhou até ao fim e atravessou por dentro do parque. Tinha um caminho que conseguia fazer de olhos fechados, cuidadosamente planeado e calculado para evitar outras pessoas.

Gostava de caminhar sozinho, controlando o som à sua volta: o ruído dos pés, o sangue nas orelhas.

---

<sup>30</sup> De acordo com esclarecimento do escritor o sentido de “...snorted like a bull backing out of a shed” é o mesmo do provérbio “a bull in a china shop”. Por esta razão, optei pelo provérbio português correspondente e também pelo verbo *bramir* por aproximação ao som emitido pelo elefante.

<sup>31</sup> Parece-me que no contexto seria este o sentido de *himself*.

O céu nessa manhã estava cinzento. Nuvens grandes, pesadas agitavam-se. Corvos enchiam a árvore da chama junto à estrada principal. Morcegos estavam pendurados nas linhas telefónicas.

Normalmente, Ray caminhava durante vinte minutos. No regresso ia buscar o jornal a um pequeno armazém de generalidades perto do templo. Depois em casa saboreava um bule de chá e lia as notícias. Esta manhã estava ansioso por voltar para um alpendre quase pronto.

Siri teria preparado o chá e desaparecido: um tabuleiro com um pano branco, um pequeno bule azul chinês de chá cheio até à borda e protegido por um abafador bordado, um vulgar conjunto de chávena e pires brancos, uma caneca de prata com leite fervido. Uma colher de prata. Ray encontrava normalmente o tabuleiro posto em cima duma mesa de vidro. Tinha aprendido a aceitar este serviço como uma parte da vida. Já não reagia contra ele e nunca fez o mesmo a Siri. Nunca foi tão longe.

Mas às vezes, à noite, oferecia uma bebida a Siri. Encontrava Siri sentado nos degraus ou passeando orgulhosamente pelo jardim.

“Tomas uma cerveja?” perguntava ele.

Siri acenava com hesitação e aproximava-se de Ray alisando o sarongue. Pegava no copo e bebia aos pequenos goles. Nunca se sentava quando bebia cerveja. Ficava de pé enquanto Ray estava sentado. Quer partilhassem ou não uma cerveja, Siri ficava normalmente muito contente por falar. Falava da vida na aldeia: banhos no rio, rixas entre famílias, alguém que perdia a cabeça. No meio de tanta história, Siri, por vezes parava e olhava com atenção para Ray. “Por que é que estás tão triste?” perguntava ele, surpreendendo Ray com a sua frontalidade.

Uma noite Ray perguntou-lhe, “Construíste a tua própria casa?”

A boca de Siri enrugou-se; e abanou lentamente a cabeça. “Não. A minha, não. Não tenho terra.”

“E a quinta da família?”

“É muito pequena. Temos um campo.”

O pai dele tinha tentado ser produtor de leite, mas não conseguiu competir com as gentes locais do Parlamento. Tinham dominado tudo até que a FLP entrou em acção. Mas nessa altura as vacas tinham secado e o pai de Siri tinha morrido. O irmão ficou para trabalhar no único campo, mas Siri partiu.



“Conseguias voltar e viver no campo, outra vez? Agora, depois de uma vida na cidade. Depois do que aprendeste.” Ray queria saber quão genuínos eram os seus próprios sentimentos de regresso às raízes. Ele sabia que não era nunca possível voltar exactamente às mesmas coisas, mas ao mesmo tempo sentia que o velho mundo nunca desaparece completamente. De repente a conjuntura muda e voltamos ao ponto de partida.

“Voltar para o campo? Vida de aldeia?” Siri sorriu como um rapazinho a pensar em mangas maduras. “Sim. Sim, conseguia voltar para uma vida no campo. Como a do meu irmão. Se houvesse uma casa como esta no campo”

“Talvez devesse começar a poupar algum dinheiro?”

Siri achou a sugestão engraçada. “Nunca houve hipótese.” Deu um estalido com a língua e acrescentou, “Até agora.”

No dia seguinte Ray foi com Siri ao Banco Nacional de Poupança e arranhou-lhe uma caderneta. Fez com que uma parte do salário fosse directamente para a poupança. Mas mesmo depois disso, Ray achava que Siri ainda não estava a ser suficientemente previdente. Ia sair a perder. Naquela altura, isso preocupava-o, embora a sua preocupação com Siri o desconcertasse ainda<sup>32</sup> mais.

Meses mais tarde Ray soube que um terreno privado perto da aldeia de Siri estava à venda. Interrogou-o sobre isso.

“Não, senhor, não sabia.”

Ray tirou um pedaço de papel do bolso e desdobrou-o. “Olha, é o que diz.” Ele descreveu a localização do terreno. Era perto da costa.

“Sim,” Siri acenou com a cabeça. Conhecia a zona.

“Esse terreno está a bom preço, disseram-me.”

“Não sei, senhor. Mas aí não cresce lá grande coisa. Lambeu o polegar e o indicador delicadamente. “Lá, sente-se o sabor a sal no ar.”

“Não, é um bom terreno. Pode cultivar-se canela ou cardamomo. Qualquer coisa do género. Eu sei que o senhor Wijesena tem um terreno lá.”

Siri acenou com a cabeça. “Ele cultivou cravo-da-índia, acho eu. Está a pensar em comprar um terreno também?”

Ray estava de pé junto à porta. Respirou fundo. De repente percebeu que estava nervoso. O suor escorria-lhe pelas costas abaixo. As coisas não estavam muito claras na

---

<sup>32</sup> Expansão: acrescentei *ainda*, para melhorar a fluência.

sua cabeça. Tinha começado a falar do terreno com a simples intenção de plantar uma semente na cabeça de Siri: a terra<sup>33</sup>, às vezes, estava receptiva. Ele tinha, provavelmente, tido a esperança, pensava ele agora enquanto estava de pé ali, de que Siri relacionaria a ideia da poupança com a possibilidade de um pedaço de terra no campo. Mas enquanto falavam, percebeu que Siri levaria anos a tirar proveito daquele terreno. Que a vida de Siri seria, na melhor das hipóteses, apenas uma vida de subsistência. Havia de se afundar na terra, a não ser que qualquer coisa de totalmente diferente pudesse ser feita.

“Estava a pensar num pedaço de terra,” disse ele, olhando para baixo, desviando o olhar de Siri. “Estava a pensar em ti.”

“Em mim?”

“Talvez devesse arranjar um terreno.”

“Impossível, senhor. Mesmo com a poupança que me arranjou. Um bom terreno na nossa área é caro.”

“Eu sei. Mas se pudesses, gostavas de ter<sup>34</sup> um terreno? É isso o que queres?”

“O senhor conhece-me. Gosto de construir. Gosto de cultivar. Com um terreno lá posso fazer as duas coisas. E posso fazer como me apetece.”

“Mas quando?”

“Quando a minha sorte chegar. Quando os deuses tiverem piedade.”

“Posso emprestar-te o dinheiro,” disse Ray calmamente. Não era exactamente o que queria dizer. Deixou escapar as palavras como acontece com<sup>35</sup> o luar quando as nuvens se mexem.

“Mas, nessa altura, ficarei a dever. Nunca conseguiria pagar-lho.”

Ray bem via isso. Podia ser o sulco no solo donde nunca se consegue sair. Mas tinha um plano que ia traçando à medida que ele falava.

“Eu compro a terra. E *dou*-te uma parcela. Tu, pela tua parte, plantas árvores para nós os dois. Caneleira, ou *cadju* ou seja o que for.”

Os olhos de Siri iluminaram-se. Um leve sorriso surgiu por um momento nos seus lábios. As bochechas macias de rapaz enrugaram-se. “Porquê, senhor? Porque me quer fazer isto?”

Ray não conseguiu dizer nada a não ser que queria fazê-lo<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> Neste contexto, parece-me mais adequado usar *terra* em vez de *terreno*.

<sup>34</sup> Expansão: acrescentei *ter*, para melhor clarificação.

<sup>35</sup> Expansão: acrescentei *acontece com*, para tornar mais compreensível a comparação.

“O senhor é bom, muito bom.”

Ray preparou as coisas para comprar o terreno. Sentia-se melhor por isso. Seguiu a sua intuição. Mas a sua intuição tinha mudado. Não era a boa intuição financeira que lhe tinha sido útil em Londres: os preços dos terrenos caíam a pique à medida que a agitação no país se alastrava. Mas isto não o incomodou. As coisas tinham de melhorar, pensou ele. Entretanto andava feliz por ser a sua vez de servir.

Em mais ou menos dez minutos chegou ao cimo da encosta pelo lado do parque. Já tinha feito a curva, de maneira que estava agora a caminho de casa. Alguns minutos a caminhar pela estrada e chegaria à loja onde ia buscar o jornal.

Notou que o céu estava escuro e enfarruscado. Os corvos agitavam-se. Na rua, lá em baixo, via a cúpula branca do templo perto da sua loja. As flores das árvores do templo, frangipani, estavam em flor. Flores brancas. Eram essas as árvores que ele gostava de ter na orla do terreno que comprou para Siri. Mas o branco tanto da cúpula como das flores era sujo, como se assentado com cinza.

Ray achou que, por esta altura, o céu já deveria estar limpo. Caminhou rapidamente em direcção ao templo. Parou junto ao muro para olhar outra vez para as frangipani. Muitas das flores brancas tinham caído. Mas no jardim, junto ao templo, uma árvore com uma variedade de vermelho – sangue estava em flor. Ray estava a suar.

Depois, ao virar da esquina, chegou à loja: os restos da loja reduzidos a carvão. Alguns<sup>37</sup> pedaços ainda fumegavam, finas linhas de fumo muito fininhas desapareciam no céu cinzento. Uma pequena multidão tinha-se juntado.

Os pensamentos vagos na cabeça de Ray tinham-se evaporado: todos os músculos do corpo estavam tensos, mas ele sentia-se extraordinariamente calmo. Deu um passo. “Como é que isto aconteceu?”

Várias pessoas começaram a falar. Um homem disse que a polícia tinha um comunicado da FLP a reivindicar a responsabilidade. O dono da loja estava morto. Tinha adormecido lá dentro. Tinham utilizado querosene. Ray caminhou cautelosamente pelos vidros estilhaçados e pelos doces cozidos espalhados pela rua fora. A minúscula loja tinha sido praticamente toda consumida pelo fogo. Um ou dois madeiramentos escurecidos ainda restavam nas traseiras, e bocados deformados de

---

<sup>36</sup> Expansão: acrescentei *fazê-lo* para facilitar a compreensão

<sup>37</sup> Expansão: acrescentei *alguns* para melhor fluência.

chapa ondulada do telhado jaziam como folhas de magma petrificadas. A velha *na tree*,<sup>38</sup> que tinha protegido do sol a parte da frente da loja, estava queimada; o tronco parecia ter sido escavado com uma faca quente. Dois policiais vedaram o lugar com um cordão de segurança.

Ray esperou um bocado a absorver o rebuliço à sua volta, a ver o fumo a subir de montões de cinza em pequenas baforadas. As veias dos braços estavam inchadas. *Uma loja arde como tantos outros de uma ponta a outra do país. Só que esta é mais perto de casa. Nada mais mudou.* Mas Ray sabia que a proximidade faz a diferença. O ar era pungente. Ficou a pensar se o pó nos seus sapatos seria uma mistura de terra com cinza do corpo<sup>39</sup> queimado do dono da loja.

Quando chegou a casa Siri estava ao portão. “Viu. . .?”

Ray fez que sim e roçou nele ao passar.

Siri tinha sabido do incêndio por um vizinho. “É muito mau?”

“A loja inteira desapareceu. Completamente carbonizada.”

“O senhor Ibrahim?”

“Morreu. Estava lá dentro.”

Ray foi para o lugar do costume. O tabuleiro do chá não estava lá. Uma camada fina de pó cobria a mesa.

“A água está a ferver, senhor. Trago já o chá.”

Em poucos minutos Siri veio com o chá. “Toma aqui no alpendre?”

“Se calhar é melhor hoje lá dentro.”

“Sabe, eles avisaram-no, senhor. Ele foi muito tolo.”

Ray perguntou-lhe quem tinha avisado o dono da loja e porquê.<sup>40</sup>

“Disseram-lhe várias vezes para deixar de vender aqueles jornais. O senhor Ibrahim não deu ouvidos. Mesmo há dois dias atrás, disse-me que não iria deixar de vender jornais, assim, sem mais nem menos. Mas eles disseram-lhe que tinha de deixar, ou seria o fim dele. Não sei por que continuou.”

Quem é que o avisou?

“Não sei, senhor. Estes bandidos que andam por aí.”

---

<sup>38</sup> *Na tree*, em inglês *ironwood tree/pau-ferro*, foi adoptada como a árvore nacional do Sri Lanka.

<sup>39</sup> Neste contexto, em português, é mais usado *corpo*.

<sup>40</sup> Substituí a pontuação de ponto final pela conjunção “e”. Também alterei a pontuação final, substituindo o ponto de interrogação por um ponto final. Estas duas alterações visam a melhoria da fluência.

Ray levantou os olhos. “Por que é que achas que ele não deixou de vender esses jornais?” perguntou ele. “Ele não pertencia ao Partido.”

Siri encolheu os ombros. “Era um *mudalali* – um homem de negócios. De ganhar dinheiro. Faz-se dinheiro a vender o que as pessoas compram. As pessoas queriam os jornais dele, portanto ele vendia-os. É esse o trabalho dele. Era o trabalho dele.”

Ray ficou a pensar se Siri tinha razão. Teria sido Ibrahim morto pelo mercado? Ou teria sido simplesmente apanhado no meio? Ele imaginava as chamas a saltar no colchão de palha; em segundos deve ter sido envolvido pelo fogo. Mas deve ter gritado. Como é que eles não ouviram? A loja não era longe, e a noite tinha sido tão silenciosa. O cheiro a querosene? Carne? Mas, também outros<sup>41</sup> países tinham estado antes em chamas e o mundo não tinha sabido.

“Senhor, acha que há perigo aqui?”

“Que queres dizer?”

“Vão atacar esta casa?”

“Esta casa não vale nada. Não tem nada a ver com ninguém.”

“Espero que não lhe aconteça nenhum mal. Está a ficar muito bonita.”

Ray e Siri sentiram-se ambos inquietos durante todo o dia. Evitaram-se mutuamente. Ray passou a manhã sozinho e depois saiu para almoçar no café. Voltou ao anoitecer e desapareceu para o quarto. Tomou um chuveiro e deitou-se na cama para descansar. Lavado e fresco; nu em cima do lençol de algodão. Sentiu o corpo a relaxar lentamente. A noite estava quente. À medida que ia anoitecendo, os pássaros gritavam, de novo. Através da janela, via o pôr-do-sol num céu inflamado. Quando fechava os olhos as farruscas cinzentas voltavam. Tinha a pele seca. Olhou para a madeira polida das janelas novas. Siri tinha feito um ótimo trabalho. Tinha realçado a textura da madeira na perfeição. Ray queria pedir a Siri para construir outra casa. Uma casa no terreno *deles* no campo. Pensou que se desse os materiais, Siri poderia desenhar e construir uma casa com duas alas ou mesmo duas casas pequenas. Uma para cada um. Se Siri se quisesse casar seria um bom começo. Ray pôs-se a pensar como havia ele de se sentir se tal acontecesse. Iria perder qualquer coisa. A intimidade que ainda estava para acontecer. Mas sentir-se-ia satisfeito. Teria feito a diferença.

---

<sup>41</sup> Expansão: acrescentei *outros* para melhor fluência.

Mais tarde quando saiu para o alpendre, encontrou Siri sentado nos degraus. Siri olhou para cima; os seus olhos duros e negros nada pareciam querer dar a Ray.

“Senhor,” disse Siri em voz baixa, “quero ir.”

“Onde?”

“Embora, senhor.” Siri permaneceu sentado nos degraus. Tinha a cara na sombra.

“O que se passa? O que é?”

“Esta destruição. Quero ir embora.” Os olhos suavizaram um pouco. “E o senhor, o senhor, viu o mundo. Diga-me onde. Onde é que é um bom sítio?”

Ray olhou para baixo para Siri. “O que queres dizer? Sabes que, já muitas outras lojas foram antes incendiadas<sup>42</sup>. Já antes aconteceu em Matara, em Amparai, aqui em Colombo.”

Siri abanou a cabeça.

“Aconteceu em todo o mundo,” disse Ray.

Siri continuou a abanar a cabeça. “Mas isto não pode ser sempre assim. Não pode.” O ar da noite enrolou-se nele lentamente.

“Nós temos de aprender. De qualquer maneira. Não somos nem melhores nem piores.” Ray acendeu as luzes da parede, a empurrar a escuridão. Reparou então que uma das portadas novas estava danificada: várias ripas estavam despedaçadas; a madeira estava em bruto. Ray sentiu uma dor no peito. Respirou fundo. “Não tem importância. Arranja-se.” Estava decidido.

Siri olhou fixamente para cima, para ele, depois abanou a cabeça como para afastar uma mosca. “Senhor. . .” A cara enrugou-se devagar. “Senhor, o meu irmão lá em casa. Penduraram-no num poste de iluminação.” Siri fechou os olhos.

Ray sentiu a garganta ficar espessa e obstruída. “Devias ter-me dito,” disse ele, por fim, esticando o pescoço. O corpo teria sido mutilado, depois enforcado como aviso; o cadáver balançaria durante dias ao vento. “Porquê?”

Os pés descalços de Siri baloiçavam suspensos nos degraus. Quando falou, mal se ouvia a sua voz. “Neste sítio, quem pode dizer, senhor?”

Ray olhou para as sombras deles enconchadas num círculo de luz amarela na gravilha por baixo do alpendre; a luz nos braços de Siri. Tentou inclinar-se para a frente

---

<sup>42</sup>Noutra ocorrência e noutro contexto traduzi *burned* por *consumida pelo fogo*.

mas não se conseguiu mexer. Não conseguia desimpedir o espaço entre eles. A pele de Siri estava pintalgada.

“Aconteceu ontem à noite,” disse Siri.

Ray acenou com a cabeça, “Talvez devesse tirar alguns dias de folga. Vai ter com a tua gente,” ouviu-se a si próprio a dizer. “O alpendre pode esperar...”

A sua voz vacilou. Não eram as palavras que ele queria. Ray viu-se de novo sozinho em casa caminhando cautelosamente por entre os destroços nas traseiras. Ainda havia dois quartos para acabar; no canto do quarto ficariam por abrir latas de tinta amarela. Deu por si a pensar que sem Siri teria de voltar a fazer o seu chá da manhã. Beber sozinho no alpendre inacabado; esperar.

Mas Siri não disse nada. Ray ficou sem saber se ele o tinha ouvido. Siri endireitou-se lentamente e desceu para o carroiro. Olhou para Ray por um momento, depois virou-se e começou a caminhar em direcção às traseiras da casa, em direcção ao seu quarto, na zona dos criados. Ray abriu a boca para dizer qualquer coisa sobre a nova casa, o jardim da canela, mas Siri tinha-se derretido na escuridão. Ray continuou de pé no alpendre. Sentiu que estava a arder, mas tinha as palmas da mão húmidas. Lá fora no jardim, os pirilampos faziam círculos. As rãs coaxavam. O céu estremecia como a pele de um tambor.

## PRISIONEIRO

O pôr-do-sol é uma boa altura para se chegar nesta parte do mundo, mas eu tinha-os esperado muito mais cedo: hora do chá fora o que o agente dissera quando se tratou da reserva.

Ao ouvir o carro a fazer a curva, rapidamente me enxuguei. Nimal, o meu criado, havia de acompanhá-los, mas eu queria estar lá para dar as boas-vindas: eram os meus primeiros hóspedes. Enquanto abotoava a camisa, espreitei pela janela. O homem, um inglês alto e estreito, desdobrou-se de dentro do carro. A bagageira traseira abriu-se e ouvi o baque da bagagem. Onde diabo está esse rapaz, Nimal?

Teria descido de imediato, mas o meu fecho encravou e tive de o soltar com uma chave de fendas. Nessa altura Nimal já tinha aparecido. Ouvi a sua voz estridente. Alguém, suponho que Mr.Horniman, tocou à campainha no balcão da recepção e Nimal chamou-me. “Senhor! Senhor!” gritou ele, “Os hóspedes<sup>43</sup> estão aqui!”

Quando cheguei lá em baixo, estava Mr.Horniman a folhear o livro de registos. A senhora, Mrs.Horniman, tinha-se prostrado na poltrona verde. Estava a olhar fixamente para as minhas flores: belos lírios brancos que eu tinha arranjado propositadamente para os visitantes. Só então é que reparei como eram obscenos os estames amarelos espetados daquela maneira. Mas o que se havia de fazer? Dirigi-me rapidamente a eles e estendi-lhes a mão.”Boa noite, Boa noite!”disse eu.

Deviam ter conduzido toda a tarde pela estrada da encosta abaixo, desde Kandy por Matale sem parar. A senhora parecia exausta, incrustada numa concha fininha enlameada de suor e pó. Tinha descalçado as sandálias e esfregava o tornozelo. Bocadinhos de verniz vermelho tinham-se deslizado das unhas dos pés. Precisava de um banho.

“Bem-vindos. Sejam bem-vindos. Devem ser Mr e Mrs.Horniman. Estávamos à vossa espera.”

Mr.Horniman disse que queriam um bom quarto.

Disse-lhe que tinha arranjado a Suite Azul. “É perfeita, Senhor,” fiz sinal com a cabeça na direcção da senhora, “para as luas-de-mel.” Estavam-me<sup>44</sup> a chegar na

---

<sup>43</sup> Neste contexto acho adequado usar o termo *hóspedes*.

<sup>44</sup> *They were coming to me* – pareceu-me que o sentido de intimidade poderia ser transmitido pelo pronome reflexo *me*.



segunda semana do passeio na ilha; recém-casados, pensei eu. Nimal pegou na mala com ambas as mãos e cambaleou, caminhando com o peso no lado exterior dos pés descalços.

A Suite Azul fica à parte numa ala própria. Há dois quartos e uma casa de banho. No quarto pus uma maravilhosa cama com um dossel em renda.

A Senhora estava impressionada. “Meu Deus, isto é a sério.” O outro quarto tem mobília de verga e dá para um pátio privativo. O jardim do outro lado estava deserto. As árvores ao fundo estavam na sombra, e lá em cima no céu, Vénus brilhava, bem e cedinho.

Entrei na casa de banho e abri as torneiras do lavatório. Os canos assobiaram e roncaram e a água saiu aos jorros. Experimentei-a. “Veja, Senhora, água quente!”

Estava sentada em cima da cama a examinar a colcha. Era feita de uma renda branca especial. Veio do interior do país, ia dizer-lhe. Mas vi que estava à espera que eu saísse. Continuava a mexer nos botões, a desabotoar os de cima da blusa e a tilintar as pulseiras.

Disse que havia muitos mosquitos na zona e aconselhei-os a manterem os mosquiteiros das janelas corridas. Liguei a ventoinha e expliquei que o botão tinha de rodar para trás, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, porque tinha sido instalado ao contrário. “Mas trabalha muito bem, Senhor, não há problema.” Mostrei também depois como abria a porta para pátio e para o jardim. Perguntei se queriam chá, mas disseram que não, de imediato. Portanto deixei-os.

Quando ia para cima, para o meu quarto, ouvia-a rir: um som que se sobrepunha a todos os de lá de fora. Que bom que era ouvir alguma alegria neste sítio.

Quando eu cheguei cá pela primeira vez, não havia nada. Quer dizer, era um palácio, é verdade, um autêntico *maligawa*, mas uma ruína e não um hotel. Disse ao meu chefe que precisava de pelo menos seis meses para colocar o *maligawa* no mapa. Não estávamos longe de Sigiriya e eu acreditava que quando o comércio do turismo melhorasse haveria espaço para outro hotel na zona. Fui imediatamente nomeado gerente.

Como estava a escurecer, chamei Nimal e disse-lhe para acender o braseiro para o fumo e depois para verificar se as luzes do corredor estavam acesas para os hóspedes. Precisamos de fumigar o local todas as noites. Tenho uma receita especial de fumigação

da minha avó que costumava queimar folhas de árvore de noz-moscada, misturadas com resina *dummula* para afastar os insectos. Quando vim para cá, encontrei uma árvore de noz-moscada no jardim e por isso todas as noites Nimal transporta o braseiro a fumegar com a minha mistura especial pelo palácio para proteger contra os insectos. Fumigação.

“Agora, Senhor?” perguntou ele.

“Claro, agora,” disse eu.

Cerca de dez minutos depois, ouvi o assobio de incenso nos carvões quentes. Nimal entrou a correr na sala com a pequena caçarola preta, como um aprendiz de feiticeiro, com o fumo a ondular atrás dele. Fez rapidamente a parte da frente, traçando o perímetro de casa sala, antes de se dirigir para os quartos. Ouvi-o a bater à porta azul. Não houve resposta imediata. Deve tê-los apanhado num momento inconveniente, mas ficou com a caçarola a assobiar como uma cobra. Depois ouvi Mr.Horniman a gritar e Nimal respondeu, “Fumo para os mosquitos.” Deixaram-no entrar; pensei por um momento que talvez devesse ter sido eu próprio a levar o braseiro.

Depois disso mandei pôr a mesa na sala de jantar e fui verificar se a cozinha estava preparada para receber as ordens para o jantar. Gosto de ter tudo planeado e pronto.

Cerca de uma hora depois ouvi-os a sair do quarto. Estava sentado à minha secretária na sala de estar a ler o jornal. Coloquei a secretária de maneira a poder ver todos os acessos principais ao centro do *maligawa*. Vieram pela passagem ao ar livre onde tinha deixado as luzes acesas para eles. Ele segurava-a pelo braço e guiava-a, a cabeça dele baixou ao lado da dela, quando passaram pela pedra da lua antiga e grande que eu tinha assentado no chão. Lembrei-me dos veados que às vezes vemos dar os primeiros passos numa clareira à procura de comida. O ar lá fora estava espesso com insectos e eles desviaram-se, tentando evitar as formigas voadoras e as nossas enormes mariposas que batiam com estrondo contra os abat-jours de vidro cor de pérola; apressaram-se em direcção à sala de estar.

“Boa noite,” disse eu, e levei-os para dentro. Mrs.Horniman trazia um cafetã solto que aconchegou a si. Era uma espécie de uma camisa larga comprida que deixava poisar o ar quente da noite directamente sobre a pele.

Ambos tinham tomado banho e tinham um ar fresco, mas pela maneira como os ombros dela descaíam via-se que estava cansada. Tinha o cabelo apanhado atrás numa

trança e a cara tinha uma expressão meiga; os lábios ligeiramente inchados. Era-me difícil deixar de olhar para ela.

“Gostaríamos de saber do jantar. . .” disse Mr.Horniman.

Levei-os até à outra ponta da sala e abri com força as portas da sala de jantar como um ilusionista.

Ambos olharam à volta da sala. “Não há mais ninguém para jantar?”

“Não, minha Senhora,” disse eu. “Hoje todo o *maligawa* é vosso!” Sentei-os à mesa. “Querem alguma coisa para beber, já?”

Mr.Horniman agarrou na bolsa a tiracolo. “Temos aqui uma garrafa, não faz mal?”

Temos cerveja, licor, gin – tudo, mas os hóspedes podem trazer as suas bebidas especiais, se quiserem. Não temos ainda vinho nem uísque do bom.

“Então, talvez tenha soda?”

Estalei de imediato os dedos para chamar o criado. Jinadasa veio com uma toalha branca nas mãos. Olhou-me fixamente e eu disse-lhe para trazer copos e soda. Entretanto ela tocou com o dedo num garfo de prata. Como eram os nossos únicos hóspedes eu tinha pedido a Jinadasa para pôr os melhores talheres. Estava bem, mas tinha posto o serviço de louça branco pesado de todos os dias para os pratinhos de pão! Se bem que, felizmente, tivesse dobrado os guardanapos em forma de lindas flores de Lótus.

Enquanto tomavam as bebidas, retirei-me para a outra sala.

“Então gostas disto?” Ouvi-o a perguntar-lhe, quando saí.

“O hotel está um bocado vazio mas. . .”

“Não como a praia? Beruwela”

Imaginei-os na praia. Ela usaria um fato de banho turquesa. O pescoço arredondado, deslumbrante quando levantava a cara para se proteger dos salpicos da rebentação. A água havia de se estilhaçar como vidro no calor da luz. Queria dizer-lhes, deviam visitar a costa leste. Trinco. Areia branca maravilhosa e pode-se andar milhas e milhas<sup>45</sup> mar dentro. Mas agora não podiam ir, não com a guerra por esses lados.

Depois a maldita da luz foi abaixo. Toda a casa mergulhou na escuridão. A cacofonia lá fora aumentou dez vezes: os guinchos dos pássaros nocturnos, o rugido da selva. Ouvia-a a chamar timidamente pelo marido, “Onde estás?”

---

<sup>45</sup> Expansão: acrescentei milhas, para intensificar a característica daquele mar. Não achei necessário usar Km, pois milhas é bastante conhecido.

Dirigi-me para as traseiras com a tocha e gritei por Nimal ou Jinadasa. O raio do gerador tinha falhado. Por que razão tinha de acontecer nesta noite, com os nossos primeiros hóspedes cá? Havia um grande alvoroço lá fora. Nimal berrava. Disse-lhe para ir buscar a caixa<sup>46</sup> das ferramentas, enquanto eu ia buscar a lamparina da cozinha e a levei para a sala de jantar. Encontrei-os ainda sentados à mesa. Poisei a lamparina. Fumegava um pouco, mas fazia com que a pele da mão dela brilhasse em contraste com o braço dele.

“Desculpem, desculpem. Lamento imenso,” disse eu. “A electricidade falhou. Um patife qualquer deu cabo do gerador. Desculpem. Lamento muito.”

Ele disse-me para não me preocupar. “Mas vamos comer alguma coisa?”

“Oh claro, certamente,” disse eu. “A electricidade não interessa. De qualquer forma, o nosso *koki*, o nosso cozinheiro gosta de usar fogão a lenha. O que quiser.” Virei-me para ela. “Senhora, jantar à luz de velas. Como em Paris!”

“Tem um menu?”

“O menu ainda não estava pronto. Por favor, digam o que querem,” disse eu.

“Arroz e caril? Sopa? *Bistake*<sup>47</sup>? Macarrão de queijo?”

“O quê?”

“Senhor?” O nosso *bistake* é muito bom. Tomei a iniciativa e recomendei-o. “O *bistake* talvez? Na verdade é *val ura* – porco-montês. Muito bom. Foram uns caçadores que o trouxeram.” Às vezes é preciso tomar a iniciativa.

Mrs.Horniman disse “Está bem. Comemos isso.”

Muito bem, Minha Senhora,” disse eu, e voltei a desaparecer na escuridão. Mas ouvia-os. . .

“Bife de javali?”

“É porco-montês, não é exactamente a mesma coisa.”

“Não é simplesmente porca?”

Ela riu-se. “Acho que é apenas um do curral que fugiu. Mais *perdido* do que selvagem. Um bacorinho errante.”

Pareciam muito animados; não estavam desanimados por causa das adversidades da noite. Acho que é pelo facto de se terem um ao outro, e por isso não tinham a temer mesmo aqui, no meio do nada. Mas eu esperava que eles se sentissem um pouco apreensivos: um enorme *maligawa* vazio como este, leva algum tempo a que nos

---

<sup>46</sup> Caixa em vez do anglicismo *Kit*.

<sup>47</sup> *Bistake* =beef steak.

habitue-mos. Ouvia lá fora a selva a flectir e a mexer. A erva da selva a crescer. As folhas a desenrolarem-se. Coisas a arrastarem-se, à procura, a andarem às voltas, a fornicarem. No meio havia o som pavoroso do metal sobre o metal.

Saí e dei a ordem do *bistake* ao *koki* e depois fui ver como estavam as reparações.

Nessa escuridão barulhenta, com a lamparina a tremeluzir, Mr.Horniman continuava a parecer calmo. Tão longe de casa, à espera de comida e de luz e ainda assim parecendo entender que nada tinha muita importância. A espera não tinha importância. Não havia sítio algum para onde ir a correr. Nada de especial para fazer. Apenas sentar e passar o tempo. Apenas sentar e ver as nossas sombras nocturnas tropicais a começarem a desenhar-se na cara da sua mulher.

Quando a comida ficou pronta, mandei entrar o Nimal com o carrinho. Pus as tampas sobre as travessas: os bifes cinzentos – *val ura* em molho de coco – uma travessa de fatias grossas de pão, abóbora amarga frita e tomate e pepino às fatias. O rapaz serviu-os, tirando cuidadosamente o molho com uma colher de madeira.

“Nada mau, eh?” disse Mr.Horniman, bem-disposto.

Jinadasa conseguiu pôr o gerador a funcionar exactamente quando Mr.Horniman estava a chupar o resto do molho com pão.

Fui ter com eles logo que as lâmpadas se acenderam. “Há luz,” disse eu.

“Muito bem,” disse Mr.Horniman. Já eram nove e trinta. Olhou para a sua mulher. Percebi que também ela estava a pensar nos dois<sup>48</sup> corpos aconchegados numa cama ao luar da selva.

“O *bistake* estava bom?” perguntei eu. Queria saber se estávamos a fazer as coisas bem. É melhor saber logo para podermos rectificar algumas falhas e agradar aos hóspedes. Fiquei muito aliviado quando eles elogiaram a comida. Disse-lhes que estava feliz por ser prestável e ofereci-lhes maçã de elefante para sobremesa. Perguntei-lhes depois sobre o dia seguinte. Queriam subir até Sigiriya – a fortaleza no rochedo? Mr.Horniman acenou afirmativamente com a cabeça. “Sim, amanhã queremos ir vê-la.”

Disse que ia tratar de tudo. Nimal podia levá-los até lá acima.

“Não, não, nós vamos sozinhos.”

“Senhor, acredite, seria melhor se Nimal os guiasse.”

“Não há uma estrada directa a partir daqui e depois um caminho até ao cimo?”

---

<sup>48</sup> Para melhor fluência traduzi, neste contexto, *their* por *dois*.

Eu queria que eles tivessem um guia experiente. Expliquei que Nimal os levaria directamente ao cimo do rochedo e ao trono, e depois os traria de volta a tempo do almoço.

Mrs.Horniman interrompeu para dizer que o rapaz deveria guiá-los.

“Mas eu queria explorar. E porque é que não podemos fazer isso sozinhos? Sempre guias. Neste país não se consegue fazer nada sem guias.”

“Nada? Vá lá, não sejas tolo,” ela riu-se.

“De qualquer maneira gosto desse Nimal. É amável.”

Mr.Horniman franziu o sobrolho, mas acabou por concordar. “A que horas vamos então?”

Sugeri que tomassem o pequeno-almoço cedo e partissem pelas sete da manhã. Estariam de volta pelas onze ou onze e meia, antes do sol do meio-dia.

“Demora assim tanto a ver tudo?”

“Senhor,” disse eu com a minha voz mais solene, “podia passar a vida inteira lá e não seria suficiente. Mas para amanhã é melhor experimentar e voltar antes do meio-dia. É a hora de muito calor, no nosso país, sabe.”

“Mas queremos ver os frescos e as ruínas também.”

“Não há problema. Vão ver o suficiente. Kassyapa, o rei que construiu a fortaleza, passou dezoito anos lá, mas sabe, acho que provavelmente teria sido mais feliz com uma visita de três horas!”

“Kassyapa?” Pela primeira vez ela olhou para mim como se eu tivesse alguma coisa de verdadeiramente interessante a dizer. Senti o coração acelerar e tentei, com dificuldade, não deixar transparecer. Queria impressioná-la. Manter a calma. A melhor coisa a fazer era falar, pensei eu. Falar, falar, falar.

Perguntei-lhe se ela conhecia a história? Como tinha Kassyapa construído a fortaleza? O nosso famoso rochedo leão?<sup>49</sup>

Abanou a cabeça, ligeiramente divertida, penso eu, com o meu nervosismo. Eu estava tão entusiasmado pela atenção dela. Apertei muito a língua contra os dentes até doer.

“Ouvimos falar dos frescos.”

“Mas sabem o que é que *ele* estava a tentar fazer?” perguntei eu.

Abanaram ambos as cabeças.

---

<sup>49</sup> *Rochedo-leão* ou *Sigiriya* é uma antiga fortaleza e uma das atracções turísticas do Sri Lanka.

Fizeram-se filmes sobre Sigiriya e escreveram-se dúzias de livros com todo o tipo de teorias. Não vi nenhum, não li nenhum, mas contei-lhes o que eu achava que tinha acontecido.

Kassyapa era um príncipe cujo pai era um bom homem, mas um tolo. Estava a ficar velho e decidiu entregar o reino ao seu filho legítimo, Mogallana. Kassyapa, que era bastardo – ilegítimo – ia ficar sem nada. Mas Kassyapa era um homem ambicioso com ânsia de poder e riqueza. Portanto matou o pai. Dizem que o mandou entaipar vivo na lama da sua famosa piscina. Pelo menos de acordo com as crónicas antigas. O irmão fugiu para a Índia jurando que voltaria um dia para vingar o assassinio e recuperar o reino que legitimamente lhe pertencia.

Kassyapa decidiu fazer do rochedo Sigiriya a capital: uma fortaleza impenetrável que seria o centro do universo. Tratou de se fazer deus do seu reino e planeou Sigiriya como um caminho para o céu. Dizem que o Monte Kailasa, a antiga montanha sagrada, foi criada ou recriada, aqui.

Dizem que cada pedaço de Sigiriya foi construído de acordo com o grande desígnio de o igualar à montanha sagrada. Eu consigo acreditar nisso. Sem uma grande crença assim no que se está a fazer, como é que alguém pode ficar neste lugar selvagem?

Quando o irmão de Kassyapa veio da Índia com o seu enorme exército, dezoito anos mais tarde, Kassyapa desceu da sua cidadela para lutar nas planícies. Foi por isso que perdeu. Agora, interrogo-me: porque é que ele desceu para lutar se toda a vida esteve a construir uma fortaleza para se proteger? Dizem que ele tinha tantos remorsos que queria perder. Ou que as suas perversidades tinham envenenado de tal maneira o seu espírito que ele não conseguia pensar direito. Mas ele não poderia ter criado a beleza do lugar se estivesse assim tão envenenado, pois não? Seria um homem tão mau e perverso capaz de criar tal beleza?

“Refere-se aos frescos?” perguntou Mr.Horniman. “Vimos fotografias. São muito bonitos.”

“Refiro-me a tudo. Neste lugar abandonado por Deus, ele criou uma verdadeira magia. Os frescos, o palácio, os jardins. Poderia ele ter feito tudo isso e ainda ser o homem tão horrível, como dizem que ele era? Um parricida?”

“Mas não foi ele quem fez isso, pois não? Não foi o próprio pintor? Ele foi apenas o rei. Como os reis em toda a parte.” Ela respirou fundo. Ao ver o corpo dela a

mexer enquanto falava, sobressaltei-me. Depois ela disse, “ Mas tem razão, Senhor Udaweera, a História não é um assunto simples.”

Mr.Horniman olhou para o relógio. “Talvez nos possa dizer mais sobre isso amanhã depois de termos visitado o local. Mas agora é tarde, sobretudo se vamos começar às sete.”

Tinha-os retido demasiado tempo a pé, mas achei que eles precisavam de saber onde estavam, e onde iam. Desejei-lhes boa noite e vi-os a voltar para o quarto. Para eles parecia que o meu *maligawa* era simplesmente mais uma paragem nocturna – uma cama tórrida – num itinerário apaixonado. Mas não seriam capazes de sentir qualquer coisa neste local?

Fechei à chave a minha secretária e dei o meu último giro para me certificar de que estava tudo em ordem antes de ir para a cama. Parei à porta deles por um momento; depois continuei rapidamente. Podia ver o suor a correr-lhes por entre as pernas; manchas como balões a estragarem os meus lençóis novinhos em folha.

Então um camião parou na estrada principal. Havia vozes a entoar cânticos, tambores *raban*.<sup>50</sup> Pensei nos meus dois hóspedes, como ficariam tensos; agarrados um ao outro, a ouvir, a imaginar o pior; bruxaria, demónios, bandidos. O som aumentou num crescendo,e depois o camião continuou. Os cânticos e os tambores baixaram. Os barulhos normais da selva voltaram a encher a noite, mas a intrusão persistia no ar.

Na manhã seguinte senti-me mole, inchado de sono. Doíam-me os braços e as pernas. Acho que me tinha preocupado como é que as coisas correriam com eles. Não sabia praticamente nada sobre eles e ainda assim parecia que, de alguma maneira, eram indispensáveis para o hotel e para mim. Era em parte por saber que tinham lá estado toda a noite, a partilhar os prazeres do palácio que era o meu *maligawa*, por saber que confiavam em mim para os proteger enquanto faziam amor, por lhes garantir que o dia correria de acordo com o que estava planeado. Os nossos destinos pareciam entrelaçar-se.

Depois dos dois dias no *maligawa* voltariam para Colombo. Mais uma semana e estariam de volta a Inglaterra. Um jardim com macieira em flor, tomilho e lavanda. Uma cozinha com um frigorífico que não precisava de reparação. Era irreal. Do outro lado do relvado, vi Mr.Horniman a abrir a porta e a sair para o pátio. Bocejou,e

---

<sup>50</sup> Tambores típicos do Sri Lanka.



espreguiçou-se, deixando que o roupão castanho se abrisse. Um esquilo pequenino apareceu no chão à frente dele. As tiras pretas das costas enrolavam-se quando se inclinava. Estava nervoso. Com medo da grande extensão, a vasta extensão<sup>51</sup> de relva e de gravilha que subitamente tinha descoberto. Depois, subitamente, viu qualquer coisa e saltou rapidamente em linha recta.

Mr.Horniman entrou para acordar a mulher.

Conseguia vê-la, através da janela, na cama com o lençol de algodão enrolado debaixo dela. Olhou para ele, esticando-se.

Depois Nimal atravessou o relvado de braços esticados com um tabuleiro de chá a tilintar. Poisou-o e bateu na porta exterior. Mr.Horniman voltou a sair para o pátio. Nimal ficou ali a olhar para Mr.Horniman – para o robe de cetim e para os pêlos loiros que retinham o sol que lhe batia nas pernas – como se nunca tivesse visto ninguém como ele.

“Até já, chamo-o quando estivermos prontos,” acabou por dizer Mr.Horniman, ouvi eu. Nimal esperou uns minutos, olhando fixamente para a porta, a morder o lábio inferior. Decidi, então, que deveria ir também com eles, lá acima, a Sigiriya. Fui ter com eles depois de terem acabado o pequeno-almoço e perguntei-lhes se tinham estado confortáveis. “Espero que, ontem à noite, o camião não os tenha incomodado muito.”

Abanaram as cabeças. “O que foi aquilo?” perguntou ela. Ela tinha um olhar ligeiramente sonhador, como se estivesse a pensar em algo misterioso.

“Peregrinos,” disse eu. “Os peregrinos seguem este caminho. Alugam um camião ou qualquer outra coisa para a aldeia e viajam durante a noite.”

“Pararam aqui para descansar?”

Expliquei que para algumas pessoas o transe induzido por estes rituais é uma forma de descanso. São alguns momentos tirados para esquecer uma vida difícil e cansativa. Eu queria sossegá-la.

“Toda essa gritaria!” disse Mr.Horniman e levantou-se para ir embora.

Quando sugeri que eu próprio os levaria ao rochedo, no meu jipe, a cabeça estreita e pontiaguda de Mr.Horniman tombou. A boca ficou tensa. “Claro, por que não?” disse ele de modo desagradável. “Tragam o hotel todo.”

Mas ela ficou aliviada, e perguntou-me se podia realmente.

---

<sup>51</sup> *Expanse e stretch*: pareceu-me que ambas as palavras podiam ser traduzidas pela mesma expressão, *extensão*.

Disse que sim com a cabeça e fui aprontar o jipe.

Fomos de carro até ao sopé do rochedo e estacionámos debaixo de uma árvore. Daí para a frente Nimal indicou o caminho, nos seus calções sujos, descalço, desferindo golpes, com um pau na mão. Usava-o para afastar do caminho os galhos e os calhaus. Mr.Horniman seguia-o como um gigante vagaroso – dava duas vezes a altura do rapaz. Ela caminhava um bocadinho atrás a observá-los aos dois.

Alcancei-a. A primeira parte da subida era suave. À nossa frente Nimal atirou descuidadamente uma pedra a uma perdiz verde que estava solenemente poisada num ramo. Falhou. Mr.Horniman deu um estalido com a língua, como um pai.

As extensões de terreno que ficavam na parte mais baixa do sopé estavam envolvidas por arbustos enfezados, pequenas matas de vegetação rasteira; e a terra estava cavada em pequenas ravinas. Acima de nós o granito começava a aparecer.

“Há animais por aqui?” perguntou Mr.Horniman manuseando a máquina fotográfica.

Nimal olhou para ele com uma cara séria. Estava pasmado. “Sim, chefe. Muitos animais. Macacos, veados, tigres.” Fez um gesto para as árvores. “Talvez ali, não é fácil de ver. Perigosos à noite. Elefantes!”

Mr.Horniman procurou de imediato o caminho para os excrementos e pegadas e verificou a orla da mata. Mas não havia nada. Apenas a erva seca e alta, os arbustos espessos e árvores emaranhadas. Um exército podia esconder-se ali e ele não saberia.

A encosta ia dar a uma extensão<sup>52</sup> preta do rochedo ao qual a terra estava colada, como pele, em fios vermelhos. A pedra absorvia o calor do céu e reflectia-o quase mais forte do que o próprio sol. Mostrei-lhes as piscinas que tinham sido construídas e expliquei-lhes o engenhoso sistema hidráulico, ou pelo menos o que eu compreendia dele. Nenhum dos dois falou muito. Ouviam mas pareciam estar preocupados com os seus próprios pensamentos. Dei explicações sobre o famoso Muro de Espelho que eles tinham visto à distância. Como tinha ficado polido como um espelho durante mil e quinhentos anos. Falei-lhes dos grafitis gravados no muro ao longo dos anos, versos de desejo e amor para as mulheres nos frescos. E disse-lhes para terem cuidado para não fazerem barulho por causa das vespas nas grandes colmeias castanhas a guardarem o rochedo.

---

<sup>52</sup> Achei conveniente traduzir *bone* por *extensão* para facilitar a compreensão.

“Meu Deus!” disse ela abanando-se com um mapa. Mas, quando chegámos aos frescos, os meus dois hóspedes ficaram aterrados. Figuras no rochedo, maiores do que a vida, tão delicadas a olhar fixamente o céu e o mundo e uma para a outra. A pele doirada quase transformou o gesso em carne. Narizes compridos dilatando-se sobre lábios sensuais. Olhos âmbar pálidos. Peitos a elevarem-se da pedra, os mamilos a levantarem os véus finos, transparentes, insuportáveis. Umbigos perfeitos e fundos a curvarem para dentro.

Eu observava os outros dois a interiorizarem tudo, pouco a pouco. O Senhor Horniman espreitava pelo visor tentando meter tudo lá dentro; começou por mudar de posição de um lado para o outro em cima de um pequeno ressalto.” O que acha?” perguntei eu.

“Maravilhoso!” Ela tocou no meu braço. Senti-o a arder. “São lindas.”

Mr.Horniman clicava as aberturas do diafragma, zunindo, fotografando. “Porra de sombras! Se ao menos a porra do sol se mexesse.”

“Então porque é que vosso rei mandou pintar estes aqui?”Ela ficou ao pé de mim, ignorando o marido.

“Não sei. Para seu prazer?”

Riu-se e o riso pareceu ecoar, talvez só dentro da minha cabeça. Os dedos dela estavam húmidos. “Aqui?”

“Algumas pessoas dizem que foram apenas os guardas, um artista entre os guardas. Mas outras dizem que eram *apsaras*, anjos divinos. Que centenas foram pintados por toda a superfície da rocha.

A cara dela batida pelo vento afinilava-se numa boca de lábios púrpura tornando-a cada vez mais parecida com uma *apsara*: intensamente viva. Passou uma língua espessa pelos lábios, rejuvenescendo-os.

Eu podia sentir o seu hálito.

Quando acabou de tirar fotografias, Mr.Horniman disse, “Continuamos?”

Descemos a escadaria exterior até ao início do muro de espelho. Ela deixou os dedos varrer o muro, sentindo a aspereza das palavras riscadas no gesso.

Acompanhámos a protuberância do rochedo, abrigados pela saliência, e atravessámos um caminho ao ar livre até às patas de leão cravadas na pedra, mais acima. Só a pata cravada era maior do que o Senhor Horniman.

“É enorme,” disse ela.

Eu disse-lhe que era por isso que se chamava o rochedo do leão. Só restavam as patas, mas originariamente o leão deve ter sido colossal. Os inimigos de Kassyapa deviam temê-lo a milhas de distância.

Das patas para chegar ao cume havia uma subida íngreme ao longo do leão pela superfície do rochedo. Tinha de se escalar por pontos de apoio cortados directamente na rocha. Nimal e Mr.Horniman começaram a trepar, mas ela de repente virou as costas.

“Acho que fico aqui,” disse ela. “Continua tu,” disse ela ao marido.

Disse-lhe que ficava com ela, mas a minha voz soou estranha quando falei.

“Ótimo. Faça isso,” disse ele, e desapareceu.

Quando descemos do leão era como se a selva se desenrolasse num tapete à nossa frente. A clareira, um pequeno planalto vermelho ferrugem, estendia-se cerca de cinquenta jardas. No topo estava um penhasco e depois uma descida de uma centena de pés para as planícies em baixo. Por baixo de nós a selva estendia-se em direcção ao mar, desfraldando-se num contínuo enfeite verde para encontrar a espuma para lá do horizonte. Estávamos mais altos do que qualquer outra coisa à vista, à excepção da cúpula de granito atrás de nós. Sentámo-nos à sombra de uma árvore e olhámos fixamente para o imenso céu. Não havia nenhum som a não ser o do vento. O rumor da selva estava aplanado pelo sol. Às vezes, um falcão, um milhafre batiam as asas e agitavam o ar.

Ela tirou o casaco fininho de algodão que trazia vestido. Estava calor, o ar era quente e espesso na minha boca; queria dizer-lhe qualquer coisa.

“Vão embora hoje?” perguntei.

“Vamos,” respondeu ela. “Temos mais uma paragem e depois voltamos para Colombo. Na quinta- feira temos o voo de regresso.”

“Para Londres?”

Ela virou-se e olhou para mim e disse que sim com a cabeça. “Sim, outro mundo.”

“Têm uma casa em Londres?”

Ela disse que vivia num andar, num apartamento. “Vai ser engraçado voltar para lá, estar a viver sozinha, depois de tudo isto.”

Fiquei desconcertado com o que ela disse e depois lentamente compreendi que afinal talvez não fossem marido e mulher.

“Esta não é a vossa lua-de-mel?”

Ela sorriu para mim. Não disse nada. Eu quis perguntar-lhe o que é que eles estavam a fazer aqui? Há quanto tempo é que ela o conhecia? Ela tinha de voltar? Tudo dentro de mim estava a acelerar. Naquele planalto sozinho com ela, achei, por uns instantes, que tudo era possível. Kassyapa fez deste lugar o seu paraíso. Claro que isso tem importância.

Olhei para os pés dela. Trazia uns sapatos de lona azuis clarinhos. O material fininho mudava de forma, conforme ela encavalitava os dedos e a tira de elástico preta e branca de cada lado dos sapatos esticava-se, por sua vez. Não tinha meias e os tornozelos e as pernas estavam descobertas até a um terço dos joelhos. A pele era de um pó doirado. As calças que lhe eram curtas, eram justas à volta da barriga das pernas. Cada perna tinha uma racha no final da costura exterior e um botão preto que não servia para nada. Estava sentada de pernas abertas, os cotovelos sobre os joelhos, a face<sup>53</sup> apoiada nas mãos em concha. Tinha desfeito o cabelo e este caía-lhe em cachos nos ombros descobertos. Tinha-o o encaracolado em anéis nas partes humedecidas pelo suor. Vi que os ombros dela eram sardentos. Pequenos tufo de pêlo pendiam por baixo nos triângulos que ela fazia com os braços e o corpo. Conseguia ver o céu emoldurado ali, azul e quente.

Queria que ela percebesse que eu não era um plebeu ou um grosseiro. No meu plano original para o *maligawa* eu tinha incluído uma grande piscina rectangular feita de pedra, pedra cinzenta com musgo e líquenes dos lados. A água seria como tinta, escura com algas. Queria grandes folhas de lírios flutuantes para manter a superfície sem ondas e lótus cor-de-rosa a beberricarem no cimo. Teria gostado de a levar lá para beber e sentir a água fresca, mas nunca chegámos a construir. Queria tocar-lhe.

Quem me dera lembrar-me de como os poetas peregrinos cantavam o amor. *Os lábios abertos, maçãs de rosto redondas. . . gansos a levantarem as grandes asas. . . olhos longos, serenos e cisnes inebriados com a essência do céu. . . fontes de flores.*

---

<sup>53</sup> Acrescentei *apoiada* para melhor compreensão.

*Os lábios um dia beijaram as tépidas flores  
Até que a tinta carnal as envernizou cativas  
Nos dedos de cré do rochedo de um rei.*

*Os longos olhos iluminam um galanteio secreto  
Impalpável como os seus seios redondos,  
Enquanto escaladores quentes e sequiosos fazem gestos de amor.*

*Eu bem quero mas sei que não consigo acompanhar  
o ritmo atrás daquelas curvas, mal sinto  
a palpitação de cada vez que uma vida bate.*

*O rochedo é o que mais invejo  
Aquele rochedo em ruínas que te segura  
E que permanece o leito do teu ser.*

Será que ela imaginava do que eu estava a falar? Eu achava que ela própria poderia ter estado no rochedo, e eu, mendicante a subir uma escada sem destino<sup>54</sup> através de um ventre molhado de leão, à procura de esperança.

Quando Mr.Horniman apareceu de entre as patas do leão estava com calor e ruborizado mas contente por ter feito o que se tinha proposto fazer. Limpou as mãos às calças e veio ter connosco.

“Viu o topo?” perguntei, prontamente. “Nimal mostrou-lhe?”

Disse que sim. “Mostrou. Excelente.”Ajustou a tira da máquina fotográfica.

“Como estamos de tempo? Estamos atrasados?”

Disse que não, que estava na hora.

“Onde está o rapaz?” perguntou ela, por detrás de mim.

“Já vem, fui mais rápido a descer.”

“Deve ter sede,” disse eu. “Com este calor deve beber. Trouxe umas bebidas frescas no jipe.”

---

<sup>54</sup> Tratando-se de uma escada, pareceu-me que *pointless/inútil* poderia ser substituído por *sem destino*.

Levantei-me e fui à frente pela encosta abaixo. Eu, como qualquer pessoa, deixei para trás as confusões toscamente construídas com adobe nas paredes do rochedo. Senti as pernas húmidas.

Quando chegámos lá em baixo ao jipe, pedi a Nimal para abrir o creme soda que eu tinha trazido na geleira. Mr.Horniman bebeu com grande prazer, olhando muito para mim.

Depois trepámos para o veículo. Eles os dois apertados atrás. “Onde está o Nimal?” perguntou ela.

“Não se preocupe.”

Nimal saltou pelo puxador do atrelado e agarrou-se ao pneu sobresselente. Descemos a encosta aos solavancos, levantando uma nuvem de pó vermelho e a dispersar as perdizes da estrada.

No hotel, deixei-os com o almoço, fui para as traseiras e tomei sozinho uma cerveja fresca. O calor era embrutecedor. A minha cabeça transformou-se em pedra. Dormi na cadeira mais de uma hora e acordei só quando Mr.Horniman chamou para dizer que iam embora. Queria fazer contas.

Tirou um maço de notas e retirou uma quantidade delas. Disse, “Guarde o troco.”

Não contei o dinheiro.

Ela já estava no carro a olhar em direcção ao rochedo. Eu disse, “Adeus!” e poucos minutos depois tinham desaparecido completamente da vista.

Estava a olhar para o sítio onde o carro tinha estado, quando Nimal apareceu com uma trouxa de lençóis sujos nas mãos. Levantou-os para me mostrar. Disse-lhe que temos de os mudar todos os dias; é o que se faz quando se gere um hotel. Tem de ser.

## ALMA – DE – MESTRE<sup>55</sup>

Subia eu Woburn Walk para ir à livraria de livros em segunda mão quando esbarrei com CK a sair de uma agência de viagens. CK era um homem baixo, magro, nos seus quarenta e muitos; trazia um casaco de tweed castanho com uma gravata de lã vermelha viva. Sobressaltou-se, mas depois reconhecemo-nos mutuamente.

“Como estás?” perguntou prontamente, parecendo muito bem-disposto.

Balbuciei qualquer coisa.

“Estive<sup>56</sup>, no Sri Lanka!” A pele de Inverno tinha ganho calor, o moreno era mais intenso; tinha um ar saudável.

“Ai sim.” Acenei com a cabeça.

“Sim! Sim!” disse entusiasmado, “Mesmo antes do tempo quente. Maravilhoso. Quando . . .” puxou para trás os óculos que deslizavam pelo nariz, “quando é que foste lá pela última vez? Ao Sri Lanka?” Agora irradiava alegria.

Tive de fazer um esforço. Sou péssimo a fazer contas ao tempo. “Há cerca de quatro anos”, disse à sorte.

“Também fui lá por essa altura. Setenta e nove. Que diferença! Nem imaginas. Na altura, dez rupias<sup>57</sup>, até cinco, era bom dinheiro. Tinhas qualquer coisa, sabes. Mas agora! Toda a gente tem dinheiro<sup>58</sup> a rodos. Cinquenta rupias, cem rupias, não é nada. Nada!” Abanou a cabeça com espanto, mas não entrou em detalhes se era inflação ou prosperidade, se concordava ou discordava.

A sua sensação de espanto era contagiante. O ar húmido e triste de Maio de repente limpou e o sol do meio-dia inundou a pequena viela onde estávamos. O ar perdeu a sua frialdade e os botões aquecidos e as folhas verdes encaracoladas das plantas nas floreiras do passeio pareciam abrir-se perante nós.

CK continuou como uma daquelas incansáveis locomotivas asiáticas. “Costa Leste, Costa Oeste, Norte, percorri tudo. Também fui à Índia, sabes. O Sul. Madras, Trivandrum, Goa, conheces Goa? Cochim. Tudo lindo. Goa e Cochim principalmente. Mas Ceilão. . .” respirou fundo e enrugou fortemente a boca que o que era o sorriso ficou apenas suspenso nos olhos. Abanou a cabeça devagar. “Ceilão agora é muito próspero. Sabes, andam a construir casas por todo o lado. E muito modernas também. E

---

<sup>55</sup> Pássaro anunciador de tempestade.

<sup>56</sup> *I've been back home, to Sri Lanka*. Esta expressão não tem correspondente em Português.

<sup>57</sup> Uma rupia equivale a cerca de dois cêntimos do euro.

<sup>58</sup> Achei que poderia ser esta a expressão correspondente para *fists of Money*.



turistas por todo o lado. Por todo o lado. Costa Leste, Costa Oeste, por todo o lado. Não podes andar cem jardas – turistas! A Índia ainda está mais cheia deles,” acrescentou, não fosse eu sugerir uma comparação. “ Na Índia, jovens, não se trata de hippies nem nada do género, apenas jovens que vagueiam por todo o lado. Todo o tipo de jovens, rapazes e raparigas a dormir em qualquer sítio. Não dá para acreditar como eles são felizes! Perguntei-lhes, sabes, o que andam a fazer? Gostam, assim, de andar sem rumo?” O tom de voz elevou-se num crescendo. Mas, sabes, é muito bom. Eles adoram. Vêm da Noruega, da Suécia, da Alemanha e não querem regressar. É realmente extraordinário! Dormem na rua ou na estação e conseguem comer por duas rupias. Que mais se há-de querer da vida, heim? Andam à procura de *dharma*.<sup>59</sup> Eu também dormi numa estação na Índia.” CK inclinou a cabeça e sorriu, quase me esquecendo na sua contemplação daquela noite quente numa estação do Sul, partilhando a gare com um grupo de mochileiros transpirados com olhos grandes, como a lua.

Fiquei impressionado. CK estava tão entusiasmado, e parecia ter viajado com uma tão admirável curiosidade, falando com toda a gente acerca das suas vidas, dos seus anseios e dos seus sonhos migrantes. *E és feliz?* Imaginava-o perfeitamente a entrevistá-los com o seu enorme sorriso transparente, enrugando uma cara estreitinha<sup>60</sup> já de si<sup>61</sup> bastante enrugada. Imaginava-o com um olhar indiscreto a pedir, sinceramente, respostas *a sério*. As respostas, arrumava-as na cabeça, afagando suavemente as têmporas cinzentas.

“Sabes, vou voltar,” disse ele, como que a encerrar um raciocínio complexo. Não reagi. Não estava de forma alguma a acompanhá-lo. Eu estava na Índia. Repetiu a frase, “Vou voltar – voltar<sup>62</sup> para o Sri Lanka!”

“Queres dizer para sempre?” perguntei, pondo-me a par.

Suspirou com saudades, “Sim, em breve. Estive mesmo agora a informar-me sobre os bilhetes!” Fez sinal com a cabeça para a agência de viagens.

“Na verdade, nesta última viagem, fui para ver como eram as <sup>63</sup>coisas, sabes: as possibilidades. Foi por isso que também fui à Índia. Dizem que lá também está em retoma. Mas no nosso país, agora, ainda é melhor.” Olhou à distância, vendo as inúmeras possibilidades: Londres, Madras, Batticaloa. “ Já decidi mais ou menos. Sabes

---

<sup>59</sup> Origem das filosofias e crenças originárias da Índia. Caminho para a verdade superior.

<sup>60</sup> Achei que o diminutivo tornaria a frase mais expressiva.

<sup>61</sup> Acrescentei para dar mais expressividade.

<sup>62</sup> Confrontar nota 1.

<sup>63</sup> Acrescentei: *eram* para tornar a frase mais fluente.

o que vou fazer? Vou para a Costa Leste e abro lá uma residencial pequena.” Este pensamento deve ter-lhe ocorrido ou até deve ter tomado uma decisão, minutos antes do nosso encontro, mas rapidamente assumiu a forma de um sonho de toda uma vida. Deve ter sido isso que causou aquela admirável exuberância que encheu o ar quando começou a falar. Mas a plenitude da sua feliz visão pareceu atingi-lo só quando ele continuou. “Sim, percebes o que eu quero dizer?” Olhou de forma suplicante. Depois, quase a sonhar, disse, “ Só uma casita. Uma espécie de *residencial*.” As duas últimas palavras foram viradas e reviradas<sup>64</sup> na boca para que saboreasse até à última gota a magia nelas contida. Todo ele tinha já um ar de proprietário a regozijar-se com o meio-dia primaveril de Londres.

Do balcão das chamuças, a poucos metros dali, vinha um cheiro forte a especiarias que aumentava a nossa visão exótica partilhada da Costa Leste.

“Vais construir? Tipo um hotel?” perguntei.

CK pareceu surpreendido. Depois, com um sorriso afável, explicou “ Não, não. Um hotel não, mas uma residencial simples, sabes.”

Senti-me embaraçado. Um hotel, não, claro. Um hotel no Sri Lanka tem centenas de quartos, piscinas e bares. Tem betão; criados com sarongues brancos muito limpos; bufetes de caril ao Domingo; festas de churrasco nos bares com grande aparato; excursões de três dias pela ilha; lojas de pedras preciosas de Serendip<sup>65</sup>; vestidos de batique e raparigas envergonhadas contratadas por causa das suas faces ingénuas e das barrigas à mostra. Os hotéis são construídos por empresas internacionais, não por indivíduos que encontramos na rua.

“Na realidade, talvez *cabanas* fosse melhor. Hoje em dia é do que os turistas gostam. Percebes o que quero dizer?”

Disse que sim, mas ele insistiu em clarificar o significado.

“Estás a ver, na verdade, é apenas uma barraca. Muito simples. Vou arranjá-la tipo uma cabana. Cimento, e sabes como é a nossa cobertura<sup>66</sup> de colmo? *Cadjan*<sup>67</sup>. Vou pôr disso. Custa muito, muito pouco. E quanto menos tiverem, hoje em dia, mais estes turistas gostam. De facto, pagam mais por menos!” Irradiou alegria, de novo. “Vou, pois, arranjar algumas dessas. E pronto!”

---

<sup>64</sup> Acrescentei: *reviradas* porque é a expressão usada em Português.

<sup>65</sup> *Serendip* é a palavra persa para Sri Lanka.

<sup>66</sup> Omiti a palavra *coco* para não usar *colmo e coco*.

<sup>67</sup> Entrançado de folha de palma utilizado para telhado no sul da Índia.

Ele já lá estava, sentado no alpendre do seu moderno bangaló a gozar a vista panorâmica do Oceano Índico e do seu pedacito de terreno de *cabanas cadjan*. Também contemplei com saudade a linha branca da rebentação com uma milha de comprimento a enrolar na praia de CK.

Depois teve outra ideia.

“Sabes, não há problema com a comida. Há sempre um *Kadé*<sup>68</sup> nas redondezas onde se pode comprar arroz e caril por poucas rupias. E estes turistas gostam disso.”

“Ah bom,” disse eu, “ estava a pensar na comida.”

Estava a pensar para mim que valia a pena abrir um restaurante perto da praia de CK. Seria melhor ideia do que as cabanas; podemos viver sem uma cabana de cobertura de colmo, mas sem comida não duramos muito tempo, mesmo no paraíso.

“Sabes, também fui às cidadezinhas?” CK levantou as sobrancelhas e com o mesmo gesto levantou todo o couro cabeludo. “Mudou tudo tanto! É indiscutível, mudou tudo, sem dúvida. Desenvolvemo-nos muito, sabes. Devias ver as casas que lá há, agora.”

Foi tão convincente que eu quis voltar imediatamente com ele.

“As casas são como as de Colombo agora, muito melhores do que aqui.” A cara ficou séria e a boca descaiu propositadamente de ambos os lados. “ Sabes por que razão? Toda a gente agora tem alguém no Médio Oriente. A trabalhar lá. A ganhar montes de dinheiro. Por isso compram tudo. Sabes, TVs – televisões – cassetes, vídeos, motorizadas, as obras<sup>69</sup>! E o *Kadé* ainda lá está com o nosso *thosai*<sup>70</sup> e chá doce. Inacreditável, não é? Mas. . .” CK sorriu, então, de novo, como se estivesse a evitar um segredo, “em alguns aspectos nada mudou. Percebes o que quero dizer?”

Percebi o que ele queria dizer. Fez-me lembrar os tempos felizes de quando eu era criança e fazia contrabando de pacotes de rebuçados condimentados: misturas de cardamomo, grão-de-bico, amêndoas, açafraão e pérolas de açúcar prateadas. Um intenso e inacreditável prazer pessoal.

“Sabes, as coisas verdadeiras ainda lá estão. Foi por isso que eu decidi ir. Já foste à Costa Leste? Sabes o outro lado da laguna e o resto: Nilaveli, Kuchchaveli. Por ali à volta é onde eu estou a pensar em ficar.<sup>71</sup> Bom mar, areia branca. E muito calor.”

---

<sup>68</sup> Kadé, segundo explicação do autor, trata-se de uma pequena loja, do género das nossas mercearias.

<sup>69</sup> Neste contexto, pareceu-me que *works* poderia ser *obras*.

<sup>70</sup> Prato típico do Sul da Índia. É um tipo de panqueca fininha.

<sup>71</sup> Acrescentei *ficar* para melhor compreensão.

Ficámos ambos em silêncio por uns momentos. O sal no ar marítimo embalou-nos quase para um sono. Em cima, a brisa do mar ecoava o bramido da rebentação, enquanto as árvores de coco se penteavam, com as cabeças juntas, murmurando como gigantes o plano dos nossos destinos. O sol estava quente. CK recapitulava cada passo do seu sonho. Mas dentro de dois meses toda a ilha seria engolida por chamas: a Costa Leste, tal como o Norte, havia de tornar-se um campo de batalha em chamas. Minada e metralhada, bombardeada e reduzida a pó, a praia de CK, a zona seca, atrofiada – a disputada terra mãe – seria desenterrada, destruída e exumada. A carnificina em Colombo, os massacres em Vavuniya<sup>72</sup>, a batalha do Elephant Pass<sup>73</sup> estava tudo ainda para vir. Mas naquele dia no meio de Londres, no meio de Maio não sabíamos nada disso.

Acabei por lhe perguntar pela data da partida, “Quando vais, então, regressar, exactamente?”

Esta simples pergunta bastou para interromper o feliz comboio do seu pensamento. De súbito, foi puxado da repartição do registo territorial em Trincomalee para o nosso passeio pedonal ensolarado de Bloomsbury. Mas as rodas logo suavemente rodaram de novo.

“Estou a pensar em voltar daqui a seis meses. Tenho de resolver umas coisas, depois acho que será a altura ideal para ir. Estas coisas não se podem apressar, estás a ver. Sabes como é, voltar para a nossa terra. Mas de certeza que para o ano acho que já lá estarei.” Olhou para mim como que à procura de confirmação.

Involuntariamente, fiz um sinal de aprovação. Vi que ficou contente. O plano estava a começar a fazer sentido, subordinado a uma lógica própria; havia como que uma espécie de imaginação fácil em actividade. Disse que achava que era um homem de sorte. Durante dez anos a sua imaginação tinha azedado ao escapar-se-lhe na roda<sup>74</sup> de fiar dos cargos administrativos no escritório em Euston. As suas expectativas, e até os seus sonhos, tinham aprendido a ajustar-se a um conjunto fixo e limitado de pequenos aumentos salariais. Agora, de repente, sentiu que tinha uma nova dimensão – um futuro livre para explorar. Parecia vinte anos mais novo num mundo em que ele era o único e exclusivo responsável. Olhou para mim e disse, “Sabes, já sou um homem feliz.”

---

<sup>72</sup> O Distrito de Vavuniya foi palco de vários massacres.

<sup>73</sup> Foi uma batalha para controlar a base militar de *Elephant Pass* em Julho de 1991.

<sup>74</sup> Omiti raio para não usar *raio da roda*.

Então o sol deslizou para trás de uma nuvem e as sombras invadiram o chão; ambos tomámos consciência de que era tarde. Os nossos planos para o almoço tinham sido alterados. Acenámos um ao outro energicamente com a cabeça e separámo-nos. CK esticou o pescoço como um pássaro à procura do mar, enquanto eu me apressei para a minha livraria.

## ULLSWATER

RANJIT DISSE que queria que eu me sentisse à vontade portanto levou-me a um bar na rua que passa acima do lago. Estava um belo dia de Verão. Sentámo-nos lá fora. Tem de beber cerveja inglesa, disse ele; colocou entre nós duas canecas de cerveja amarga preta e sentou-se inclinado para frente com os cotovelos em cima da mesa. Tinha querido falar-me desde que cheguei a Inglaterra, mas como a jovem família andava sempre por ali nunca surgira o momento oportuno até agora. E agora estava tão ansioso que toda a face se contorcia quando falava.

Disse que ultimamente não se andava a sentir bem. Não conseguia dormir de noite. Era por causa do pai; sentia que sabia muito pouco acerca dele – o meu irmão Senaka – e não conseguia deixar de pensar nele. Que diabo aconteceu, Tio? Sacudiu a cabeça a tentar compreender. O que lhe aconteceu no final?

Não sabia por onde começar. Podia ouvir as ovelhas a balir no campo por trás de nós. Ao longo do parque, para cima e para baixo, os canteiros transbordavam de flores inglesas azuis e rosa: Senaka teria sabido todos os nomes, mas as dedaleiras e as malvas-rosa lá ao fundo do parque, encaixilhando Ullswater em púrpura, são os únicos que sei, e esses apenas porque perguntei. Sente-se uma atmosfera<sup>75</sup> saudável, segura, abençoada, como se o ar tivesse sido lambido e lavado. Olhei para Ranjit do outro lado da mesa. Queria contar-lhe tudo.

Dois dias antes de o teu pai ter morrido, comecei eu, fui visitá-lo<sup>76</sup> a casa. Eram três da tarde. O sol fervia no céu; o ar quente abanava as sementes que tostavam nos grandes rododendros na rua. Nada mais mexia. Até os corvos estavam aturdidos.

Como poderei esquecer?

Bati ao portão, um desses de ferro forjado. A tinta branca estava a descascar; pedaços – cacos redondos enferrujados - caíram como rebentos aos meus pés. Os vossos frangipanis<sup>77</sup>!

A casa estava em ruínas. Via-se que a chuva tinha destruído as caleiras de lado, deixando enormes manchas escuras de humidade na parede. O alpendre estava uma desgraça: cadeiras, arrastadas pelas chuvas fortes das monções, estavam amontoadas numa extremidade, e caixas espalhadas por todo o lado. Até pensei que a casa pudesse

---

<sup>75</sup> Expansão: acrescentei a palavra atmosfera para melhor compreensão.

<sup>76</sup> Preferi a conjugação fui visitar a visitei porque evidencia o propósito da acção.

<sup>77</sup> *Frangipanis* é a tradução de *temple flower* que são as flores dos templos religiosos da região.

estar abandonada, que Senaka – o teu pai – pudesse ter ido embora. Depois apareceu um homem.

Onde está o *mahathaya*<sup>78</sup>? perguntei.

Lá dentro, disse ele.

Pedi-lhe para abrir o portão.

Tirou um molho de chaves e abriu o cadeado. Era tão grande como um punho a segurar uma corrente gorda de ferro; arrastava-se pelo chão.

Chama-o, disse eu. Diz-lhe que Victor *aiya*<sup>79</sup> chegou.

O homem desapareceu no interior da casa. Esperei nos degraus da entrada. As trepadeiras, no jardim, estrangulavam o jacarandá azul. Ervas daninhas tinham invadido os canteiros de flores e havia peladas de erva por baixo da árvore-do-pão. Os antúrios tinham rebentado os vasos e línguas grossas de erva-de-búfalo cresciam por todo o lado.

Há anos que não via Senaka, desde que me mudei lá para baixo para o Sul. Nunca se proporcionou encontrarmo-nos. Por nenhuma razão, creio eu; cada um tinha o seu mundo, as suas preocupações. Ele tinha os seus livros, era casado e de qualquer modo não queria saber de companhia, e eu andava ocupado a correr de um lado para o outro a tentar arranjar emprego, à procura de ideias. Tinha experimentado todo o tipo de coisas antes de começar a ensinar Inglês: política, jornais, correios, até o negócio de óleo de palma – mas a vida, para mim, tem sido sempre viver o dia-a-dia. Ao contrário da dele<sup>80</sup>. Mas então, um dia, a tua mãe, Sonia<sup>81</sup>, escreveu a dizer que o tinha deixado. Disse que ele não estava bem, mas que lhe era impossível fazer alguma coisa por ele. Pelos vistos já nem olhava para ela. Tu já estavas a estudar em Inglaterra e portanto Senaka estava sozinho. As coisas tinham-lhe corrido muito mal e senti que tinha de fazer alguma coisa. Quis renovar os nossos puídos laços familiares. Havia muito terreno<sup>82</sup> perdido a recuperar. Ele era meu irmão e eu não tinha feito nada por ele. Não estava certo.

Acho que também eu necessitava de alguma coisa. Os anos, mesmo nessa altura, já me pareciam ter-se esvaído em nada; tinha-os desperdiçado tão tolamente!<sup>83</sup> Agora cada dia que passa tenho de tomar sais para o fígado e iodo, e também sei que temos muito pouco tempo por muito que nos seja dado; e apesar disso... Cada um de nós tinha

---

<sup>78</sup> Expressão idêntica a patrão.

<sup>79</sup> Significa o irmão mais velho.

<sup>80</sup> Torna-se mais fluente do que a tradução *não como a dele*.

<sup>81</sup> Por não traduzir os nomes próprios anteriores, também mantenho este no original.

<sup>82</sup> Usamos mais *tempo a recuperar*, mas se for *terreno* transmite a ideia de que é preciso muito empenho.

<sup>83</sup> Em português esta expressão requer um ponto de exclamação.

sido sempre demasiado orgulhoso da sua independência. Mesmo em casa do nosso pai, enquanto crescíamos, escapávamos rapidamente cada um para seu lado: ele para os livros, eu para a cidade. Nunca lhe contei muita coisa. Ele teve de descobrir por si, como qualquer outro; em todo o caso, ele parecia saber sempre o que queria fazer.

Quando éramos crianças, era ele quem parecia estar sempre a examinar o mundo bocadinho a bocadinho; procurando, por assim dizer, qualquer coisa que redimisse esse mundo<sup>84</sup>. Talvez fosse por causa da nossa mãe: ela era tão doente – tão distante – embora eu ache que os problemas dela começaram verdadeiramente apenas depois do nascimento dele.

Ele era um grande leitor, o teu pai; lia tudo o que conseguia agarrar. A livraria de livros usados em Junction Road, perto da nossa casa, era o céu para ele. Nessa altura oferecia um serviço de biblioteca “paga à medida que leres.” Podíamos comprar uma dúzia de livros por uma rupia<sup>85</sup> e na semana seguinte depois de os lermos, vendíamos-os por cerca de cinquenta cêntimos. Foi deste modo que a maior parte da literatura inglesa lhe passou pelas mãos. À medida que ele foi crescendo, cresceu também o número de livros que podia ter e iniciou a sua própria biblioteca que empilhava em colunas instáveis no quarto minúsculo. Foi a partir destes livros que ficou a conhecer a Inglaterra, até ao mais ínfimo pormenor. Tornou-se o país dos seus sonhos: rico, fértil, cheio de uma confortável bravura.<sup>86</sup>

Eu era diferente, era mais velho do que ele: horrorizava-me o seu deslumbramento<sup>87</sup> por Inglaterra. Sendo um jovem de ideais puros<sup>88</sup>, disse-lhe que a Inglaterra era uma potência ocupante que tinha de ser repelida. Uma má influência no espírito da liberdade. Nesses tempos eu estava, igualmente, desanimado com a nossa liderança política: naquela altura parecia-me tão pouco inspiradora!<sup>89</sup> Gostava que estivéssemos na Índia onde havia muito mais do que uma luta. Algum combate, algum idealismo. Gandhi. Bose<sup>90</sup>. Sabes, homens que faziam alguma coisa pelo seu país. Mas Ceilão parecia estar cheio de lacaios. Todos queriam ser chefes na casa do Governador. Como poderiam sê-lo? Só quando a esquerda apareceu em trinta e cinco é que

---

<sup>84</sup> Acrescentei *esse mundo* para evitar a confusão do pronome *o*. Se fosse *o redimisse* poder-se-ia pensar que era ao Senaka e não ao mundo. Senaka era idealista e só via imperfeição.

<sup>85</sup> Uma rupia equivale a cerca de dois cêntimos do euro.

<sup>86</sup> “*tubby*” significa confortável, dentro de uma zona confortável.

<sup>87</sup> No contexto, escolhi deslumbramento para *infatuation*, realçando, deste modo, uma certa irracionalidade.

<sup>88</sup> O adjectivo *sério* para traduzir *earnest* não transmitia a carga ideológica desta tomada de posição.

<sup>89</sup> Em Português este desabafo pede um ponto de exclamação.

<sup>90</sup> *Bose*, físico indiano.



começámos a ver um futuro a sério. Durante a malária, foram para as aldeias ajudar a população. E o povo mostrou reconhecimento pela preocupação deles. Quando, finalmente, houve eleições, o povo retribuiu. Eu alistei-me.

Mas o teu pai nem sonhava com isso! Era inteligente e podia ter feito tudo o que quisesse. Podia ter ido longe no sistema se tivesse querido. Podia ter ido para a Função Pública, ter tirado Direito, ter sido advogado, qualquer coisa, se não queria lutar pelos nossos direitos naturais. Mas em vez disso, aos vinte e tais casou com a tua mãe, Sonia. Foi um casamento de amor. Um dos primeiros na cidade. Quando devia estar a preparar-se para os exames, Senaka tinha andado, mas era discretamente, a namorar. Apanhou toda a gente de surpresa. Conhecíamos-la como a filha de um indivíduo muito rico que vivia do outro lado da cidade e o casamento foi visto como um verdadeiro golpe. Todos falavam disso.

As pessoas chegaram a dizer que ele tinha usado um feitiço<sup>91</sup> – um *mantra* – e etc, mas não acho que o próprio Senaka soubesse como tinha conseguido conquistá-la<sup>92</sup>; ou porquê.

Lembro-me da tua mãe como uma rapariga esguia, elegantemente vestida, com uma cara larga e aberta. Era lisa como um prato<sup>93</sup> e extraordinariamente pálida. À noite, depois do esplendor crepuscular do pôr-do-sol, quando os papagaios cruzavam o céu, a sua face absorvia a luz e lentamente ficava luminosa como a lua. Nesse tempo era uma rapariga encantadora.

Muito francamente não sei o que viu ela nele, mas por outro lado não posso dizer que compreenda como estas coisas acontecem. Eu nunca consegui entregar-me assim; sempre achei que antes de abraçarmos alguém, um estranho, devemos primeiro encontrarmo-nos a nós próprios.

Mas era tudo muito delicado. Ele levava-lhe pulseiras de malmequeres: flores da carne aveludadas e agridoces. Uma vez vi-as – as flores – a arrastarem-se pela perna abaixo e perguntei-lhe onde ia. Disse que ia à livraria. Com malmequeres? perguntei eu. Atafulhou-os rapidamente, à força, no bolso. Quero procurar uma coisa, disse ele. Botânica. Ficou todo corado.

---

<sup>91</sup> Traduzindo *spell* por feitiço, não é necessário traduzir o adjectivo *magic*.

<sup>92</sup> Expansão: acrescente o verbo *conquistar* para melhor explicitar aquilo que se refere o pronome *it*.

<sup>93</sup> Segundo explicação do autor *era como um prato* tem o sentido de um prato como oferta, cheio de devoção e amor.

O casamento realizou-se nesse ano. Acho que trouxe alguma alegria aos nossos pais nesses seus últimos anos de vida, embora, quanto à minha mãe, fosse difícil de dizer, atendendo ao estado dela.

O teu avô, o pai de Sónia, disse no casamento, à frente de todos nós: A minha filha tem de ter o melhor. Dou-te uma casa, um bom começo, mas se alguma vez a fizeres infeliz – ergueu um dedo gordo, amarelo para Senaka – eu próprio te enfio uma bala, compreendes? E podia muito bem tê-lo feito se tivesse vivido tempo suficiente. Era um cepo de um homem. No início a casa parecia ser<sup>94</sup> uma bênção para Senaka. Sempre achei que era uma das mais bonitas da cidade: grande e cheia de corredores com aquele chão de pedra polido como se fosse mármore e o friso de madeira entalhada e ornamentada – o *mal lella*<sup>95</sup> – sob o tecto, os azulejos. Era muito mais agradável do que o nosso desconfortável bangaló. O teu pai tinha um enorme orgulho nela. Mostrou-me como tinha transformado um dos quartos num escritório e forrado as paredes com os seus livros. Lembras-te de como a sua janela se abria para o vosso jardim cheio de árvores tão velhas e imponentes: mango, coqueiro rei, árvore-do-pão.

O casamento protegeu o teu pai das minhas investidas e permitiu que ele se entregasse completamente ao seu estilo peculiar inglês. O amor, ele bem sabia das suas leituras, era não só cego como também ofuscante. O desejo cegava. Deu-lhe o privilégio de se enlodar nas suas fantasias. Enquanto eu media as notícias diárias pela bitola da nossa independência, ele comparava o novo verso, fresco como maçãs de Inglaterra, com os Lake Poets que ele tinha memorizado. E conseguia achar-se o mais virtuoso dos dois. Parecia envelhecer muito mais depressa do que eu.

Depois veio a guerra: nesses dias, na cidade, a conversa era toda acerca dos raids aéreos japoneses e da Comissão de Soulbury<sup>96</sup>, a prisão dos *Sama Samajists*<sup>97</sup> e a luta pela nossa independência nacional. Conversa de guerra. Para mim eram temas arrebatadores<sup>98</sup>, mas quando eu e ele nos encontrávamos, era como se nada estivesse a acontecer no mundo. Mesmo quando lançaram a bomba atómica ele não disse nada. De alguma maneira o seu inconcebível alheamento<sup>99</sup> de então em relação às notícias diárias

---

<sup>94</sup> Expansão: acrescentei *ser* para tornar mais fluente.

<sup>95</sup> Painel tradicional de ventilação em madeira entalhada sobre as portas e as janelas.

<sup>96</sup> Comissão enviada pelo governo britânico que visava fazer recomendações para uma nova Constituição no Ceilão Independente.

<sup>97</sup> Partido dos *Lanka Sama Samaja*.

<sup>98</sup> “*Heady stuff*” Introduzi uma expressão plural por se tratar de diversos referentes, embora todos eles políticos.

<sup>99</sup> *Dismissal* traduzido por *rejeição* parecia ser muito forte, daí ter optado por *alheamento*.

– as exigências das nossas vidas – exercia uma espécie de autoridade sobre o quer que eu pudesse dizer. Conseguia desencadear em mim inibições tais que me era impossível falar com ele sobre qualquer assunto sério sem me sentir a balbuciar como um rapazito. Mais do que os nossos pobres e desgraçados pais passou ele a representar a estabilidade e autoridade familiar.

Por acordo tácito, também nunca falávamos sobre o matrimónio, ainda que tenha sido o casamento a dividir o nosso mundo, o dele do meu. E assim, aos poucos fomos afastando e a memória comum da infância que outrora fora o sentido das nossas vidas – apanhar *jambu*<sup>100</sup>, fugir para a casa da árvore, jogos de críquete tensos disputados pelos dois – encolheu e tornou-se num minúsculo núcleo que se foi reduzindo. Eram mais as palavras que dizíamos do que aquilo que tínhamos nas cabeças. Naquela altura, sempre que nos encontrávamos, a tua mãe deixava-nos sozinhos para falarmos, mas sentávamo-nos naquelas cadeiras de verga no alpendre e só falávamos do maldito pão do padeiro, ou de algum problema técnico do gramofone do teu pai ... Depois um de nós levantava-se abruptamente e dizia, Tenho de ir, e pronto.

Tornou-se tão conservador – era esse o problema. Era como se, pelo facto de ter encontrado a tua mãe, nada mais lhe interessasse. Enquanto as pessoas como eu corriam em vão de um lado para o outro, tentando moldar uma nova sociedade, ele preferia sentar-se no jardim e ver as suas flores a crescer, ou ler livros sobre lugares distantes à luz de um candeeiro amarelo de escrivantina e sonhar com outro mundo. De facto, na altura eu não conseguia entender isto.

Depois nasceste tu e ele descobriu que pouco tinha de seu. Queixou-se à tua mãe de que não só a casa não era realmente dele, mas também tudo nela parecia pertencer, originariamente, a uma outra pessoa. As mesas, os armários, a loiça, o barro, até a cama onde eles dormiam tinham a impressão de alguém lá gravado. Tudo lhe tinha sido oferecido e cada dador tinha adquirido um pequeno direito sobre a sua vida, um direito sobre o seu bem-estar. E vinha tudo do lado da tua mãe; do seu pai, da sua mãe, de um tio ou de uma tia. Até tu – o bebé dele – tinhas os traços fisionómicos da tua mãe, a energia da família dela. Em criança não tinhas nada do Senaka, tanto quanto ele dizia; nem sequer aquela ligeira inclinação da cabeça que, tinha adernado, mas à tona, o nossa gente, geração após geração. E o conforto mandarim da casa que ele tanto cuidado tinha tido em proteger das duras realidades de lá de fora pareceu-lhe, subitamente, ser uma

---

<sup>100</sup> Também conhecido por agrião do Brasil.

completa ilusão. Nada tinha sido protegido. Toda a ilha tinha um dedo na sua vida, ao passo que ele próprio não tinha nada. Isso azedou-o.

A tua mãe tinha sido o seu único elo com o resto do mundo. Ela tratava de todas as questões práticas e dava-lhe os pedaços de que ele necessitava para alimentar a sua vida. Também lhe deve ter dado verdadeiro afecto. Mas depois de teres nascido, acho que ele sentiu que ela estava, lentamente, a deixá-lo isolado na estreiteza apertada da sua cabeça.

Nessa altura, à noite, na nossa região montanhosa, as estrelas ficavam tão perto que quase conseguíamos tocar-lhes. Deslocavam-se através do céu, como um milhão de espelhos minúsculos da terra. Eu sentia-me orgulhoso só de as ver – como se elas fossem, de uma maneira ou de outra, também nossas – mas Senaka não encontrava nenhum conforto. Ele sentia que as estrelas se tinham virado todas contra ele. Acho que para ele era como se todo o espaço, o tempo, a terra, o céu, o país, a família, a história, o destino, todos conspirassem contra ele. Depois de os nossos pais terem morrido, retirou-se simplesmente. A tua mãe contou-me que ele se tinha tornado completamente fechado, encolhido. Disse que, quando os olhares deles se encontravam, era como encontrar o olhar pasmado de um gato vadio. Isso foi quando, se te recordas, ele se retirou para o quarto e lá ficou com a porta fechada. Pelo menos, no seu pedaço de território, acho que se sentia seguro das reviravoltas inesperadas do mundo lá fora; confortável com o som de uma pesada ventoinha de tecto a chibatar o ar, o baque abafado dos livros a fechar, as páginas a enfraquecerem, ele próprio a envelhecer. Lá fora havia grilos, o grasnar dos corvos e, às vezes, o estrondo de uma fruta-pão demasiado madura a cair por entre as folhas grossas daquela árvore enorme.

Em todo o caso, quando apareceu finalmente no alpendre daquela tarde quente de 1967 em que eu o fui visitar, os olhos estavam um pouco cerrados por causa da luz. Tinha a boca descaída. Trazia um *banyan*<sup>101</sup> por cima de um sarongue amarrotado e coçava a cabeça ao caminhar.

Estavas a dormir? perguntei. A cara estava encarquilhada. Disse que sim com a cabeça e sentou-se numa das cadeiras de verga. Respirou fundo, mas não disse nada. Eu podia sentir o cheiro a araca a desprender-se-lhe da pele: um vapor quase visível fermentando no ar quente da tarde. A casa tresandava a bebida.

---

<sup>101</sup> Casaco tipo quimono

Não se mostrou surpreendido por eu ter aparecido repentinamente, depois de tantos anos.

Como está tudo? perguntei. Estás bem?

Encolheu os ombros. Não sei, disse ele. E tu? Por instantes os seus olhos desafiaram-me. Falava com o queixo no peito, os olhos presos aos joelhos, mas de vez em quando levantava-os para ver quem pudesse estar ainda por ali. Coçava a testa enquanto falava e a face brilhava com suor. Tinha a barba por fazer. No lábio superior de expressão mordaz<sup>102</sup> formavam-se gotas minúsculas que pareciam orvalho quente.

Perguntei pela tua mãe.

Foi-se embora, respondeu ele prontamente. Não disse mais nada, como se quisesse esquecer algum mal entendido.

Sentámo-nos pois ali, simplesmente, a inspirar o ar um do outro. Algumas moscas poisavam na mesa.

Não era a primeira vez que nos sentávamos assim em silêncio. Só que desta vez Senaka parecia que ia rebentar, como o vaso de plantas poeirento do jardim. Os pés descalços estavam inchados. Tinha tido sempre um ar sério enquanto rapaz. As sobrancelhas, o nariz e a boca afluíam juntamente para o centro da face, provocando um permanente sobrolho franzido. Estavam agora inchadas apresentando<sup>103</sup> formas diferentes que distendiam e distorciam a face numa expressão<sup>104</sup> suave e vazia.

O que aconteceu Senaka? perguntei. Queria agarrar algum do tempo perdido. Quis dizer-lhe que a vida estava a passar depressa demais. Depressa de mais para nos sentarmos ali sem dizer nada.

Levantou a cabeça e olhou-me desconfiado. Estou bem, disse ele. Que achas?

O alpendre com a grande sala escura por detrás tinha um aspecto tão misterioso. Deves ter sentido o mesmo. Era uma fachada: um lugar para conversa banal, divertimento. Era o hall de entrada de um teatro que se tornou depois no próprio teatro; um palco para mentiras, artifícios, fingimentos. Nenhum de nós tinha estômago para mais.

O teu pai levantou-se e disse que lhe doía a cabeça: depois, inclinando a cabeça como num apelo de clemência, sugeriu que fôssemos para o seu quarto. A araca do seu hálito era azeda. Dirigiu-se para as traseiras da casa, caminhava junto à parede, e

---

<sup>102</sup> Expansão: acrescentei expressão, porque mordaz não é qualificativo de lábio.

<sup>103</sup> Expansão: acrescentei apresentando.

<sup>104</sup> Em vez de usar *em algo*, substituí por expressão mais concreta.

retomando o equilíbrio de vez em quando, testando-o com o calcanhar da palma da mão. A cabeça estava inclinada num ângulo. Vacilou um pouco e deixou um rasto de licor<sup>105</sup> de coco barato no ar quente. Seguiu-o.

Quando abriu a porta do escritório achei que tínhamos entrado numa pocilga.<sup>106</sup> A nicotina colava-se a tudo, o cheiro nauseabundo da retrete<sup>107</sup>: diarreia e fumo bafiento de cigarro. Tinha uma retrete junto ao quarto; não tinha porta. Os parafusos velhos do caixilho tinham enferrujado e libertado uma mancha castanha que descia pelos lados. O pequeno lavatório rectangular estava rachado; uma barata morta jazia no canto junto aos pedacitos de sabão verde seco. O rolo de papel higiénico tinha-se desprendido do suporte de madeira e havia trapos a vedar a retrete que vertia. Conseguia imaginá-lo sentado todas as noites na cadeira-sanita com a cabeça entre as mãos, a tentar vomitar, a cuspir, a beber araca barata pela garrafa pousada no chão molhado, que lhe branqueava o estômago como lixívia; demasiado bêbado para despertar o sarongue quando acabasse.

Em cima da mesa estava já um copo alto com um pouco de licor amarelo. Sobre o braço da cadeira estava um cigarro com cinco centímetros de cinza enrolada parecendo um corno cinzento.

Abriu um armário e pegou noutra copo e numa garrafa meia vazia. Araca? Mostrou-me a garrafa.

Eu disse, Ótimo. Queria mostrar boa vontade. Eu queria – Só Deus sabe como eu queria – embora me sentisse enjoado. Olhei em volta. Num canto em cima de uma mesa estava o velho gramofone com a tampa partida, e duas poltronas de junco – *hansiputu* – e um sofá-cama junto às janelas.

Senaka tirou para o copo gelo de um pequeno frigorífico que tinha instalado no quarto e despejou o licor lá para dentro: o gelo deu um estalido como um tiro de pistola. Depois encheu o seu próprio copo. Sentámo-nos nas poltronas. Fechou os olhos e brindou, Saúde! A voz já estava a entaramelar. Não olhou para mim.

Durante muito tempo limitámo-nos a beber aos golinhos as bebidas, enquanto eu tentava, a todo o custo, pensar numa maneira de nos trazer de volta à vida. Estava tanto calor e era tão devastador. Sentámo-nos ali simplesmente como estranhos. Eu não disse nada. Não consegui.

---

<sup>105</sup> No contexto *liquor* parece-me tratar-se de um licor.

<sup>106</sup> Não usei a tradução literal por achar que no contexto esta palavra seria mais expressiva.

<sup>107</sup> *Wolfy stink of gut-rot* traduzi por *cheiro nauseabundo a retrete* para não utilizar um nível de língua menos próprio.

Depois, devagar, começou a falar, as palavras saíam-lhe mais depressa e mais alto à medida que falava; num tom de voz áspero e azedo começou a acusar-me. Sempre achaste que eu era um maldito inútil, não foi? disse ele. Um lacaio. Uma esponja. Uma pedra no teu percurso de glória. Os olhos estavam meios fechados e a pele à volta enrugou-se. Odiavas-me. Odiavas-me por ser um intruso, por ter nascido, por ser eu. Por não ser um como tu. Achavas que o raio da culpa era toda minha...

Senti veneno a queimar-me por dentro.<sup>108</sup> Cada palavra saída da sua boca vinha retorcida de rancor. Ódio?

Disse para comigo que ele não estava bem. Disse-lhe, Está bem. Acalma-te. Mas depois pôs-se a berrar comigo.

Está bem, está bem, disse eu. Levantei as mãos abertas e vazias. Rendo-me. O que queres? perguntei.

Não me lixes com o teu paternalismo. Não quero nada, berrou ele. Eu tenho o que quero. E tu<sup>109</sup> que raio queres? Por que vieste?

Depois pôs-se a berrar por causa da mãe. *A nossa* mãe. Como se pensasse que eu o culpava pela doença dela. Talvez o tenha feito uma vez, mas isso já tinha sido há tanto tempo, já tinha deixado para trás. Queria tanto aproximar-me dele de novo. Vim ajudar – que somos nós se não nos ajudarmos um ao outro? – mas a cólera estava a subir-me pela garganta. Ele não tinha o direito de berrar assim comigo, de falar assim. Sentia-me eléctrico por dentro.

Não resta nada, disse ele, então, serenamente. Estamos sozinhos, até à morte sozinhos. Não consegues escapar disso. Empurrou uma mão contra a outra.

E o teu filho? perguntei eu. Eras<sup>110</sup> tu. Pensei que ele devia admitir alguma responsabilidade.

Mas olhou para mim como se não soubesse do que eu estava a falar. Depois cruzou os braços bem apertados contra o peito e fechou os olhos. Sai já daqui, sais, disse ele. Vai! Deixa-me em paz! Os olhos estavam cerrados com força. Não preciso de ti aqui. Põe-te a mexer daqui para fora, berrou ele outra vez.

Quis esmagar o copo com o punho, meter-lhe à força alguma lucidez na cabeça, mas controlei-me e poisei o copo com muito cuidado em cima da mesa. Tinha a mão a tremer. Sentia os ombros inchados e o sangue latejava na nuca. Sentia-me todo eu a

---

<sup>108</sup> A tradução literal “*o veneno a queimar-me os pulmões*” não me parece que seja usada em português.

<sup>109</sup> Expansão: acrescentei *e tu* para manter uma continuidade na discussão.

<sup>110</sup> Expansão: acrescentei o verbo “*eras*” para tornar mais compreensível.

ferver de novo; o suor desprende-se-me da pele e encharcou as costas da minha camisa. Escorreu lentamente pela espinha. Quase todos os momentos de frustração, todas as discordâncias que tínhamos tido, todas as discussões, das mais triviais acerca de um jogo de críquete às mais profundas sobre democracia, faladas ou não em voz alta, voltaram como uma enxurrada para me encher com toda a fúria que eu alguma vez sentira por ele. Mas controlei-me; todo o meu corpo começou a ficar entorpecido.

Estava tão zangado com ele por fazer as coisas assim. Pela sua embriaguez. Pelo seu desespero. Não suportava ficar nem<sup>111</sup> mais um minuto. Não havia nada que eu pudesse fazer de que não me viesse a arrepender mais tarde. Levantei-me para ir embora.

Então, ele abriu os olhos por um momento e vi que qualquer coisa ficava para trás deles. Por um momento pareceu-me vulnerável e fraco – tão assustado – mas isso depressa desapareceu. Era demasiado tarde. Fui-me embora. Fui o mais rapidamente possível com a imagem colada a mim daquele olhar furioso, assustador estampado na cara; espetou-se cá dentro e ficou espetado.

Dois dias depois estava morto. Deu um tiro na cabeça.

Ainda sinto arrepios<sup>112</sup> ao pensar nisto...

Quando voltaste de Inglaterra para o funeral ninguém queria dizer nada: parecia não haver necessidade. O juiz de instrução foi simpático e tu tinhas de regressar para os exames finais.

Depois, quando casaste aqui em Inglaterra e assentaste, nunca esperei voltar a ver-te. Sabia que, para ti, não havia lá nada no nosso país<sup>113</sup>, depois do que tinha acontecido: somente eu. A tua mãe contou-me como tu lhe tinhas dito que nunca mais a querias voltar a ver, depois de ela ter casado de novo. Nessa altura apeteceu-me escrever-te. Ela não teve culpa. Não havia nada que ela pudesse ter feito; ela não podia ter aguentado sozinha naquela casa. Mas não escrevi. Não sei porquê. Acho que estava à espera de qualquer coisa...

Portanto, quando escreveste a convidar-me para vir e conhecer a família, e trataste do bilhete e de tudo, fiquei muito contente mesmo. Pensei então que talvez houvesse alguma esperança, pelo menos para ti. Sabes, entre os meus papéis, encontrei um álbum grande castanho cheio de recortes colecionados pelo teu pai. As páginas

---

<sup>111</sup> Expansão: acrescentei *nem* para intensificar o estado de espírito.

<sup>112</sup> Neste contexto, esta expressão é mais usada do que *sinto frio*.

<sup>113</sup> *Back home* traduzi por *nosso país*, porque era o país dos dois.



estavam quebradiças, crivadas de buracos; as orlas esfarelavam-se num pó amarelo nos meus dedos. Tudo se tinha transformado em tanto lixo que não servia para nada, excepto para as traças dos livros e os gorgulhos: tudo dava a impressão de nada ter valido a pena.

Tinha estado a olhar fixamente para as águas escuras enquanto falava. Quando voltei a olhar para Ranjit vi que ele estava prestes a chorar; tinha a cara descaída, a pele repuxada pela boca.

Mas o que é que o meu pai queria? perguntou ele. Que raio pensava ele que estava a fazer?.. A voz de Ranjit era tão áspera.

Certamente que percebeu que o pai se tinha tornado um bêbado, que tinha ficado doente, e que deliberadamente se tinha isolado? Mas Ranjit parecia querer que eu o ilibasse. A nós.

No fim de contas, disse eu, O teu pai sabia o que estava a fazer. À sua maneira ele *sabia*. Não havia mais nada que eu pudesse dizer.

Bebi a cerveja aos golinhos, a cerveja amarga inglesa de Ranjit, e esperei que a minha boca ficasse entorpecida.

## CARAPAÇA

Anura Perera vem visitar-nos hoje à noite. *Amma* – a minha mãe – diz que eu devia levá-lo a sério. Disse isto a Vijay.

E então?

Vem visitar-me porque está interessado em mim e tem intenções sérias. Vive na Austrália!

Vijay fez um sorriso rasgado e nada disse. Ele é mesmo assim!

Sabes quem é Anura Perera?

Abanou que não com a cabeça. Depois riu-se, Então anda à procura de uma esposa cingalesa?

Anda! disse eu. Anura tem uma casa em Sidney, passaporte australiano e pagam-lhe em dólares.

Então o que estás para aí a dizer? Vijay riu-se. Vais casar-te com um cretino que trabalha no estrangeiro? Foi isso que me vieste dizer?

Não era isso, de modo nenhum, o que eu viera ali contar-lhe. A primeira vez que vi Vijay foi na discoteca nova. Foi numa festa de aniversário e havia cerca de vinte pessoas no nosso grupo. Muitos delas eu não conhecia. Foi a minha amiga Lakshmi quem me levou lá. Era o aniversário de uma amiga dela, mas todos ansiavam por ir à discoteca nova. Toda a gente falava disso. Nessa noite estava apinhada. A pista de dança era fabulosa: redonda, com luzes a piscar por baixo e uma quantidade de engenhocas fantásticas espalhadas pela sala. Vijay não estava no nosso grupo. Aproximou-se e disse-me, Vamos dançar? Eu mal conseguia ouvi-lo, mas conseguia ver a boca no escuro. E quando as luzes incidiram sobre ele viu-o a olhar bem de frente para mim, como se quisesse realmente dançar comigo. Dançámos toda a noite. Comprou-me cuba libre e fumou imensos cigarros. No fim perguntou-me se nos podíamos encontrar de novo.

Só no dia seguinte é que descobri que ele é o cozinheiro da Cabana da Praia. É mais velho do que eu; alto e esguio e sempre a sorrir. Tem uma enorme cabeleira despenteada e é tão magro! Nunca come! Diz que gosta de ver os outros a comer os seus cozinhados; de observar os clientes e os amigos, a ficarem gordos e felizes. Diz que não há nada melhor do que estar em frente ao oceano a mexer as lulas na caçarola. Tem a cara grande e quadrada como uma caixa de osso coberta de pele muito esticada; os

lábios mal cobrem os dentes e parece que está sempre prestes a rebentar a rir. E quando ri, parece que é o oceano inteiro a mover-se em prazer. Com ele a praia é tão bonita!

Quando fui, hoje, ter com ele disse-me olá com um enorme sorriso. Anda, sentate, não demoro. Tinha uma bacia de camarões gigantes no colo. *Loku isso*<sup>114</sup>, disse ele.

No chão, por baixo dele, estavam espalhadas folhas de jornal com cascas e cabeças de camarão arrancadas. Bigodes cor – de - laranja. Depois de descascar o camarão, retirava-lhe uma veia azul fininha que o circundava como uma espinha dorsal. Olha para isto, segurou a veia no ar: veneno do mar.

No início eu não queria sequer abrir a boca para falar de Anura Perera, mas *Amma* diz que, sempre que pudermos, devemos lutar pelo melhor. E sei que Anura Perera vai aparecer num grande Mitsubishi, com ar condicionado, vidros fumados e aparelhagem de som. Queria que Vijay soubesse.

Quando acabou de arranjar os camarões, lavou as mãos e serviu-me café. O que vamos fazer? perguntei. Queria saber exactamente o que ele sentia por mim.

Acerca de quê?

Acerca de nós, disse eu. O que vamos fazer?

Ele disse, Há um filme americano no Majestic.

É tão fácil para ele. Não percebe nada. Não existem problemas, nem preocupações. Não é como os outros rapazes daqui, sempre a inventarem alguma coisa. Diz exactamente o que pensa. Mas devo ter-me mostrado aborrecida; ele inclinou-se para a frente. Então o que é que queres saber? perguntou ele, tocando-me na mão. O toque dele é tão suave! As unhas são como conchas marítimas, levemente rosadas, com umas meias luas a espreitar. Quando me toca com os dedos na mão sinto-me lindamente e quero continuar assim para sempre, apenas a bebermos café juntos e a olhar o mar.

Eu disse-lhe que temos de tratar deste assunto. Ir ao cinema não adianta nada.

Mas tu gostas de cinema, disse ele.

Durante meses nada aconteceu e de repente tudo acontece: primeiro Vijay, agora Anura Perera. Quando *Amma* fala comigo, vejo um mundo completamente novo. Não acho que Vijay pudesse sequer imaginá-lo. Ele rir-se-ia, simplesmente. *Amma* disse que podíamos sair e comprar um sari novo. Um bem bonito. E eu que vi os sapatos ideais na loja do Tonio, junto ao supermercado! Imaginem voar, parar em Singapura! Nem posso acreditar, mas foi com isso que sempre sonhei; acontecer uma coisa assim, poder ser

---

<sup>114</sup> De acordo com um esclarecimento do autor, trata-se de uma expressão cingalesa idêntica a “*Look at this.*”

alguém em vez desta sensação de que nada importa. Mas depois, quando vou ter com Vijay, não sei realmente o que quero...

Olhou para mim e deu um estalido com a língua, Então o que é assim tão importante? Acendeu um dos seus cigarros fininhos e crepitantes e esticou-se na cadeira. Pousou a cabeça nas costas da cadeira; deixou-se ficar de boca aberta como um peixe a arquejar. Às vezes é tão imbecil!

Mas não é assim tão simples. Não é! Não podemos ficar assim, disse eu. A Cabana da Praia não vai ficar aqui para sempre. O bambu e o coco vão acabar por quebrar. A madeira dos caixilhos já está a aumentar, de dentro para fora. Olhei pela porta aberta e vi a água verde e arenosa do oceano a inchar e a quebrar. Não podes ser cozinheiro de praia para o resto vida, disse eu. Ou isso é tudo o que desejas? Queres mesmo ser cozinheiro toda a vida? Eu não queria aborrecê-lo, só queria que ele dissesse alguma coisa; mas ele só olhava fixamente para mim. Olhava para mim como se eu estivesse lá longe no mar, já a flutuar do outro lado do oceano. Mas afinal quem anda à deriva? Eu não.

Um grupo de banhistas chegou à procura de cerveja e do *roti* de praia dele, então eu disse que era melhor ir embora; ele tinha que fazer. Pedi para me falar logo que pudesse, antes de anoitecer. É importante. Telefona-me, *por favor*. Sorriu docemente e acenou com a cabeça. Depois cerrou um pouco os olhos e puxou a última passa do cigarro por entre os dedos e reteve-a no peito.

Em casa estavam todos ocupados. Vim<sup>115</sup> para o meu quarto e fiquei longe de tudo. Queria estar só. Ninguém pareceu dar pela minha falta. Por volta das cinco, quando espreitei cá para fora, o pó estava limpo e tudo arrumado; o chão do quarto da frente tinha sido encerado e a tia Manel até tinha trazido flores para aquele vaso verde horroroso que está ao pé do telefone. A casa está envolta num perfume<sup>116</sup> tipo erva-almiscareira do mar. *Amma* fez sanduíches e *pastéis de ostra* e castanhas de caju torrado temperadas com malagueta para servir na sua taça de prata favorita. Nunca vi esta casa assim!

---

<sup>115</sup> Segundo o autor, vim é para transmitir a ideia de um imediatismo da narração.

<sup>116</sup> Expansão: acrescentei “*perfume*” para transmitir a sensação olfactiva que se quer dar à atmosfera daquela casa.

*Amma* tem tido palpitações; eu sei que ela tem andado a correr de um lado para o outro, a tratar de tudo, o peito a arfar de agitação. Ela está tão ansiosa, mas não é por acaso que o primeiro encontro vai ser hoje; deve ter consultado a astróloga. Ela não correria nenhum risco! Deve ser o dia mais auspicioso do mês. Eu acho que me devia irritar e perguntar-lhe: Tenho alguma hipótese de escolha nisto tudo? Mas não quero escolher. Odeio escolher.

É tudo tão disparatado! O que é que tem a Austrália, afinal? Toda a gente quer ir para lá, principalmente quando há por aqui algum tumulto. Mas para quê? Gosto da praia aqui. Gosto da nossa rua, da nossa buganvília a cair por cima do muro e daquele caminho arenoso que atravessa a linha-férrea quando descemos para o mar. Gosto da discoteca. Gosto de ir de *putt-putt*<sup>117</sup> amarelo. Só queria viver num bungalow grande e extravagante com vista para a Ópera ou para um sítio do género! O que é que isso tem de especial? Vijay diria que está tudo dentro na nossa cabeça.

Se ao menos ele se lembrasse de qualquer coisa. Mas *Amma* morria se soubesse da existência dele. Tinha um ataque de fúria. Um cozinheiro da praia! O que ela quer dizer é . . . Boa Noite, Mr Perera, muito prazer em conhecê-lo. Entre, entre e leve a minha filha; transforme o mundo dela com o seu esplendor – e a sua gorda conta bancária. Dê-lhe uma casa moderna, um carro grande, roupas caras, sapatos que ela possa deitar fora depois das festas. Dê-lhe coisas caras, e já agora o seu respeito inabalável e tudo fica bem. Ela será uma mais-valia para a sua carreira, uma pérola na sua coroa. É só levá-la, Senhor Perera. Por favor, leve-a para a Austrália para longe daqui, e não se esqueça da mãe dela.

...*Anura*

Esprei e esperei pelo telefonema de Vijay. Não sabia o que queria que ele me dissesse, mas achei que ele pensaria em qualquer coisa. Não ia deixar que a falta de umas simples palavras deitasse tudo a perder. Foi então que, há cerca de uma hora, o telefone tocou. Deixei tocar um bocado. *Amma* estava na casa de banho. Mais ninguém atende o telefone em nossa casa. Acabei por atender. Estava tão nervosa que mal conseguia falar.

A que horas podes vir jantar hoje? Perguntou Vijay. Fiz um prato especial: *fantástico*, com aqueles camarões gigantes!

---

<sup>117</sup> Espécie de triciclo

Conseguia ouvir o mar<sup>118</sup> ao telefone. E via-o com um sorriso rasgado na cara, a abrir a camisa branca e a esfregar o peito ossudo com os dedos compridos. Ele deve ter mandado acender as luzes debaixo das árvores.

Eu disse, não posso falar; o ferro está ligado. Estava a passar a ferro o meu sari verde jade, o que *Amma* me comprou. Eu disse-lhe, Tenho de pousar o telefone. Pousei-o. Ele não volta a telefonar. Ele acha que eu sei o número de cor: Mount Lavinia 926979, 926979.

---

<sup>118</sup> Mar, porque oceano em português não é usado neste contexto.

## A LUA DO PEIXE MONGE

Peter era um magnata de negócios de Colombo: cinquenta e nove anos, excesso de peso, baixo. Dava a impressão de que nunca se tinha mexido. As monções iam e vinham, os governos caíam, o país oscilava da direita para a esquerda, mas ele permanecia inatingível na sua cadeira giratória, prendendo a atenção da assistência com um cigarro numa mão, um uísque com soda na outra e um enorme estômago entre elas. Peter tinha o mundo a seus pés.<sup>119</sup>

Mas se houvesse um sítio na cidade onde se estivesse a fazer dinheiro, ele estava lá: nada lhe escapava. Com os socialistas enriqueceu, ajudando a jovem república a forçar o caminho e quando eles perderam o controlo e a economia foi liberalizada, Peter enriqueceu de novo, tornou-se o rei do mercado. Mesmo nos tempos de conflitos calamitosos – a Revolta de setenta e um<sup>120</sup>, a guerra dos Tigres Tamil Eelam<sup>121</sup> – Peter nunca perdeu um cêntimo. E agora a eclodir, outra vez, no Sul o Partido de Libertação do Povo<sup>122</sup> e a retaguarda ultra-conservadora – Tigres Verdes<sup>123</sup> também em fúria, Peter parecia mais rico do que nunca. A única deterioração visível<sup>124</sup> era o seu envelhecimento. A cara redonda tinha-se tornado distintamente flácida e as bochechas pesadas puxavam as pálpebras inferiores para baixo, dando-lhe um olhar permanentemente orlado de vermelho; a pele era cinzenta. Respirava devagar, ruidosamente.

“Neste país, agora, toda a gente tem medo”. Dobrou-se para a frente na cadeira, como uma montanha a inclinar-se. Olhou para mim fixando a minha cara. “Sabes porque têm medo?”

“A incerteza de tudo?”

“Não, eu digo-te porquê. Têm medo porque se sentem culpados. Sentem-se culpados por todas as coisas que fizeram e por todas as coisas que não fizeram. Por todas as pequenas mentiras que disseram, pelos adultérios que cometeram. Por não terem feito o que era certo, por fazerem o que era errado. Por todos estes tiros e

---

<sup>119</sup> Expressão portuguesa correspondente à “*the world at his fingertips.*”

<sup>120</sup> Revolta liderada pela facção cingalesa de tendência marxista.

<sup>121</sup> Tigres Tamil pretendem a autodeterminação do povo Tamil, mediante a criação de um estado denominado Tamil Eelam, independente do Sri Lanka.

<sup>122</sup> Partido de Libertação.

<sup>123</sup> Tigres Verdes são um grupo armado ultra-conservador sediado no Sul.

<sup>124</sup> Acrescentei *visível* para tornar a frase mais fluente.

incêndios. . .” levantou a cabeça. “Gente culpada é gente medrosa. Achem que já acabou o tempo deles.”

“E você, Peter<sup>125</sup>? Não tem medo?”

Uma gargalhada ressoou baixinho na barriga e ferveu-lhe nos lábios. ” Eu não tenho nenhuma culpa, o que quer que digam, nada tenho a esconder. Portanto não temo nada! Seja como for todos estes malditos estúpidos precisam de mim.”

Fui apresentado a Peter pelo meu tio que o conhecia dos tempos da escola. Sempre que visitava o meu tio, ele falava-me das façanhas e sucessos de Peter: os cravos-da-índia, o famoso carregamento marítimo da cebola de Bombaim, o negócio arriscado do sumo de goiaba e os seus muitos e<sup>126</sup> extravagantes casos amorosos. Para todos nós, ele era um herói do povo.

Na juventude Peter tinha escrito poesia, lido filosofia e praticado danças de salão. Andava sempre apaixonado. No início dos anos cinquenta recebeu uma herança: uma grande porção de terreno virgem onde plantou coco, arroz, cravo-da-índia e outras especiarias. O seu sentido de oportunidade foi perfeito; a cada colheita os preços subiam e subiam. Peter ficou muito rico. Aprendeu a gostar de ver o dinheiro a crescer. O meu tio dizia que, nesses tempos, Peter era um jovem muito elegante, mas o sucesso lardeou aquela moldura modesta camada a camada alterando-lhe a forma como os contornos de uma cidade em crescimento até que um dia descobriu que a barriga não o deixava ver os pés. Mas nunca se deu por satisfeito. Mês sim mês não ao longo de décadas, Peter visitou as plantações e percorreu a pé os campos de arroz e jardins de cravos-da-índia. “O melhor estrume para uma propriedade são os passos do dono,” dizia e caminhava em passo de marcha, gritando ordens, atirando às narcejas.

Conheci Peter só depois de o meu tio ter sido novamente colocado em Colombo. Eu ia lá vê-lo de vez em quando e ele levava-me a visitar Peter. Tinha-o imaginado como um homem distante e ocupado mas, surpreendentemente, mostrou interesse por mim. Gostava de nós e aprendi a gostar de falar com ele.

Peter girou a cadeira e procurou chegar à secretária com uma das mãos. Um polegar gordo e cinzento enganchou no tampo da mesa, enquanto com o indicador pequeno e inchado carregava num botão branco atarraxado à barriga da secretária. Algures nos fundos da casa, uma campainha distribuía as suas ordens.

---

<sup>125</sup> Expansão: acrescentei o nome *Peter*, para melhor compreensão.

<sup>126</sup> Expansão: acrescentei *e* para maior fluência.



“Olha, tens de ficar para jantar,” disse ele convidando e mandandoao mesmo tempo.

Não via Peter há quase cinco anos. Nessa noite, apareci só para dizer que estava de volta à cidade. Enquanto pensava no que fazer, uma jovem mulher ofegante apareceu à porta. Peter olhou para ela pelo canto do olho. Esfregou as palmas das mãos, fazendo um barulho desagradável e informou-a suavemente que dentro de uma ou duas horas ia haver um jantar de festa; falou a olhar para baixo para o estômago sem se virar para ela.

A mulher olhou para ele com os lábios crispados. Não disse nada. Encostou-se à porta mexendo no cabelo grosso e áspero amarrado num puxo atrás na cabeça.

Peter acabou por olhar para ela e respirou fundo ruidosamente. Isto pareceu causar uma ligeira mudança na sua conduta e ele, de forma bastante mais ríspida, começou a dar ordens para a refeição. Olhou para mim. “O que queres comer? Peixe? Porco? *String-hoppers?*”<sup>127</sup>

Encolhi os ombros e disse, “Qualquer coisa.” Eu ia ficar.

Subitamente a mulher pôs-se a falar muito depressa num tom tão agudo que eu não consegui compreender.

“Caranguejos! Queres caranguejos? Chandrani diz que um rapaz trouxe caranguejos ...” Disse-me Peter e teve um ataque de tosse tão violento que dava a impressão de estar a raspar o interior dos pulmões. A mulher, Chandrani, pareceu não se preocupar. Como ela não fez nada, também fiquei à espera. Tão depressa parou como começou. Respirou ainda com a respiração irritada mas depois falou como se nada tivesse acontecido “...caranguejos de Chilaw.”<sup>128</sup>

“Ótimo,” disse eu. “Caranguejos de Chilaw! Só mesmo *você* é que podia ter caranguejos de Chilaw!”

Por momentos sorriu abertamente, mas depois deixou cair o lábio inferior fazendo<sup>129</sup> beicinho como uma criança de cinquenta e nove anos. “Mas estes não são os melhores. Está lua cheia, sabes; mexem-se muito por causa da luz. Perdem peso, perdem sabor. Para uma boa carne é preciso lua nova.” Fechou os olhos. Eu podia imaginar as águas profundas, uma grande lua pesada, vermelha com um aro afiado perseguindo misteriosas criaturas marítimas no fundo do mar. Peter deu mais algumas ordens a Chandrani e quando ela finalmente se retirou virou-se para mim. “Toma uma

---

<sup>127</sup>Dado tratar-se de um prato típico asiático feito com farinha de arroz, coloquei em itálico, embora no original não esteja.

<sup>128</sup> Cidade na costa oeste do Sri Lanka conhecida pelos saborosos caranguejos.

<sup>129</sup> Acrescentei o verbo fazer, porque é esta a expressão portuguesa.

bebida,” e apontou para o carrinho junto à porta. “Serve-te do que quiseres. Uísque? Ela traz já o gelo.” Quando ela voltou com o balde de gelo, ele meteu-se com ela.

“Chandrani acha que bebo muito. Mistura água na bebida! É tola, acha que não me apercebo.”

Chandrani levantou a cabeça para trás, mostrando desdém e indulgência ao mesmo tempo.

“Ela acha que é o raio de uma médica, mas nem sequer acabou o quinto ano.”

Peter acendeu o isqueiro de prata. “Então onde está o teu diploma de médica?”

perguntou, olhando para ela.

Ela passou a mão molhada do gelo pela boca e saiu da sala. Estava obviamente há algum tempo ao seu serviço; estava acostumada aos seus modos.

Servi-me das bebidas e falámos sobre as minhas viagens. De quando em quando fazia-me sinal com a mão para<sup>130</sup> falar mais alto.” Ah!” dizia ele, abrindo os olhos a uma qualquer observação corriqueira minha, como se estivesse a ouvir apenas partes do que eu dizia. Era incapaz de prestar total atenção a qualquer coisa. As nossas conversas, às vezes até mesmo frases, eram interrompidas por outras conversas antes de serem retomadas de novo e continuadas. De vez em quando levantava o telefone do descanso e marcava uns números, enquanto acenava pacientemente com a cabeça ao que quer que eu estivesse a dizer. Balbuciava umas palavras à pessoa do outro lado da linha e poisava o auscultador. “Hoje à noite temos de ter uma grande festa!” explicou ele, com um sorriso. Houve várias chamadas destas, convites de última hora, oferecendo jantar a várias pessoas. Ao que parece todas aceitaram com gratidão.

À medida que a tarde se arrastava, o discurso dele tornou-se ocasionalmente entaramelado; parecia imensamente cansado. Interroguei-me se ele não devia descansar e sugeri que cancelássemos o jantar, mas ele não quis saber. “Disparate!” disse ele e continuou com as chamadas telefónicas.

Reparei na forma como aquela gordura radiosa que outrora fora um sinal claro de uma boa vida, agora caía irremediavelmente. O resalto tinha desaparecido. Revelava agora claramente uma saúde negligenciada. Mas ele tinha tido sempre orgulho em ser despreocupado com a saúde. Gostava que os outros vissem o hedonismo por um outro prisma e dizer que satisfazia os seus próprios desejos não por causa de uma necessidade, mas por um total desprezo pelas coisas da carne. Se o corpo não tem valor intrínseco

---

<sup>130</sup>Para melhorar a fluência, substituí *urging me* pela conjunção *para*.

por que razão havemos de o tratar tão afectuosamente? Para ele era uma perda de tempo. Se não significava nada, então também podíamos satisfazer qualquer prazer.<sup>131</sup>

Mas depois da última chamada, empurrou o telefone para o extremo da secretária e pela primeira vez pareceu estar a medir-me. Olhou-me como se estivesse a uma grande distância e disse-me numa voz ligeiramente trocista, que há muito tempo, quando tinha a minha idade, o que mais tinha desejado era uma vida espiritualmente pura. Ele tinha mesmo querido ser monge. Viver em completo desprendimento, viver<sup>132</sup> do nada, a não ser da poesia do espírito. Imaginei-o com um cesto de esmolas e um guarda-chuva preto, o corpo, *um dagoba*<sup>133</sup> com oito dobras de pele: pernas de flor de Lotus enterradas, um estômago assente em três camadas, ombros redondos, um pescoço de regueifa, uma face macia de contentamento encimada por uma cúpula rapada. “Sim,” disse eu, “um monge da boa vida!” Mas ele declarou que nem sequer teria usado o manto amarelo-açafrão porque essa cor pareceria demasiado rica. Olhou para o copo. Mas antes de deitares fora o mundo assim, tens de tê-lo nas mãos, não achas? Empurrou o gelo no copo com um dedo pequeno e grosso e depois passou o dedo molhado pela mobília antiga holandesa e pelas peças entalhadas de marfim que salpicavam a sala. A sua cara era inexpressiva. Nunca percebi até que ponto ele me estava a enganar. “Não podes levar a riqueza<sup>134</sup> contigo quando morreres e quanto mais acumulares, mais evidente se torna. Portanto agora guardo estas coisas para me lembrar da mortalidade. . .” Deixou as palavras arrastarem-se para fora da sua boca arrapazada. Não havia dúvida de que Peter tinha feito muitos negócios que lhe eram vantajosos, exactamente pela questão dos valores relativos. Ele tinha o talento de comprar barato e vender caro. Pigarreou, levantou-se e apertou o sarongue à volta da barriga avantajada e flutuante. Parecia vagamente distraído. Um sulco profundo apareceu-lhe na testa e a respiração tornou-se mais acelerada. “Toma outra bebida,” ordenou ele e bamboleou em direcção à porta, “Volto já.”

Servi-me de soda pura e sorvi-a aos poucos ouvindo as borbulhas a estalar à superfície.

Como ele nunca mais vinha, fui ao hall e chamei-o. Não houve nenhuma resposta, mas Chandrani, a empregada da casa, ouviu-me e veio às escadas.

---

<sup>131</sup> Neste contexto, pareceu-me adequado traduzir *everything por* qualquer prazer.

<sup>132</sup> Pareceu-me necessário repetir o verbo para clarificação da ideia.

<sup>133</sup> O termo equivalente na religião cristã é relicário.

<sup>134</sup> Expansão: substituí o pronome *it* pelo nome *riqueza*, para melhor compreensão.

“Gelo?” perguntou olhando para mim de um dos degraus de baixo. As costas esguias e magras cobertas com um corpete de algodão branco contorceram-se quando deslizou pelos degraus iluminados por uma luz ténue.

Disse que não, que não era gelo, mas estava a pensar no que poderia ter sucedido a Peter. Disse que estava preocupado porque ele já<sup>135</sup> tinha ido há muito tempo.

Ela sorriu enternecida e disse que ele estava mesmo a acabar o banho e viria já. Os braços longos fizeram-me sinal para voltar para a sala. Ele vem já, repetiu com firmeza. O quarto e a casa de banho ficavam um bocadinho mais adiante do patamar e eu ouvia a água a correr. Disse que sim com a cabeça e recuei para a sala sentindo-me um pouco ridículo, mas era uma premonição.

Quando Peter finalmente voltou, trazia vestido um fato escuro com um bom corte que tornava até a sua corpulência verdadeiramente elegante. A camisa era em tom de creme e tinha um colarinho mole que poisava suavemente à volta do pescoço largo. Usava uma gravata preta de seda presa com um alfinete de ametista e tinha-se barbeado e alisado o cabelo para trás com brilhantina. Ao dirigir-se para a sua cadeira senti o cheiro de um *after-shave* caro.

Nunca o tinha visto assim tão bem vestido. Perguntei-lhe se tinha convidado alguém muito especial para jantar.

Deu uma risadinha sumarenta e sentou-se, batendo levemente com outro cigarro na parte de trás da caixa do maço.

Os convidados vinham directamente para o andar de cima, à medida que chegavam. Conheciam bem a casa de Peter.

“Oh meu Deus, Tio, de fato!”, exclamou uma jovem mulher, a primeira a chegar. O marido, Ananda, disse “Muito chique, Tio, a que se deve?”

Peter soltou um riso abafado e apresentou-me da cadeira onde estava sentado. “É uma festa e hoje é noite de lua cheia!”

“Deve ter ganho nas corridas ou qualquer coisa do género,” disse Ananda.

Peter deu um estalido com a língua, “Ah, não, mas amanhã, talvez amanhã. . . de qualquer modo venham, sentem-se e tomem qualquer coisa.”

---

<sup>135</sup> Expansão: acrescentei *já* para melhorar a fluência.

Ananda examinou o carrinho e serviu-se de uma bebida. A mulher recusou. “Não, não, nada para já.” Abanou energicamente a cabeça e deixou-se cair na cadeira mais próxima.

“E onde ficou a vossa querida filha, hoje?” perguntou Peter.

“Levámo-la hoje a nadar. Por isso foi fazer um bom sono bem cedinho. A ama está lá.”

“Uma criança maravilhosa,” disse-me Peter. “Uma criança verdadeiramente maravilhosa. Se ao menos. . .”

“O quê, Tio?”

Peter esfregou ambas as bochechas com as mãos. “Teria gostado de a ter visto. . .”

O sobrinho virou-se para mim. “É na verdade espantoso, o Tio está completamente encantado pela Sushila. Passa o dia inteiro com ela à mais pequena oportunidade.”

“Dava uma ótima ama, não, Ananda?”

Ananda riu-se alto. “Sabe, outro dia, viemos almoçar – quando foi Shiromi? Sábado?”

“Não, Domingo, Domingo!”

“De qualquer maneira, viemos almoçar e depois estivemos a ver um vídeo lá em baixo – aquele filme novo – mas o Tio esteve aqui em cima a pintar com a Sushila toda a tarde. Não foi assim, Tio?”

Peter tinha estado a observar o casal. Agora permitiu-se um pequeno sorriso nos lábios. “Ela só tem três anos e é uma criança maravilhosa. Gostava de a ver já crescida. Mas isso é no próximo século. . .” Foi à secretária e abriu uma gaveta. Tirou um maço de papel de desenho. “Olha,” entregou-mo, “são os desenhos dela. . .”

Folheei-os. Peter, evidentemente, queria que eu visse neles alguma coisa que ele via; os pais também estavam na expectativa. “Lindos desenhos,” disse eu. Na maior parte das folhas de papel havia manchas azuis. Uma tinha um círculo com borrões vermelhos e amarelos.

“O mar” disse Peter. “É o mar com peixes a nadar. E o círculo é a lua!”

Eu disse que pensava que era um homem: uma cabeça careca ruiva e um corpo portentoso, grande, corpulento, azul.

Peter pegou nos desenhos e guardou-os cuidadosamente na gaveta. Ninguém disse nada por uns momentos e parecia que estávamos todos a contemplar as pinturas. Depois chegaram mais pessoas.

A sala encheu-se de vozes: Os Weerasinghes, Lal e Kamala, Lester Disanayake e Anton Kularatna, o angariador, chegaram todos ao mesmo tempo. Não conhecia os Weerasinghes, mas os outros dois já tinha estado com eles.

Peter deixou-se ficar sentado na cadeira giratória ao pé da secretária. Nós, formámos um semicírculo desajeitado, à frente dele. Lester, um advogado que andou na Faculdade com Peter, começou a falar de um amigo comum. Tirou os óculos e beliscou a cana do nariz como se estivesse a fazer surgir devagarinho uma memória sem importância do amigo. “Quem havia de estar à espera. O tipo era totalmente abstémio. Mesmo nos tempos da Universidade – nem uma gota. O tipo nunca tinha bebido em toda a sua vida. E nada de fumo. Não fuma, não bebe álcool e um ataque assim do nada. O Dr. Jayawardene disse-me que estes coágulos no sangue podem aparecer em qualquer altura. Pouca sorte, foi só isso! Estão a ver o coágulo tinha passado, pelos vasos sanguíneos, dos pulmões para o cérebro. . .” Lester trincava os óculos pensativamente. “Talvez fosse do coração. . . Mas em todo o caso tendo ido para o cérebro significava que ele estava acabado.

“Mas ele estava no hospital. . .”

“Isso foi só alguns dias, felizmente. Terríveis dias esses. Não se mexia, não comia. O cérebro deve ter-se tornado um vegetal. . .”

Peter mexeu-se, com desconforto, na cadeira. “Estás a falar do Thurai que estava na Companhia Sakura?”

Lal Weerasingle, o mais confiante e perspicaz do pequeno grupo, acenou com a cabeça. Era um jovem que se movimentava nas altas esferas e trabalhava para o governo como consultor económico; sentava-se sempre na ponta da cadeira. Nunca descobri qual era a ligação entre ele e Peter, mas estava sempre muito solícito.

Peter mudou de assunto. “Então e quando é que vocês resolvem esta maldita guerra?” Mas antes que alguém pudesse responder, desatou outra vez a tossir violentamente. A língua ficou presa para fora e as lágrimas correram pela cara abaixo. Tapou a cara com a mão, cobrindo a boca e o nariz e deixou cair lentamente as pálpebras sobre os olhos. Observava-o com atenção; quando o ataque parou, ele mal respirava. A respiração era tão fraca que o colarinho mal se mexia.

Anton distraiu-nos com os revolucionários. “O pior<sup>136</sup> é que estes tipos agora estão a dar problemas, não?

“O quê, no Sul?”

“Mas por ora isso é um problema para os que têm algo a esconder. Afinal a corrupção também é muito má. . .”

“Tratem-lhes da saúde.”

“Onde está o dinheiro? Precisamos de pagar a um exército lá em cima no Norte, lá em baixo no Sul, comprar munições. . .” Lal Weerasingle puxou a manga para trás e mostrou uma mão vazia.

Peter, que não tinha dito nada desde o início do ataque de tosse, começou lentamente a debater-se para sair da cadeira. A cara cinzenta e inchada mudou de cor como o céu das monções. Primeiro escuro com uma nuvem de sangue, depois pálido à medida que o sangue escoava para as suas mãos pequenas e grossas que apertavam os braços da cadeira.

“Não tem importância,” balbuciou ele. A mucosidade na garganta era como um pano sobre um microfone. Tentou pigarrear, mas era sem dúvida uma solução temporária numa longa luta contra uma maré cada vez mais cheia. De cada vez que tossia parecia haver menos alívio.

Deu uns passos vacilantes em direcção à janela, balbuciando qualquer coisa por entre<sup>137</sup> a respiração. O movimento apanhou todos de surpresa. Todos estávamos de olhos postos nele. A certa altura quase caiu mas um candeeiro de pé salvou-o. Virou-se acanhado e sorriu para nós.

Ninguém disse nada. Esperávamos por um sinal do maestro para começar de novo, mas ele limitava-se a olhar fixamente a lua pela janela.

Quando, por fim, se virou parecia ter voltado ao normal. “Por que razão não está ninguém a falar?” É uma festa. . . Vamos. Bebidas? Toca a ouvir vozes.”

O jantar acabou por ser servido por volta das dez e trinta, na enorme sala de jantar, no andar de baixo. Chandrani veio e anunciou que o jantar estava pronto e descemos. Peter

---

<sup>136</sup> Traduzi *trouble* por *pior*, uma expressão coloquial portuguesa, para evitar a repetição de *problema*.

<sup>137</sup> Não usei a tradução literal *por baixo*, porque achei que esta expressão é mais comum e não distorce o sentido.

apascentou-nos lá de trás, “Desçam, desçam,” disse ele sem se mexer um bocadinho sequer.

Havia montanhas de arroz, temperado em manteiga e polvilhado com cravinho da índia e cardamomos, e um mar de caranguejos vermelhos. Dúzias de outros pratinhos salpicavam a mesa redonda maciça de tamarindo. Sentámo-nos, tendo o cuidado de deixar uma cadeira grande para o Peter. Ele não nos tinha seguido. Alguém o chamou e houve uma resposta abafada. De novo esperámos em silêncio por um sinal, a sua chegada.

Acabou por descer com passos lentos, deliberados e silenciosos. Sentou-se na sua cadeira e insistiu para que começássemos. Chamou Chandrani para servir. A voz estava cansada e as palavras atropelavam-se umas às outras, mas ele tinha descido com outro copo de uísque cheio de soda até à borda sem entornar uma gota. Quis estender a mão e tirá-lo discretamente para o salvar. Achei que ele precisava de ficar alerta. Mas olhou para mim como se tivesse lido alguma crítica no meu espírito. *Não, não toques nisto.*

Começámos a jantar e a elogiar a comida e as pessoas começaram a falar de outras festas, das suas vidas imbricantes.

“Já não há aquelas festas ao ar livre, pois não?” perguntou Shiromi.”Houve um tempo em que parecia haver quase todas as semanas.”

“Ah pois, aquelas noites dos<sup>138</sup>...”

“Tio, lembra-se de que dava essas festas com aquelas lanternas chinesas e candeeiros a petróleo por todo o jardim?”

Peter, que tinha estado a dormir, levantou a cabeça sacudindo-a e olhou espantado em redor da mesa. Shiromi repetiu a pergunta.

“Sim,” disse ele. “Sim. Mas agora há muitos mosquitos.”

Um murmúrio de gargalhada deu a volta à mesa. Kamala Weerasinghe pôs as mãos em cima da mesa. “De qualquer forma, quem tem jardins hoje em dia? Ninguém se pode dar a esse luxo, quanto mais a festa!”

“Quem tiver um jardim tem de lá construir, é a única maneira de as crianças terem um sítio perto para viver. O que mais se há-de fazer?”

“Que pena!”

---

<sup>138</sup> *Dos*, segundo esclarecimento do autor, significa evento social.



“Mas o que se há-de fazer?” Caso contrário não há espaço. As pessoas vão ter de viver umas em cima das outras.”

Peter levantou os olhos como se tivesse ficado intrigado por qualquer coisa, depois voltou a baixar os olhos para o prato.

Era quase meia-noite quando o café foi servido. Peter empurrou a chávena para o lado, mas outros agradeceram.

“Tio, tu não comeste quase nada!” disse Sharomi.

Peter acenou com a mão.

“Mas precisas de comer. Caso contrário faz-te mal”

Peter abanou a cabeça devagar num estado de estupor.

Quando acabou o café, Lester bocejou alto e disse, “Bom, obrigado Peter. Excelente jantar!”

Houve um coro de aprovação. Depois as pessoas levantaram-se e começaram a dirigir-se para a porta.

“Boa noite, Tio, muito agradável.<sup>139</sup>”

“Adeus, ótima festa.”

Anton foi o último a sair. “Boa noite! Se precisar de alguma coisa, diga-me. . .”, disse ele, olhando para mim.

Peter viu-os partir sem se levantar da mesa. Tinha a boca descaída, tal como os olhos. Demorei ainda algum tempo, sentindo-me de certo modo responsável por ficar até ao fim. Tinham sido todos convidados por minha causa, pensei eu. Senti-me de novo preocupado como, quando ao fim da tarde, Peter tinha desaparecido para tomar banho.

Depois de o último convidado<sup>140</sup> ter saído, Peter mergulhou os dedos na taça e espremeu a rodela de limão que nela flutuava. Depois limpou as mãos à toalha que Chandrani tinha deixado em cima mesa. “Ajuda-me a voltar lá para cima para a minha cadeira,” disse-me ele.

Disse-lhe que achava que ele devia ir para a cama.

Olhou-me terrivelmente magoado. “Também achas, como eles, que bebi de mais.” Abanou a cabeça com tristeza.

Protestei. “Não, não. Mas tem um ar cansado. Foi um dia longo.”

---

<sup>139</sup> Pareceu-me ser esta a expressão correspondente a *good show* que é uma exclamação para exprimir um elogio.

<sup>140</sup> Acrescentei *convidado* para clarificar o sentido.

“Não suficientemente longo,” disse ele. “Leva-me para cima. Podes beber qualquer coisa para dormires bem.”

Fui até ele e peguei-lhe no braço.

“Não, as minhas pernas estão dormentes. Levanta-me.”

Pus as mãos por baixo dos braços e puxei-o para cima.<sup>141</sup> Era difícil de segurar; não havia nenhum esqueleto por baixo do fato. Era como tentar agarrar um enorme balão de água. Não havia nada onde eu pudesse agarrar com firmeza. Ele continuava a escorregar-me das mãos. Chamei pela Chandrani mas não veio. No final, dobrei-me, pus o meu ombro debaixo do braço dele e levantei-o. Tentei que as pernas se mexessem, mas pareciam muito pequenas e frágeis debaixo daquela corpulência sem forma. Lentamente conseguimos rolar pelas escadas acima a puxarmo-nos e a empurrarmo-nos um ao outro e depois, finalmente, de volta à cadeira giratória ao pé da secretária.

“Gostaste da festa?” perguntou numa voz rouca quando estava acomodado.

Disse que sim e agradei-lhe pela noite.

“Não tens de que agradecer. Eles viriam sempre por uma refeição grátis. Gostaste dos caranguejos? Não tinham carne, pois não? Eu disse-te, É a altura errada do mês – é<sup>142</sup> *poya*. Dia do Templo.”<sup>143</sup> Olhou para mim à procura de qualquer coisa. Acendeu mais outro cigarro. A parte branca dos olhos estava amarela e marmorizada com vasos vermelhos fininhos.”Eu queria mesmo ser monge, sabes. Eu disse-te, não disse? *Um monge*. Largar tudo, sabes?” Olhou para baixo e viu alguns grãos de arroz na gravata de seda. Sacudiu-os e alisou a gravata na curva pronunciada do estômago. A boca descaiu num sorriso embaraçoso. Segurou o cigarro na boca e respirou com esforço; a sua respiração deixou sair um fino rasto de fumo que lentamente se espalhou sobre ele, em ascensão.

---

<sup>141</sup> Acrescentei *para cima*, para clarificar a situação descrita.

<sup>142</sup> Acrescentei a forma verbal *é* para melhor compreensão da frase.

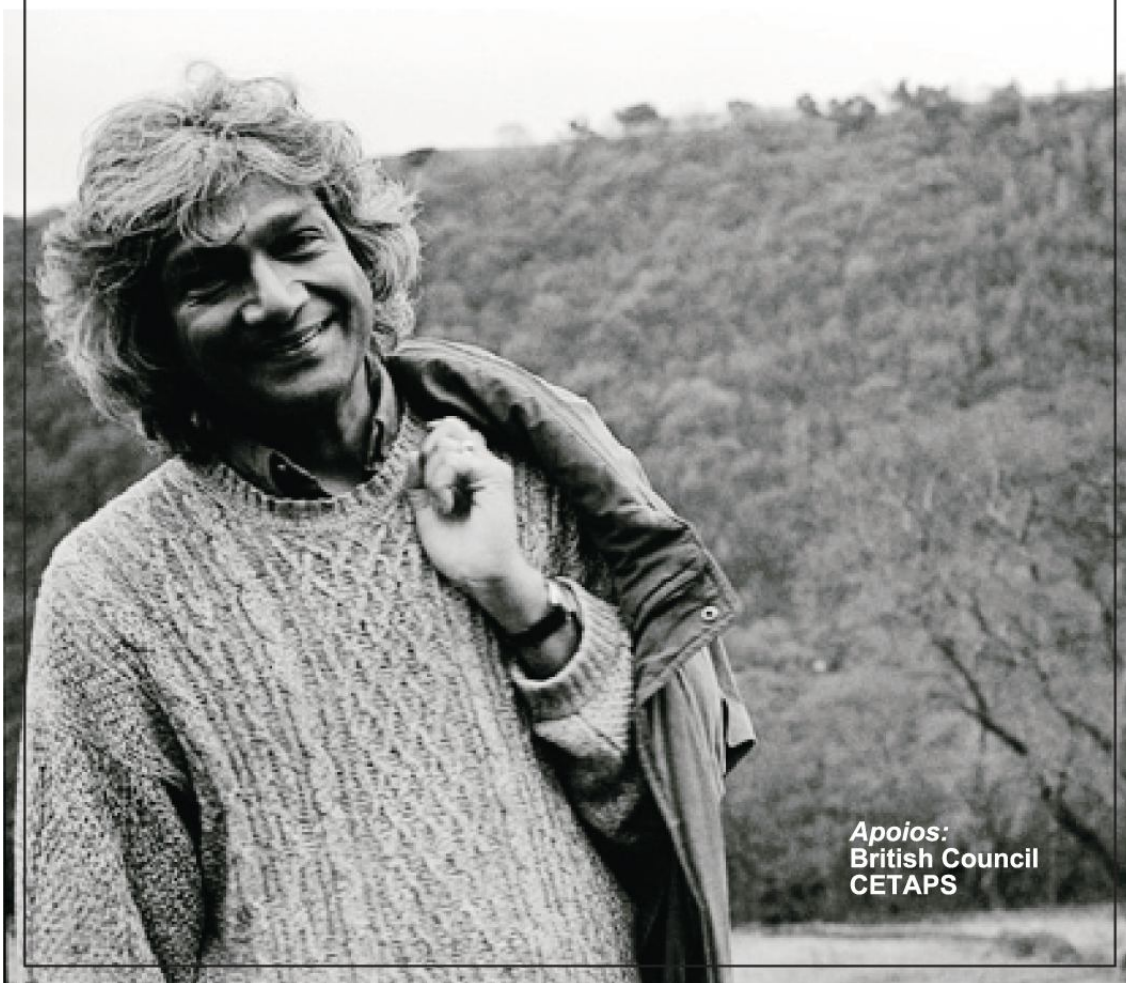
<sup>143</sup> *Poya*- é um feriado budista no Sri Lanka que ocorre em todos os dias de lua cheia. É o dia de visita ao templo para os rituais do culto.

### 3. Adenda - Entrevista com o autor.

**Faculdade de Letras da Universidade do Porto**  
Sala do Departamento de Estudos Anglo-Americanos  
(Torre A, 2.º Piso) 16 de Março, 17:30 Entrada Livre

# ENCONTRO COM O ESCRITOR ROMESH GUNESKERA

**CONVERSA SOBRE TRADUÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL**



*Apoios:*  
British Council  
CETAPS

Esta terceira e última parte é constituída pela transcrição de excertos de uma conferência apresentada pelo autor, Romesh Gunsekera, ao Departamento de Estudos Anglo-Americanos na FLUP.

A conferência intitulada “Encontro com o escritor Romesh Gunsekera – conversa sobre tradução e identidade cultural” teve lugar em Março de 2009 e foi organizada pelo Cetaps, tendo contado com o apoio do British Council.

É importante salientar que, para além dos tópicos abordados na conferência (papel do tradutor, aspectos linguísticos e culturais), tratou-se de uma ocasião única para um conhecimento mais profundo do autor, o que obviamente veio a facilitar o processo tradutório.

## Interview

### Romesh Gunesequera

#### Part I

I'll read a few pages and then you'll start of a little discussion about it. And we can talk for half an hour or something, about the business of translating. A couple of my books have been translated: one is called *Sandglass* (1988) and that's the Portuguese version, *Relógio de Areia*. This one is easier, but this is published in Brazil so it is not quite the same thing.

The story I'm going to read is from *Monkfish Moon*. After that, if you are interested – I know that some of you are interested in gender studies –, I will just run through a few slides on the role of women in Sri Lanka as far as I can tell. A couple of stories of this book that I often read out are first person narratives by women.

Some of you are also interested in issues that deal with identity and national representation so I can talk a little bit about that. I have actually another presentation with some pictures. Can we do that? Is that ok?

We will talk about the collection of stories *Monkfish Moon* in a minute. "Monkfish Moon" is the last story. We will talk about the fourth story. The first three stories are set in Sri Lanka. Most of the stories are in the first person, so there are different narrative voices. And what I wanted was to create a book in which there are different voices that would somehow... My intention was to engage with a place and to see the relationship between place and imagination. I think that's the best way to

express it. I don't believe that literature and fiction, even when they are very nationalistic, they are not about the place. I know quite often they seem to be about places...

We, as human beings, are creatures with imagination. And, in the real world, we like to have a very close connection with it. We like to see it almost real and sometimes it seems almost real. This is one of the reasons we have notions of nation and notions of countries and political ideas. It has to do with the fiction we make up and the myth that we make up. In this first book (*Monkfish Moon*) what I want is that imaginative world we have if you are a reader of any sort. Or, even if you are not a reader, you have that imaginative world, a world that we know from our readings and it is slightly different from the geographical world we know. It's a world that you know depending on the kind of reading you do. And many people who read fiction of any kind tend to read more than just one kind of fiction and to read a lot of translated fiction at some point. Most people read novels. Even if they haven't read it, they know there's a place called 19<sup>th</sup> century Russia because the great novels of that period are in our imagination. We have the great Victorian period of novels from Britain. We have various periods of History from French literature, from Spanish, from Portuguese, and those are places that we have in our minds I think. And one of the places I was aware in my own mind that I didn't have enough room for was a place like Sri Lanka. So I wanted to bring that into a fictional world. That's how it sort of started.

"Ullswater" is a story that tries to play around the idea of place. It is mostly about people living in Sri Lanka, but the frame of it is set in England. Ullswater is one of the large lakes in the Lake District. And the Lake District, those of you who are studying English culture surely know, is very important in literary terms because it is where the Romantic poets and writers were very closely associated. So there's a very rich literary heritage to do with the Lake District which I wanted to capture in this book. That's why I called this story "Ullswater" and that's why I put these characters in Ullswater.

Another important aspect, which again doesn't come to a normal reader, but for me was important: the Lake District was where Coleridge spent some very formative period there, I suppose, walking around with Wordsworth in that area. And Coleridge, as some of you would know, was a tremendous intellect, a tremendous reader, a

tremendous man of letters, as indeed one of the characters in this book, in this story is. He was also an opium addict and that would have a certain distracting urge in him as well. And that fixes him very much with one of the characters in the story. So that was another reason for that.

And then, of course, there's the great poem by Coleridge "Kubla Khan" which is the reverie where he falls asleep. He says he falls asleep and he's woken up by a man who comes and shakes him and suddenly there's this wonderful poem. Whether this is what happens or not, we don't know, but it is a wonderful poem, a hugely important poem in English Literature. And that came out of a dream. I liked that notion and I wanted thus that atmosphere in the story.

So, I will read you this, which is really about how a son is trying to find out about his father. In this situation, he is talking with his uncle. It was a very difficult story for me to write, in literary terms, because it is someone telling a story. So you are revealing a story within a story and I just wanted to do it in simple terms. I will just read you the first couple of pages. "Ullswater". I will just read probably the first two pages and then we'll talk about it.

#### **"ULLSWATER"**

This story and other novels as well had drawn a contrast between the description of nature in Ullswater and the description of nature in Sri Lanka, one being certainly more violent than the other. But I don't think that's true because what I was interested in is actually the appearance of things. So the appearance of nature near Ullswater seems very calm and seems very safe. In fact, there's a phrase in there in which the narrator says that he feels in a very safe place. But, what I wanted to do was to contrast that with the violence of the emotions, including the emotions of the uncle, the narrator, who, if I remember correctly, by the end of the story gets a sense of his own internal violence that he suppressed: his frustration with his brother, his frustration with various things and his frustration with his own life. I think he has kept it in and that's very much like the landscape that they're in, which is the English landscape which many people throughout History have commented it as being very pastoral, very beautiful, but masks

lots of things. For example, the traditional English landscape is one in where the relationship between Man and Nature is very important and many of the writers that you read of the 19<sup>th</sup> century and the 18<sup>th</sup> century will talk about this relationship. It's an artistic relationship. Do you control nature or do you let nature control you? And of course it's very topical now with everyone's concern with ecology and how you manage the world you are in. Well, the English landscape traditionally has always been this business of evil creating art how out of it or making it seem something other than what it is, sometimes made to look more tamed than it is. We have the great landscape gardeners in England, and so on. Capability Brown and people like that who have created pictures of Italy in an England garden and things like that. And then you also have the wild gardens, ideally keeping a wild landscape. These days you see preserved lands that are kept wild but still controlled. So I like that idea of controlling emotion and passion and that's part of the reason why they are there. And the generation...It has a lot to do with the links between generations.

**TRANSLATOR:** Now another aspect that has more to do with translation. What are your expectations about the translations? Aren't you afraid that the translator may "spoil" your work?

**RG:** Yes, in other places I am told that the translations that I've had have been very poor. And for a writer it can be very serious because, in a sense, if someone publishes a very poor translation of yours, the readers in a country can assume that you are a poor writer and never will buy a book of yours. And I suspect that it has happened to me in one or two cases. But that is not much I can do about it because I'd like my books to be translated in many languages as possible. I have learned English from birth onwards and I have great difficulty in learning any other languages...So to find out if someone has done a good job or not is not something I can do. So all I can do is trust that the publisher is a good and reputable publisher and that he is very interested to get a good translator and do it well. Unfortunately that doesn't seem to work because I had some good, important publishers who have selected not very good translators for different reasons: I mean, they might think the only way to sell the book is to make a little less literary, a little bit simpler because that's the market. And it's a misjudgement on their part. But it is really nothing I can do about it. All I can do and now I don't even



do that is to make sure that the last sentence of the translation looks like my last sentence and to see if actually there are all chapters.

You Know I have a book translated into Hebrew and the only thing I could recognize was 1994 in the copyright section.

The other thing I could say is that you might lose something, but it is also possible that your translator might be better than you and create a better book than the one you wrote. A lot of people say that some of the great Russian writers, Tolstoy, in particular, are much much better in translation than in the original. And maybe that's possible...But there is not much I can do about except trust, really.

And sometimes I know that some translators that I have had have never contacted with me because they belonged to a school of thought which said the relationship the translator has is with the material and, actually if you go outside the material, you might end up going in wrong directions. But I've had translators who actually asked me lots of questions and, in some cases, some questions made me feel confident that the translation would be good because they asked the questions that suggested they understood the sentence I have written in as much depth as I hoped. But I have also had one or two questions that made me think: "My goodness, this person didn't understand a thing!" I can't say anything about it really. I don't quite know what's best.

But I think that literary translation is an art. It is very difficult translating poetry because you have to recreate, to some extent, you have to find out as much as you can how it works in the original language.

**TRANSLATOR:** One of my difficulties has to do with the simplicity of your language. We have to convey the meaning, the depth of the sentences that is beneath such simplicity and at the same time to express the simplicity.

**RG:** Yes, I think that you're absolutely right and that's why one or two of my translations have gone wrong. The publishers have decided just go for simplicity because it's more commercial. They translated only on the simplest level and to get the depth of the book I think it is more difficult.

I remember one question my German translator asked me once about the "Reef". The question she asked me at one point was very revealing: It was how to translate

“onionskin”. Do people know what onionskin means? As paper, as onionskin paper? The sentence is about someone reading and turning the pages and somewhere in the sentence the word onionskin is there.

In “Reef” the narrator is a cook who becomes a restaurant owner in the end. It’s a long story, it’s about growing up. It’s a story about someone becoming an artist as a cook. It’s not a great art book, it is the project of the growth of an artist.

Anyway the main character is a cook who educates himself by reading and the sentence is about him reading and turning the pages of this book and feeling the pages. Of course onionskin refers to pages that he is turning but we know from about fifty pages earlier that he has been cutting onions for days as well. And the smell of onions, the texture of onions is all his life and we also have him connected to hearing or talking or someone talking about the Bible and the Bible is often printed in onionskin paper.

So you need to translate the word in a way that would somehow have all those associations. And I think in German the word wasn’t going to work quite in the same way. It was a problem that the translator had to solve and the fact that she was asking me about this made me think she does understand how a lot of the stuff in this book is working and that it is not just a literal translation, but it’s a translation that needs an appreciation of all sorts of other things going on. And maybe things that I have no idea about but which a reader in English would be able to pick up.

**TRANSLATOR:** I have a particular question concerning the translation. It is on page 67. I’ll read: “I remember your mother... with a big open face. It was flat as a plate.... In the evening..... her face would absorb light and slowly become luminous like the moon.”

Does “big open face” mean honest, transparent? And what do you mean by “flat as a plate”?

**RG:** Yes, I remember writing the sentence and thinking hard about it. I think what I was trying to get at, but I don’t know whether it works (I don’t know if it is a plain sentence or a wonderfully good sentence.) But what I wanted was really almost the subliminal image that will come really with other stories as well.

The image I have in mind is the connection to the moon. I wanted the face to be like the moon that is rising in the sky (which will come again in the end of the other story “Monkfish Moon”). I wanted that sense of beauty that is almost untouchable because it’s so far away and the idea of the full moon as a plate in the sky but also as an offering. She herself is a woman who feels that she has given all to this man and it is not enough for him. She has, in a sense, offered him a plate full of devotion, love but it is not enough for him or he has ignored it.

**AUDIENCE:** I’d like to ask a simple question. I noticed that you ignored the punctuation and speech marks. I wonder what effect did you expect to achieve?

**RG:** There are several reasons for not having the speech marks in this story. I’m actually quite a traditional writer and usually I have speech marks in it. Most of my books do. Some contemporary British novels don’t have speech marks and quite often they don’t have chapters as well. In fact, I think last month some guy has produced a novel which is three hundred pages of one paragraph. It’s a novel set in a tenement block in Glasgow and I suspect it is impossible to read. The reason for not having the speech marks in this story, it’s mostly because I thought that the speech marks in the end would be more confusing than helpful, because there are very long long passages of monologue in which he is telling a story. By the time you get to the end you’ll see the end closing quotes and you won’t remember where the opening one was which would be rather distractive as you had to look where it started. So I thought I would dispense of it.

## FALHA NA GRAVAÇÃO

In translation I would expect really a translator to attend to that. It doesn’t matter where they put in the speech marks or not as long as that thought process has got been gone through to distinguish it from the other stories.

One of the big questions that comes up in translation is the use of different languages. So when I have, as I have in this, a few Sinhala words from Sri Lanka untranslated into English how is that to be treated? In translations of some books into

French and German there was quite a lot of pressure to put a glossary at the back to explain the words which I didn't want.

In English I used these words to be understood to the best of the reader's ability. So if you have no idea what this word means and why should you as a reader in English? I would want you to relate to the word on a physical level: to the sound of it, to the look of it and I'd hope that I have got it to write so that whatever you feel will work out. And I have tried I think in the earlier books to build on that and if somebody, you know, people these days don't read a writer all the way through... But in "Reef", my first book, this man is self educated and learns his own English. The language of the book changes from the beginning to the end as his mastery of the language changes. It changes in two ways: becomes slightly more sophisticated but more importantly is the ownership of language. The earlier part is very simple in its use of language and as it goes on he's less afraid of using unconventional language or Sinhala words when he feels like that.

And in subsequent books I have sometimes used some of those same words. Someone who has read the book without knowing what they meant would form an idea about it. And that idea I'm still using in another book. But that's an extra little pleasure for me.

Other question?

**AUDIENCE:** I've enjoyed your reading immensely and something that I noticed... and the way it sounded. It's quasi a dramatic vividness with an issue bringing out the characteristics of voices. And then, of course, I looked at the pages and you are graphically extremely discreet and your direct speech blends into reported speech. Would you acknowledge this tension? I mean on one hand your interest in the construction of characters, on the other hand is this practice in terms of management of your prose on the page?

**RG:** yes, fundamentally I would see it does. I mean the stories have to work on the page, because that's where they are. They're written from the page.

With a listening to a reading it's a different thing. It's a big big question. It's almost like translation really. As to how a text should be read.

I see that if I'm reading a text to an audience is actually a different experience from someone reading a story to himself/herself. To me reading is a hugely intimate experience, possibly the most intimate experience a human being can have, because it is you bearing your imagination and nothing else does it. And there is no interpreter between a text and a reader. So that your view of this boy Ranjit is entirely yours.

And that's to me is a very, very intimate experience you can't interfere with. But when I read out I'm actually attentive to that and I'm getting in between. Well some people say it's good because I read dramatically. They like that, they enjoy that performance perhaps.

When you look at Dickens's original manuscripts you can see that his reading copies are very different from his written copies. In his reading copies sometimes he actually rewrites sections for reading aloud. So there are changes from the third person to the first person for the reading. It's a different thing almost the same as creating a film out of the story. And its importance is because now we have audio books. In audio books people still like to have the dramatization because it's still another experience and it's very important to dramatize because you don't even have the speech marks and otherwise you don't know who is talking and you have to have different accents you also have to have different voices etc...

If you are a blind person who wants the experience of reading, and there are many people who are readers who became blind, what they want is that original intimate experience. But it's interesting; it's much like a translator. Are you trying to be a completely clear translator like a window? or are you going to interpret? Well you might interpret and you might be a wonderful translator and get all these other dimensions in, which an ordinary reader in English doesn't get. You know as we were talking to Fitch. You know, the questions you were asking for example and his own realizing that when he read the story he never thought about them. In a sense what we have to do, is to have all of that disguise so that only the very, very discerning reader will venture to get up to.

## Part II

(O início desta segunda parte, dedicada a aspectos culturais, não foi possível transcrevê-la na totalidade devido a uma falha na gravação.)

Another aspect to do with this is the plurality of identities. I don't know how you feel about it here, but certainly living in London you are very conscious of the plurality of the world and of the communities. And I certainly identify with that. I'm a Londoner more than anything else, partly because I've lived in London for a long time and I know that ninety per cent of the time I've lived in London longer than the person I'm talking with. I would be one of the old inhabitants there. And we can see it's a place where communities change and we can see different groups of people coming and going. You can see that whole evolutionary process going on, which I find exciting, interesting.

When I first went to England, I went to Liverpool, I lived in Liverpool for a few years. It has its own culture which is very different from the rest of the country. It is a very different city. It is like entering a different world. You pass a certain point here the music changes, jokes change and everything changes. It takes a little while to understand that accent, but once you do understand it, you realise you're in a different world.

Another thing I was going through was cricket which is thought to be as an example of England, a quintessential English thing and yet it isn't any more. It is played in all parts of the world. It is most popular in different parts of the world: south Asia. And people's relationship to it is different and I find interesting in terms of identity – for those who are interested in identity – is to look how people identify themselves or identify teams of any sport. I'm not a huge sports fan but this book explores the idea of how you identify with the group and how is it that people can identify the national team

in which perhaps half the team has nothing to do with the nation. It is true in football. It is not true in cricket. In cricket, national teams are usually, although not exclusively, hanging in there on the national scope. But what is really interesting is that though the teams may be national the allegiance to teams is no longer national.

Lots of people support the Sri Lanka cricket team, even though they are not Sri Lankan, because they just like them. I would support the Sri Lankan team, if they were playing against India but I would support India if they were playing against Australia. There's always an 'if'. If England was playing Sri Lanka, Sri Lanka of course; if India, I'm not sure. Who's worse? So, I usually support whoever is losing. But I'm not a huge fanatic. For the purpose of writing this book I have watched a lot of people and it is interesting to see what happens and what it does to your identity. It's a bit like joining a community and deciding that you are going to be part of this. In terms of culture it seems to me that language is a different thing. Language has its own requirements.

**AUDIENCE:** When did you go to Sri Lanka for the last time?

**RG:** I do go to from time to time. I haven't lived in Sri Lanka since I was a child. What is gratifying for me is that these different books on Sri Lanka are seen by the Sri Lanka readers, who are English speakers because the books have not been translated into Sri Lankan, as accurate evocations of different periods of time.

The crucial Sri Lanka aspect really begins in 2002 when the Sri Lanka cricket team first came to England and it was also when the war in Sri Lanka temporarily stopped.

Other people say I have nothing to do with Sri Lanka. And for me that's fine. It is not really about the place. It is about an imagined place. The same as when you read James Joyce's *Ulysses*. In a way it is all about Dublin, but, at the same time, it isn't. Joyce had left Ireland for ages. The same happens with Faulkner's stories that are set in the South. Yes, it is an invented place, but it is much more real than the real place.

**AUDIENCE:** Do you think you are more connected with Sri Lanka after all these years?

**RG:** Yes, I am. When I started writing this book and even when I started writing *Reef*. I hadn't been to Sri Lanka for some time, only very periodically. Through the writing I had to think about the history of the place. I had to understand how things worked. I had to rediscover that for myself and I felt much more connected with the place, far more connected than when I was living there as a child I was completely disconnected because I liked reading books, I used to read about James Bond or the Wild West. I wasn't really involved with the place I was living in and I really didn't want to. Through the writing and the fact that I have some readers there and the fact that I've been involved in workshops and festivals, I feel much more connected with the imagination of the people. But the whole notion of place I think it is really overrated, as meaning important, because to me I often know what is happening there much more immediately than some people who are living there because I look at the Internet, I see the news before somebody who is living there who wouldn't know what's happening down the road.

**AUDIENCE:** Would you say that what you write is rooted in Sri Lanka?

**RG:** I think that what I write deals with those roots but exactly not just there. The most recent book is very much set in north London where I live. It is very rooted in there. It has also a big section on the Philippines, and I lived there a period of my life, but I didn't want people to think about the Philippines when they were reading it. One of the wonderful things I read in a newspaper when they were talking about the book was that "maybe we Philippine have to rethink what does it mean to be a Philippine you don't have to be a Philippine to be a Philippine, because you just have to be here." Again, it's in the past, in the 60's, which for most young people living in Manila is a foreign country because they left to London. So I know more about it then they do. So it is actually more a part of me than a part of them. That is quite interesting.

For me, as a writer, I don't write autobiographically, but, by writing, writing becomes my life. So three years of my life you won't find anywhere except in this book because that's where it went, as the characters in that book discover. If you do read it, something in your life is going to change because part of your real life is in that book. If you're a reader, actually a lot of your life is spent in a book, in other stories. And that



notion how the stories feed off your life and how your life feeds off the story I think it's something quite magical, it's wonderful.

Thank you very much for attending this session.

## BIBLIOGRAFIA

Andresen, Sophia. (1965), Nota sobre a tradução. *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. Trad Sophia M. Andresen Porto: Lello.

Arrojo, Rosemary. (1996), “Estudos da Tradução na Pós-Modernidade, o Reconhecimento da Diferença e a Perda da Identidade.” *Cadernos de tradução 1*. Ed. PGET-UFSC

Benjamin, Walter. (1923), “The Task of Translator” *The Translation Studies Reader* second edition. Ed. Lawrence Venuti. New York: Routledge. 77-82.

Derrida, Jacques. (1998), “What is a relevant translation?” *The Translation Studies Reader*. Ed. Lawrence Venuti. New York: Routledge. 443.

Hatim & Munday. (2004), *TRANSLATION an advanced resource book*. Oxford, Routledge.

McRae & Findlay. ( ), “Varieties of English.” *The Oxford Guide to Literature in English Translation*. Ed. Peter France. Oxford, Oxford University Press. 34-38.

Munday, Jeremy. (2001), *Introducing Translation Studies- Theories and Applications*. London, Routledge.

Munday, Jeremy. (2009), *The Routledge Companion to Translation Studies*. Oxford, Routledge.

Newmark, Peter. (1981), *Approaches to Translation*, Oxford, Pergamon Press Ltd.

Oliveira, Alessandra Ramos. (2007), “Equivalência: Sinónimo de Divergência.” *Cadernos de Tradução XIX*. Ed. PGET-UFSC

Robinson, Douglas. ( ), "The limits of Translation." *The Oxford Guide to Literature in English Translation*. Ed. Peter France. Oxford, Oxford University Press. 15-19.

Schulte, Rainer & John Biguenet. (1992), Introduction. *Theories of Translation- An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Schulte & Biguenet. Chicago: Chicago UP.

Seligmann-Silva, Márcio. (1999), "Tradução como modelo de uma nova ética das relações interculturais." "Globalização, Tradução e Memória." *Cadernos de tradução 4*. Ed. PGET-UFSC. 152-157

Silva, Juliana A *et al.* (2007), "O Papel do Tradutor e o seu enfoque nos Cadernos de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina." *Cadernos de Tradução XX*. Ed. PGET-UFSC

Weissbort, Daniel & Astradur Eysteinnsson. (2006), "Recent and Contemporary Writings." *Translation Theory and Practice: A Historical Reader*, Oxford University Press.

## Sítios e Páginas da Internet

[A House in the Country | Teaching English | British Council | BBC](#)  
[www.teachingenglish.org.uk/.../a-house-country](http://www.teachingenglish.org.uk/.../a-house-country) -acedido em Junho 2009

### [A TRADUÇÃO: UM PERCURSO DE RETORNO À LINGUA MATERNA](#)

Pedroso, F, Sergio, “A TRADUÇÃO: “UM PERCURSO DE RETORNO. À LINGUA MATERNA”,2006

[cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/273.pdf](http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/273.pdf) – acedido em Julho 2009

[Activities - Xpeditions @ nationalgeographic.com](#)

“Culturalmarkers”

[www.nationalgeographic.com/xpeditions/activities/09/photography.html](http://www.nationalgeographic.com/xpeditions/activities/09/photography.html) -acedido em Junho 2009

[ayah - Definition from the Merriam-Webster Online Dictionary](#)

[www.merriam-webster.com/dictionary/Ayah](http://www.merriam-webster.com/dictionary/Ayah) - acedido em 26 Junho 2009

[BBC - Último Segundo - Entenda o conflito no Sri Lanka](#)

[ultimosegundo.ig.com.br/bbc/.../entenda+o+conflito+no+sri+lanka+4220926.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/bbc/.../entenda+o+conflito+no+sri+lanka+4220926.html) – acedido em Maio 2009

[Cadernos de Pesquisa - Social representation theories and gender ...](#)

[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext..](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext..) acedido em Julho 2009

[Ciberdúvidas da Língua Portuguesa](#)

[Etimologia]: [www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=20637](http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=20637) - acedido em 26 Junho 2009

[Consuming desire: Identity and narration in Romesh Gunesequera's Reef](#)Sharanya

Jayawickrama (Faculty of English, University of Cambridge).

[www.dur.ac.uk/postgraduate.english/reef.html](http://www.dur.ac.uk/postgraduate.english/reef.html) - acedido em Junho 2009

[DOSSIÊ - Revista Cult](#)

Carvalho, Vanessa, *Revista Cult* (18 Set 2007) EDITORA BREGANTINI

[revistacult.uol.com.br/website/dossie.asp?edtCode=3A4F02C2-6887-4DCB...](http://revistacult.uol.com.br/website/dossie.asp?edtCode=3A4F02C2-6887-4DCB...) –

acedido em Julho 2009

**[Dream Ink: At Home in the World--Romesh Gunesequera](#)**

[dreamink.blogspot.com/.../at-home-in-world-romesh-gunesequera.html](http://dreamink.blogspot.com/.../at-home-in-world-romesh-gunesequera.html) –acedido em Março 2009

**[Editing Britain, World War 2 & the Sama Samajists \(Open Library\)](#)**

[openlibrary.org/b/OL638005M?m-](http://openlibrary.org/b/OL638005M?m-) -acedido em Março 2009

**[Escrito a Lápis](#)**

Barrento, João (22 Abril 2008). “Traduzir # 1”. Entrada de Blog. *Escrito a lápis* [escrito-a-lapis.blogspot.com](http://escrito-a-lapis.blogspot.com) – acedido em Junho 2009

**[Funchal 500 Anos - 2008 - O COLECCIONADOR DE ESPECIARIAS \(ROMESH](#)**

...

[www.funchal500anos.com/04\\_detalhe.asp](http://www.funchal500anos.com/04_detalhe.asp)

**[JARDIM BOTÂNICO DE BELÉM DO PARÁ](#)**

[www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/.../jbotbelem.htm](http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/.../jbotbelem.htm) -acedido em Agosto 2009

**[1971 JVP Insurrection - Wikipedia, the free encyclopedia](#)**

[en.wikipedia.org/wiki/1971\\_JVP\\_Insurrection](http://en.wikipedia.org/wiki/1971_JVP_Insurrection) – acedido em Maio 2009

**[Language](#)**

[www.english.emory.edu/Bahri/Language.html](http://www.english.emory.edu/Bahri/Language.html) -

**[Margarida Vale de Gato | Bibliotecário de Babel](#)**

“Correntes d’Escritas” 18 Mar 2009.

[bibliotecariodebabel.com/.../margarida-vale-de-gato/](http://bibliotecariodebabel.com/.../margarida-vale-de-gato/) - acedido em Julho 2009

**[Multicultural writers since 1945: an A-to-Z guide - Resultado da pesquisa de livros do Google](#)**

**ROMESH GUNESEKERA (1954- )** [books.google.pt/books?isbn=0313306885...](http://books.google.pt/books?isbn=0313306885...)  
acedido em Fevereiro de 2009

**[Notable Books of the Year 1993 - The New York Times](#)**

[www.nytimes.com/1993/.../books/notable-books-of-the-year-1993.html?...](http://www.nytimes.com/1993/.../books/notable-books-of-the-year-1993.html?...) – acedido em Julho de 2009

[Novo Milênio: Pós-modernidade e a tradução como subversão](#)

11 Set 1998 ... <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/19980911.htm>.

[www.novomilenio.inf.br/idioma/19980911.htm](http://www.novomilenio.inf.br/idioma/19980911.htm) - acedido em Junho 2009

[O PODER DA TRADUÇÃO OU A TRADUÇÃO DO PODER DELFINA RODRIGUES ...](#)

**RODRIGUES, DELFINA, ...**

[www.eventos.uevora.pt/.../O%20PODER%20DA%20TRADUCAO%20OU%20A%20TRA...  
RA...](http://www.eventos.uevora.pt/.../O%20PODER%20DA%20TRADUCAO%20OU%20A%20TRA...) acedido em Maio 2009

[1127 Palestra.ppt](#) - Dia-a-dia Educação -

Ribeiro, Luiz, "HISTÓRIA CULTURAL" (Agosto 2006) Formato do ficheiro:

Microsoft Powerpoint - [Ver em HTML](#)

[www.seed.pr.gov.br/portals/noticias/arquivos11/1127\\_Palestra.ppt](http://www.seed.pr.gov.br/portals/noticias/arquivos11/1127_Palestra.ppt) - acedido em Junho 2009

[Representações sociais: a teoria e sua história](#)

[pt.shvoong.com/social-sciences/1674088-representações-sociais-teoria-sua-história/](http://pt.shvoong.com/social-sciences/1674088-representações-sociais-teoria-sua-história/) -  
acedido em Junho 2009

[Romesh Gunsekera](#)

[tracearchive.ntu.ac.uk/writers/.../moon.htm](http://tracearchive.ntu.ac.uk/writers/.../moon.htm) – acedido em Março de 2009

[Romesh Gunsekera](#)

**Prizes and awards:** 1997 Premio **Mondello Five Continents Asia** Prize Reef. **1998**  
**BBC Asia Award**

[www.contemporarywriters.com/authors/?p...](http://www.contemporarywriters.com/authors/?p...) – acedido em Março 2009

[Romesh Gunsekera | Teaching English | British Council | BBC](#)

[www.teachingenglish.org.uk/.../romesh-gunsekera](http://www.teachingenglish.org.uk/.../romesh-gunsekera) -acedido em Outubro 2008

**Soulbury Commission**

<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/555231/Soulbury-Commission>- acedido  
em Março 2009

## [Sophia de Mello Breyner Andresen](#)

**Hamlet**, de William Shakespeare, Porto, Lello, 1965. ...

[www.mulheres-ps20.ipp.pt/SophiaMBreyner.htm](http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/SophiaMBreyner.htm) -

## [SRI LANKA \(1\)](#)

**“BRIEF INFORMATION ABOUT SRI LANKA.”**

[www.apo-tokyo.org/gp/e.../Penang\\_Symp\\_P193-205.pdf](http://www.apo-tokyo.org/gp/e.../Penang_Symp_P193-205.pdf) -acedido em Junho 2009

[SRI LANKA: THE PEARL OF INDIAN OCEAN, A PARADISE, A TEARDROP](#)

[www.sdb.org/CG26/gc26web/gn/0503ap/pint-pt.doc](http://www.sdb.org/CG26/gc26web/gn/0503ap/pint-pt.doc) - acedido em Julho 2009

## [TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E TEORIAS DE GÊNERO](#)

ARRUDA, ANGELA, **“TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES. SOCIAIS E TEORIAS DE GÊNERO”**, *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 127-147, novembro/2002. [www.acaoeducativa.org.br/.../teoria\\_das\\_representacoes.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/.../teoria_das_representacoes.pdf) - acedido em Julho 2009

## [tradução](#)

**Ceia, Carlos “tradução”**

[www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/T/traducao.htm](http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/T/traducao.htm) – acedido em Julho 2009

## [Traduções e Desconstruções Translations and Deconstructions Resumo](#)

Soares, Débora “Um novo olhar para a tradução: a perspectiva da desconstrução”, *Traduções e Desconstruções*. [revistadosell.letras.uftm.edu.br/Tradu.pdf](http://revistadosell.letras.uftm.edu.br/Tradu.pdf) – acedido em Julho 2009

## [TRANSLATION, POST-COLONIALISM AND POWER](#)

**Tervonen, Taina “TRANSLATION, POST-COLONIALISM AND POWER”**

[www.africultures.com/anglais/.../taina\\_colo.htm](http://www.africultures.com/anglais/.../taina_colo.htm) -acedido em Junho 2009

## [Two short stories by Romesh Gunesequera - enCompass Culture](#)

[www.encompassculture.com/.../twoshortstoriesbyromeshgunesek/](http://www.encompassculture.com/.../twoshortstoriesbyromeshgunesek/) -acedido em Outubro 2008

## [Viagens ao Sri Lanka](#)

[www.almadeviajante.com/.../sri-lanka/viagens-srilanka.php](http://www.almadeviajante.com/.../sri-lanka/viagens-srilanka.php) –acedido em Junho 2009

**VISIBILIDADE PROBLEMÁTICA EM VENUTI**

LF de Freitas - 2003 *VISIBILIDADE PROBLEMÁTICA EM VENUTI*.

[www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/.../5756](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/.../5756) -acedido em Julho 20098



## Índice

<b>RESUMO</b> .....	4
<b>SUMÁRIO</b> .....	5
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	
O tradutor, um intérprete de culturas .....	6
Romesh Gunsekera: Apresentação biográfica. Justificação do interesse pela tradução desta obra .....	8
Um escritor entre culturas .....	12
<b>2. TRADUÇÃO</b>	
Uma casa no campo .....	19
Prisioneiros .....	32
Alma-de-mestre .....	48
Ullswater .....	54
Carapaça .....	66
A lua do peixe monge .....	71
<b>3. ADENDA</b>	
Entrevista com o autor .....	83
<b>Bibliografia</b> .....	98
<b>Sítios e Páginas da internet</b> .....	100